



RAUL POMPEIA

AS
JOIAS
DA
COROA

CLUBE DO LIVRO - SÃO PAULO - 1962

LIVROS INTEIRAMENTE GRÁTIS

Escolha um dos livros abaixo relacionados. Ser-lhe-á dado, grátis, se conseguir para o «Clube do Livro» um novo sócio, pagando este a taxa única de expediente de 60 cruzeiros:

«A sombra do Trono», A. Bennet; «Pan», Knut Hansum (Prêmio Nobel); «O Professor», Charlotte Brontë; «Além da Chinela», Aristides Ávila; «Árvore Irmãs», J. Yamashiro; «O homem do realejo», P. du Terrail; «Aventuras de Gil Blás», R. Lesage; «A Potranca côr de ouro pálido», Alida Malkus; «O Disco de Ouro», R. Burland; «Lilliana», H. Sienkiewicz (Prêmio Nobel); «Mirita e o Ladrão», Afonso Schmidt; «Judas Iscariotes», L. Andreiv; «Pôrto do Remanso», Geraldina Marx; «O Escândalo», Pedro Alarcón; «O Espião», P. E. Oppenheim; «Contos Fluminenses», I e II, Machado de Assis; «Cinzas da Esperança», Barros Ferreira; «Bruges, a Morta», G. Rodembach; «Espendor Selvagem», W. Aureli; «As Duas Rosas», R. L. Stevenson; «O Quarto Vermelho» A. Dumas.

Se V. S. conseguir 4 sócios, ser-lhe-á dada, gratuitamente, a imortal obra de Vitor Hugo: «OS MISE-RAVEIS».

Se V. S. conseguir 5 sócios, ganhará um destes famosos livros: «QUO VADIS», de H. Sienkiewicz; «RICARDO, CORAÇÃO DE LEÃO», Walter Scott; «BENHUR», de Lewis Wallace.

Se V. S. conseguir 8 sócios, ser-lhe-á dado o primoroso livro de viajens de Mário Graciotti, «EUROPA TRANQUILA» (Prêmio «Carlos de Laet», da Academia Brasileira de Letras), atualmente em 4ª edição, e se conseguir 15 sócios receberá a importante e instrutiva obra «O MUNDO ANTES DO DILÚVIO», do mesmo autor.

A taxa única de expediente, de 60 cruzeiros, deverá ser encaminhada ao respectivo representante no ato da inscrição do novo sócio, ou ao nosso entregador ou à sede da Editôra. O proponente ou o próprio candidato tem o direito de escolher, grátis, um dos livros acima.

ESTRADAS OPOSTAS , romance de Claude Ubald	Cr\$ 120,00
QUINZE MAIS UM , contos de Odette Mutto	Cr\$ 120,00
O PASSARO EXATO , poesia de Reinaldo Castro	Cr\$ 150,00
A PONTE PRATEADA , romance de Manfred Kyber, trad. de Maria Luísa	Cr\$ 260,00

Os associados do «Clube do Livro» e as pessoas residentes em localidades, onde houver ou não representante nosso, poderão adquirir estas obras, aqui anunciadas, ou qualquer outro livro, através de nossos representantes ou entregadores ou solicitá-las, pelo Serviço de Reembólso Postal, à

EDIBRA

CAIXA POSTAL 38, SÃO PAULO — BRASIL

“Uma casa sem biblioteca é como um corpo sem alma”

Dezembro: — O ASSALTO PAI GORIOT — Honoré de BUNDO TOCA EM SURSUM; PUSSANGA — Pereira — Jorge Isaces; NOITES de Dostolewski; O CRIME — M. del Picchia; O — Pedro de Alarcón; O STA — Anatole France; O GARATUJA — José RO DOS VENTOS UIVAN-Brontë; O MORRO DOS S — II — Emily Brontë.

a Dezembro: ZANZALÁ e U — Afonso Schmidt; A AÇÃO DE VAUTRIN — UM MARIDO IDEAL e Wilde; MEMORIAL DE de Assis; REGRESSO — A OLESSOVA — Máximo AO e DIVA — José de ESCARLATE — Nathaniel CORRENTE — Clara Ribeiro Couto; COLOM-irimée; AS MIL E UMA

a Dezembro: A SOMBRA — Afonso Schmidt; O RO-DBRE PROFESSOR — JOHA DO MEIO-DIA — BAR-ASMURRO — Machado de S DE MARCO POLO; AS TES, II; A TEORIA DE tidas Ávila; SÃO JULIÃO, — Gustave Flaubert; AS TES, III; A PATA DA INHA — José de Alencar; TE TÓRRES — Nathaniel L E UMA NOITES, IV.

VENTURAS DE INDALÉ- dt, Fevereiro: CORONEL talzac; Março: AS MIL E e último volume; Abril: Cláudio de Souza; Maio: A ZE, P. Merimée; Junho: eckoff; Julho: YAYÁ GAR- Assis; Agosto: TARTARIN adet; Setembro: O MÉDICO t. L. Stevenson; Outubro: I, José de Alencar; No- D'OURO, II, José de O MENINO DA BOLA,

OS BOÊMIOS, Afonso : ROMANCE DE UM Octave Feuillet; Março: O BO, George Sand; Abril:

NOTA EXPLICATIVA

RAUL POMPÉIA E O COLÉGIO PEDRO II

Completamente desconhecido do público, dos historiadores da nossa literatura, dos críticos e ensaístas, este romance de Raul Pompéia aparece em livro pela primeira vez. Mais um serviço que o "Clube do Livro" presta às letras brasileiras. Raul Pompéia é conhecido, apenas, como o autor de "O Ateneu", obra marcante do nosso período naturalista, e das "Canções sem metro", poemas em prosa burilados durante anos, na busca torturante da perfeição. Suas demais obras, inclusive o romance de estréia, "Uma Tragédia no Amazonas", permanecem no esquecimento. Mas este romance, "As Jóias da Coroa", tem uma significação especial, e não poderia continuar escondido nos arquivos da imprensa carioca.

Publicado como folhetim de "A Gazeta de Notícias", do Rio, o romance "As Jóias da Coroa" não trazia o nome do autor. Esse fato, e a sua natureza folhetinesca, certamente concorreram para que fôsse menosprezado. Acrescente-se ainda tratar-se de uma sátira à monarquia. Mas precisamente por tudo isso é que nos parece importante a publicação deste romance, a cujas implicações históricas devemos ainda juntar a revelação de uma fase de desenvolvimento do processo literário do autor, bem como as indicações psicológicas que a análise dos personagens nos oferecerá.

A natureza folhetinesca deste romance propicia-nos um conhecimento mais direto da psicologia do autor. Capistrano de Abreu já notara que Raul Pompéia conservava, na sua concepção do romance: "resquícius de romançalhão". Esses resquícius não desaparecem na sua obra-prima, "O Ateneu", que Mário de Andrade chamou de "caricatura

sarcástica". Apenas se disfarçam, graças ao aprimoramento estilístico da obra. Mas em "As Jóias da Coroa" êles aparecem nítidos, sem disfarces. O autor atira-se de corpo inteiro no dramalhão romântico antiaristocrático, de defesa da burguesia e do liberalismo.

Olívio Montenegro, referindo-se a "Uma Tragédia no Amazonas" e ao "O Ateneu", ambos carregados de amargura e frustração, adverte que Raul Pompéia dá a impressão "de uma natureza imatura". Êsses traços de primitivismo e imaturidade, que fazem de Raul Pompéia uma criatura agressiva e um escritor sarcástico, marcam "As Jóias da Coroa", da primeira à última página. Se os personagens de "O Ateneu" são todos ridículos ou perversos, com exceção apenas de *Elma*, os personagens de "As Jóias da Coroa" se dividem em duas classes: os amorais e as vítimas, com exceção apenas de *Conceição*. Mas a força do escritor se revela exatamente neste fato: com toda a sua acidez, todo o seu pessimismo, Raul Pompéia consegue, mesmo num folhetim, criar em suas páginas um clima de beleza e ternura.

Vejamos, como exemplo, êste momento em que o duque de Bragantina, o vilão, se aproxima do leito de sua possível vítima: "Conceição estava dormindo... Os lençóis cercavam-na como um ninho de *édredon*... Além de pequenina, ela se encolhia com uma timidez infantil. Cabia toda num beijo". E, logo mais, esta visão do lobo vencido pela pureza da vítima: "À beira daquele abismo de juventude e sedução, o duque cambaleava de vertigem. Cada passo que dava era um arrependimento e uma vontade de fugir. A posição inocente da mocinha adormecida causava-lhe temor. Tanta candura fazia-lhe medo. Era pavorosa aquela virgindade!"

Neste pequeno trecho, temos a mostra da agressividade e da capacidade estética do autor. O duque de Bragantina, caricatura injusta e impiedosa, serve de motivo para uma cena da mais alta beleza literária. Em outros trechos, que são numerosos, o sarcasmo se adoja em ironia, repassada de graça e finura. Já em outros momentos, porém, a agressividade reponta, como nas referências ao marquês d'Étu, chamado "o príncipe dos cortiços". Todos êsses exageros,

entretanto, se justificam e se tornam perdoáveis, quando nos lembramos de que Raul Pompéia, além de seu temperamento amargo, era um homem sem crença e sem esperanças, em luta contra a escravidão e contra as injustiças do regime monárquico.

Essa lembrança nos leva a uma conclusão de importância capital para a avaliação deste romance. Se "O Ateneu" é uma vingança direta do autor contra o Colégio Abílio, como quer Mário de Andrade, "As Jóias da Coroa" não será vingança indireta contra o Colégio D. Pedro II? Nesse colégio, Raul Pompéia privou com os netos do Imperador e teve oportunidade de sofrer as consequências de protecionismos injustos. Eloy Pontes informa, em sua biografia do romancista, que: "O Imperador, que dera o nome para orago do estabelecimento, visitava-o a miúdo, seguindo os passos dos programas, prescrevendo normas e disciplinas e estimulando quantos ali hauriam os efeitos tônicos do saber". Raul Pompéia hauriu suficientemente êsses "efeitos tônicos", mas, à maneira de Descartes quanto ao Colégio de La Flèche, preferiu voltar-se, depois, para "o grande livro do mundo".

"As Jóias da Coroa", que o "Clube do Livro" agora nos oferece, nesta primeira publicação do romance em volume, seguido de outros trabalhos de Raul Pompéia, extraídos de jornais da época, é, portanto, um livro de inegável interesse para o estudo do autor, de sua vida, de sua personalidade complexa e de sua obra. Um livro que deleitará o leitor e oferecerá elementos novos para os estudiosos de nossa literatura.

HERCULANO PIRES

*

São Paulo, 1.º de abril de 1962

CLUBE DO LIVRO

INTRODUÇÃO

PERFIL DE UM GIGANTE

Surge à luz da publicidade mais um livro de Raul Pompéia, o famoso autor de "O Ateneu" Espírito brilhante, romancista de prestígio, legou à posteridade um nome, que figura em nossa literatura ao lado dos grandes escritores, como: Machado de Assis, Aluízio Azevedo, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Sílvio Romero e outros, que caracterizam um período de profundas transformações literárias. Nesta ebulição de transformismos, eclodiu uma personalidade, que não se confundiu com nenhum deles, marcando, através de sua obra, características pessoais.

Ainda no alvorecer da popularidade, Capistrano de Abreu informa, por intermédio de um artigo publicado na "Gazetilha", então dirigida por Artur de Azevedo, a existência de um romance de Raul Pompéia, publicado em rodapé na "Gazeta de Notícias", de 30 de março a 1.º de maio de 1882, sob o título de "As Jóias da Coroa", que Elói Pontes, Brito Broca e outros relacionam como sendo das legítimas obras do insigne autor. Ainda num destes jornais, envelhecidos pelo tempo, amarelados pela glória ou pela desventura, carcomidos pelas traças, consultados e manuseados por críticos e leitores, encontramos a curiosa comparação de Capistrano de Abreu entre o autor de "O Mulato" e o escritor de "O Ateneu":

"Em minha opinião, Aluízio Azevedo e Raul Pompéia serão os dois maiores romancistas da nova geração. Ambos têm muitos pontos de contacto, e as suas obras nos pormenores não de, por vêzes, talvez frequentemente, coincidir. Mas Pompéia é e ficará sempre um pouco menino. Aluízio foi e será sempre um homem. Portanto, ao passo que êste se atirará ao romance social e propagandista, aquê abicará no romance estético e parnasiano...

Raul de Avila Pompéia nasceu em Jacuacanga, município de Angra dos Reis, a 12 de abril de 1863. Foi numa fazenda de cana-de-açúcar de propriedade dos avós maternos que o "sempre" menino viu com seus próprios olhos um panorama encantador da vida agitada e burguesa de então. Na baía, pousavam as velas das barcas, movimentadas pelos ventos e brisas, marcadas pelo estigma de uma vida marítima, forçada

pelo braço cativo, que fomentava a opulência dos ricos burgos e a austeridade de um período de coronéis. Uma sociedade formada pelas sinhás e sinhôs, sinhâzinhas e sinhôzinhos, que desconheciam a vida prática, que detestavam o esforço, mergulhados no sonho letárgico de um mundo tranqüilo, destituído de sacrifícios e regado de amplas e irrevogáveis reivindicações. O braço cativo, o negro, saciando as vontades do mais exigente capataz, do amo severo e arrogante; a mãe preta, regando com pranto um drama sentido na própria carne.

Raul Pompéia, segundo filho do casal dr. Antônio d'Ávila Pompéia e de d. Rosa Teixeira Pompéia, era descendente de senhores feudais, habituados à abastança e ao regalo e que viviam como num claustro, mergulhados na rigidez de uma vida anti-social.

Vamos encontrar o menino Raul — segundo Capistrano de Abreu — imerso num clima de ostracismo, cercado pela severa disciplina paterna, antevendo, através das vidraças de uma daquelas fazendas coloniais, um panorama colorido dos campos, com a escravatura vigiada pelo feitor, a molecada a correr pelos campos numa algazarra álaçre e infantil. Tudo isso recortava a personalidade do menino. A Guerra do Paraguai, recrutando jovens e velhos, a carnificina descrita, o ambiente cercado de horrores vêm contribuir com parcelas ponderáveis na índole sentimental do jovem. Depois, cessa tudo com a mudança da família para o Rio de Janeiro, para o bucolismo da Côrte, para o internato do Colégio, dirigido, através de um sistema pedagógico revolucionário, pelo dr. Abílio César Borges, barão de Macaúbas, a angariar prestígio e glória com o seu estabelecimento durante várias décadas.

Em 1873, o pequeno Pompéia ingressa, pois, no Colégio Abílio, em que se metamorfoseia o seu caráter e se altera aguçadamente a sua sensibilidade. Dessa fase marcante da vida do escritor Raul Pompéia, encontramos certa correlação com a sua meninice, certos trechos de "O Ateneu", expressando pontos de contacto como que autobiográficos.

"— Vais encontrar um mundo — disse-me meu pai, à porta do "Ateneu". Coragem para a luta..."

Eis como começa a crônica das saudades, refletindo exatamente com a primeira visita de pai e filho ao velho prédio das Laranjeiras, onde funcionava o Colégio Abílio. Se não são precisamente essas palavras, ao menos elas retratam fielmente, em parte, a sua própria vida:

"Eu tinha onze anos. Frequentava, como externo, durante alguns meses, uma escola particular do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglêsas, sob a direção do pai, distribuíam

educação à infância como melhor lhes parecia. Entrava às 9 horas, timidamente, ignorando as lições com a maior regularidade, e bocejava até às duas, torcendo-me de tédio sobre os carcomidos bancos de pinho, lustrosos do contacto da malandragem de não sei quantas gerações de pequenos. Ao meio-dia, davam-nos pão com manteiga. Esta recordação gulosa é o que mais pronunciadamente me ficou dos meses de externato; com a lembrança de alguns companheiros — um que gostava de fazer-nos rir, espécie interessante de mono louro, arrepiado, vivendo a morder, nas costas da mão esquerda, uma protuberância calosa que tinha; outro, mimado, adamado, elegante, sempre retraído, que vinha à escola de branco, engomadinho e radioso, fechada a blusa em diagonal do ombro à cinta por botões de madrepérola. Mas adiante, ainda: a primeira vez que ouvi certa injúria crespa, um palavrão cercado de terror no estabelecimento, que os artistas denunciavam às mestras por duas iniciais como em monograma. Lecionou-me depois um professor a domicílio...”

Assim, aquela frase filosófica “Vais encontrar um mundo...” cravara no espírito do menino uma vontade inabalável da descoberta de um panorama novo em troca daquelas paisagens delineadas por pincéis reminiscentes da infância despreocupada, imersa na fantasia dos brinquedos. E um outro trecho de “O Ateneu” para elucidar um período da vida do escritor:

“Apesar dêste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacado do concheio da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade. Amarguei por antecipação o adeus às primeiras alegrias, olhei triste os meus brinquedos, antigos já! Os meus queridos pelotões de chumbo! Espécie de museu militar de tôdas as fardas, de tôdas as bandeiras, escolhida amostra da fôrça dos Estados, em proporções de microscópio, que eu fazia formar o combate como uma ameaça tenebrosa ao equilíbrio do mundo; que eu fazia guerrear em desordenado apêrto — massa tempestuosa das antipatias geográficas, encontro definitivo e ebulição dos seculares ódios de fronteira e de raça, que eu pacificava por fim, com uma finalidade de Providência Divina, intervindo sãbiamente, resolvendo as pendências pela concórdia promíscua das caixas de pau. Fôrça era deixar à fergugem do abandono o elegante vapor de linha circular do lago, no jardim, onde talvez não mais tornasse a perturbar com a palpitação das ondas a sonolência morosa dos peixinhos rubros,

dourados, argentados, pensativos à sombra dos tinhorões, na transparência adamantina de água...”

É a ebulição guerreira do pensamento do escritor ao evocar aqueles deliciosos momentos em que os meninos, na lufalufa morosa dos dias, guerreavam com soldadinhos de chumbo, formando batalhões com dois generais austeros, que procuravam a vitória na batalha da vida.

Raul Pompéia, integrado na vida colegial, manuscreeve, em 1874, um jornal denominado “O Archote”. Sua atividade escolar demonstra pendores para a música e para os livros. Merece destaque aquela observação de um dos seus boletins escolares, que dizia: “É um menino de grandes esperanças...”

Desconhecem-se os motivos que teriam levado os pais de Pompéia a tomarem a decisão de retirá-lo dessa escola para matriculá-lo no Colégio D. Pedro II. Aí, entre outros rapazes idealistas e fundadores do Grêmio Literário “Amor ao Progresso”, edita a revista “As Letras”. O pequeno jornalista d’“O Archote” demonstra a sagacidade e destreza aos dezessete anos, escrevendo com clareza e simplicidade. Fixa em “Serenade” uma bela página de lirismo, de poesia e de música:

“...aquela estrêla, que expandia pelo firmamento uma claridão côm de pérola melancólica e doce, parecia-se com o ponto luminoso que, único, resplandecia na deliciosa noite das suas cismas. Ela pensava em alguém que lhe dissera: olha para a estrêla da tarde e dois olhares se cruzarão. Ela olhou... Vênus apagara-se num vaporzinho prateado que dormia sôbre um outeiro ao longe... Dos olhos da jovem, desprendeuse uma gôta cristalina, que foi num caminho de violetas de jardim confundir-se com a umidade do orvalho...”

Corria o ano de 1880, quando regressa da Europa, celeiro da cultura, o vitorioso Carlos Gomes, onde triunfara no “Scala”, de Milão, com o “Guaraní”, polarizando e encantando corações. A cabeleira vasta e ouriçada, a fronte larga, a expressão de caboclo, a simplicidade de nervosismo nos gestos e nas palavras deram ao homem Carlos Gomes uma imagem de genialidade. Partira para a Europa com estímulo e auxílio pessoal do imperador D. Pedro II, angariando e retribuindo à altura aquela dádiva. Estava de volta, não o homem, mas o gênio Carlos Gomes. A mocidade nos alvoroços entusiásticos formava comissões para saudar o gênio patricio, o ilustre brasileiro da cidade paulista de Campinas. À frente da juventude, despontava Pompéia que, diante do Imperador e da Côrte, destituído do republicanismo que o caracterizaria dois anos depois, saudou D. Pedro para depois enaltecer o maestro:

“Carlos Gomes! O amor que se consagra aos gênios tem sempre mescla de admiração! A mocidade contempla em vós o dileto de Euterpe, o gênio das harmonias, e possam as minhas rudes expressões, qual tósca cornucópia, vaziar sôbre vós, com as flôres do amor, as palmas da admiração... Mas, silêncio! Alguém vos olha de longe, das brumas do porvir... acena-vos com um ramo de louros. É mais imponente do que a majestade dêste lugar... Cala-te, voz fraca do presente! É o vulto da posteridade...” (1)

Nesse mesmo ano, o jovem Pompéia consagrava-se como autor ao publicar o seu primeiro livro: “*Tragédias no Amazonas*” Capistrano de Abreu saudou-o num artigo publicado na “Gazeta de Notícias”, ao afirmar: “imprimiu-o, sem que ninguém o soubesse e sem que ninguém o auxiliasse, com as economias feitas em passagens de bondes e no *argent de poche* (2). No tempo do vintém — e quem poderá negar que seu pai não o tenha auxiliado? — já obtinha êxito e renome nos meios literários. Um sentimento paterno poderia levá-lo a auxiliar o filho, que tão brilhantemente se iniciava. Quem sabe se anônimamente! O livro impresso começa a fazer furor, notadamente quando Carlos de Laet, crítico de nomeada, lhe tece algumas considerações elogiosas no “Jornal de Comércio”.

Começa a luta heróica em prol da causa dos menos favorecidos. Assina um artigo contra o Ministério, provocado pelo impôsto do vintém. É “*Um moço do Povo*” que agita o Rio. Veemente, corajoso, o “menino” Pompéia abre luta na campanha abolicionista, indo aos extremos, até à obstinação. Nunca

(1) Antônio Carlos Gomes, o maior compositor brasileiro, nasceu na cidade paulista de Campinas a 11 de maio de 1837, falecendo em 1896, na cidade de Belém, Pará. Aplaudido nos centros europeus da música, Carlos Gomes engrandeceu o nome do Brasil, e o monumento, de autoria de Rodolfo Bernardelli, que a sua cidade natal ergueu em sua homenagem, atesta o preito de gratidão de seus conterrâneos. Deixou inúmeros trabalhos, óperas, canções, estudos, entre os quais figuram: “Noite do Castelo”, “Joana de Flandres”, “Se Sa Minga”. “O Guarani” (cantada no Teatro Scala de Milão na noite de 19 de março de 1870), “Maria Tudor”, “Fosca”, “Salvador Rosa”, “Condor”, “Schiavo”, “Morena”. “Cântico dos Cânticos”, “Cristóvão Colombo” etc.

A cidade de São Paulo levantou-lhe um monumento na Praça Ramos de Azevedo, ao pé do Teatro Municipal, para perpetuar a admiração e a saudade que os brasileiros têm pelo genial filho de Campinas. (Nota do “Clube do Livro”).

(2) Em francês. “*argent mignon*”, isto é, ao pé da letra, dinheiro pequeno, significa: dinheiro de reserva, economia; “*argent de poche*”, isto é, dinheiro de bolso, miúdo, tem o mesmo significado. (Nota do “Clube do Livro”).

se retraiu contra as ignomínias, desconhece o meio-térmo, fortalecido ante as “coerências enérgicas do caráter” e tôdas as características da sua personalidade estão sintetizadas na sua obra. O artigo “*A Vergonha*”, violento e agressivo, mostra a faceta de um abolicionista, inspirado nos versos de Castro Alves:

*“Andrada, arranca êste pendão dos ares!...
Colombo, fecha a porta dos teus mares!”*

Escreve um artigo de relêvo no jornal do Grêmio, “*As Letras*”, quando ainda aluno do Colégio D. Pedro II:

“...quando raiar a aurora dessa afronta, é que o pendão auriverde há de expandir-se. Apagai da História o romance lúgubre da escravidão, que lhe ides escrevendo à margem. E apagá-lo-eis, parando, porque quem pára no atentado está arrependido, e contra às águas saltares do arrependimento nada resiste!...”

Antes do término do curso, Raul Pompéia desencadeia uma luta cega contra o prof. de grego, dr. Teodoro Schieffer, resultando a sua reprovação na matéria. Fêz quatro vêzes o exame de grego até à sua definitiva aprovação. Nesse ínterim, inicia-se a campanha abolicionista, quando a imprensa, mergulhada no cosmopolitismo do Rio de Janeiro, lutava para conseguir eco, através dos artigos de José do Patrocínio, Ferreira de Araújo, Joaquim Serra e outros. Os primeiros resultados do abolicionismo surgiam, graças à Lei Rio Branco de 1871, libertando o ventre escravo. Vozes do Norte davam exemplos meritórios. Raul Pompéia iria conhecer Luís Gama, a voz evangelizadora da liberdade. As repúblicas estudantis da Paulicéia aumentavam, abrigando a estudantada. A cidade apresentava, então, um aspecto desolador, quanto à sua urbanização. Ruas disformes, casinholas de sótão, característica colonial; o vale do Anhangabaú, alagadiço em tempos de chuva, poucos teatros e muita tradição. Os estudantes eram inegavelmente a vida da Cidade no período do fim do século XIX. A Academia de Direito do Largo São Francisco, celeiro de inteligência da Bahia, Minas e outros Estados, abrigando os moços que dariam ao Brasil um período de glórias e tradições.

A Abolição e a República foram os ideais dos estudantes de São Paulo. Raul Pompéia, descrente, trava amizade com Luís Gama, o moço liberto, e colabora em todos os jornais de vida efêmera. Colabora no “*Comédia*”, que morre. Nasce logo: “*Entrato*”, que passa a denominar-se “*O Boêmio*”, a

partir do sexto número, onde Pompéia demonstra a sua habilidade como caricaturista. Numa "charge", esmaga o jornal de Campinas, com a seguinte legenda: "Agonia e morte do "Diário de Campinas"

Surgem as férias e Pompéia regressa ao Rio, onde, através de Capistrano de Abreu, inicia a sua atividade jornalística na "Gazeta de Notícias." Volta a São Paulo e, ao lado de Luís Gama, cerra fileiras na luta abolicionista, em agosto de 1882, quando publicam o "Ça Ira", órgão do Centro Abolicionista de São Paulo. Pompéia torna-se profético, sagaz e feroz. Ataca ferrenhamente os escravocratas num longo artigo, do qual destacamos um parágrafo:

"A voz do direito não pode ser abafada pelo arrôto das consciências dispépticas de advogados, que cunham moedas com o ouro virgem da estátua da Justiça. Legalize-se como se quiser, puxe-se e repuxe-se o elástico das honestidades carnavalescas dos juristas mercantes, apregoe-se pelas quatro ventanias, com tôdas as buzinas da venialidade barata, com tôdas as imprensas tísicas de província, anuncie-se por tôda parte e por todos os modos que a escravidão é a mais pura das instituições... A escravidão permanecerá crime, crime, crime..."

Um dia, Luís Gama morre e gera um profundo abalo em Pompéia. Amigos, admiradores, inimigos, todos; todos acorrem para o Brás, para a casa de Luís Gama que, idêntico a uma imagem de Cristo, jaz na sala, cercado do titilar de pássaros, coberto de flôres e regado pelas lágrimas. Morto Luís Gama, o evangelizador da liberdade, o baluarte da causa abolicionista, continua a luta incessante.

Neste ano, a "Gazeta de Notícias" publica em folhetins o romance "As Jóias da Coroa", satirizando a Monarquia. No ano seguinte, inicia a sua obra "Canções sem Metro", publicada no "Jornal do Comércio". O fim de ano amargo surge, anunciando-se a reprovação de Pompéia, nos exames. Qual o motivo? A luta abolicionista? Uma pergunta a que somente os entendidos escravocratas poderiam responder...

Em 1884, conjuntamente com outros estudantes paulistas, Pompéia encontra-se em Recife, onde se hospeda em hotéis baratos. Em 1885, grassa a febre amarela. Por pouco, não contrai a febre. Trava sólida amizade com Rodrigo Otávio, trocam idéias, lêem constantemente juntos, comentam e discutem. Os dois amigos, certo dia, após longo passeio pelos arredores de Recife, foram surpreendidos por forte aguaceiro. Entraram numa taberna e lá iniciaram uma

briga de copos de conhaque, gerando lamentáveis consequências, surgindo daí a completa aversão de Pompéia ao álcool. Durante os dois anos que Pompéia permaneceu em Recife, pouco ficou dessa época, a não ser algumas páginas do livro "Alma morta", certas cartas que giravam em torno da auréola sacrossanta de Tobias Barreto, mulato que tentava revolucionar os meios culturais com a introdução de um espírito germânico. Pompéia formou-se em Direito e regressou ao Rio, ao hermetismo do lar paterno. Não quis seguir a carreira jurídica, preferindo o jornalismo à procura de êxito. Frequentava a Confeitaria Colteau, imiscuindo-se em rodas boêmias, levando vida irregular, que começava a preocupar o dr. Antônio Pompéia, antigo juiz, homem de modos sombrios e severos.

Entra o ano de 1888, o ano de grandes romances, combatidos e elogiados. Surgiam nas mãos das gentis iaiás as "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "A Casa de Pensão", "O Cortiço", além dos livros de Alencar e Macedo, quando, em abril, a "Gazeta de Notícias" anunciou a publicação de "O Ateneu", gerando um clima de apreensão, devido à nota introdutória. Uma galeria de personagens, onde se destacava o drama de um adolescente, dissecando e analisando minuciosamente a sua existência. Muito teríamos para escrever sobre o "O Ateneu", obra concisa, marcando com características essenciais a personalidade do escritor que se consagrava. Terminado o romance, que também fôra publicado em livro, inicia Pompéia uma série de artigos intitulados "Pandora". Colabora no "Diário de Minas", escreve para "A Rua", de vida efêmera, e, por fim, no "Jornal do Comércio"

As lutas políticas culminaram com a Proclamação da República, sob a chefia de Deodoro, o qual foi eleito Presidente pela Constituinte de 1890, e, pouco depois, não encontrando o necessário apoio, renuncia ao cargo, subindo ao poder o Vice-Presidente Floriano Peixoto. Surgem, então, dois grupos de intelectuais, um antiflorianista e outro adepto do Governo, fazendo parte dêste Paula Ney, que fôra nomeado funcionário público, e Pompéia também nomeado professor de Mitologia da Escola de Belas Artes, uma nomeação que daria muito pano para mangas e inclusive um quase duelo com Olavo Bilac. Após uma troca de insultos pela imprensa, Pompéia e Bilac encontraram-se num terreno baldio, fronteiro ao Jardim Botânico. A polícia, cientificada, interveio no caso, e novo local foi designado para o duelo. Desta vez, a escolha recaiu no "atelier" de Rodolfo Bernardelli. A ten-

tativa dos revides foi frustrada. Bilac declarou-se ofensor, dando por terminada a questão. O duelo irrealizado gerou anomalias no espírito de Pompéia, criando uma espécie de complexo de inferioridade. Em 1894, Floriano nomeou o autor de "O Ateneu" para exercer o cargo de Diretor da Biblioteca Nacional.

O Rio de Janeiro cobriu-se de crepe, para levar à última morada o Marechal Floriano. Na presença do Presidente da República, Prudente de Moraes, e seus ministros, vários oradores exaltaram a figura do morto. O Presidente retirara-se sem ouvir o discurso de Pompéia, que se antecipava explosivo. Desencadeou-se uma série de polêmicas em torno do caso, que levaria Pompéia ao suicídio. Luís Murat publicou no "Comércio de S. Paulo", em 16 de outubro de 1895, um artigo intitulado "Um louco no cemitério", o qual passou despercebido ao autor de "As Jóias da Coroa". Certa tarde, na Confeitaria Colombo, pôsto a par da existência de um artigo injurioso contra si, sentiu-se Pompéia prostrado de desânimo. Apressadamente, rabisca um artigo e o entrega a um amigo para levá-lo ao "Jornal do Comércio", onde colaborara durante longo tempo. Não vendo publicado o seu artigo, nem outro enviado a "A Notícia", onde começava a colaborar, tirou conclusões errôneas e apressadas. Imaginou-se desmoralizado e tomou a inabalável decisão de dar à sua vida um fim trágico. Esgotado, mergulhado em neuroses, antevia no horizonte um mundo torpe sem possibilidades de reabilitação. De nada lhe valeu o amparo moral da mãe e da irmã, que procuravam confortar o espírito inquieto do autor de "O Ateneu". Chega o Natal, festa de paz, e o escritor redige um bilhete ao jornal "A Notícia":

"Cumpro o dever de comunicar que, não havendo sido publicado o segundo artigo de minha colaboração, aceita aliás em termos benévolos, considero como sem efeito essa aceitação e agradeço a inserção do primeiro."

O escritor tinha passado uma noite agitada e, pela manhã, tentou obter um pouco de conforto nos vãos efervescentes da saudade, revolvendo velhos papéis. Inquieto, experimentou ler um livro. A alucinação dominava o seu espírito e a inquietação da família gerava apreensões. Deitou-se num sofá para repousar, premeditando o seu próprio fim. Levantou-se e rabiscou nervosamente umas linhas, datando e assinando:

"Ao jornal "A Notícia" e ao Brasil declaro que sou um homem de honra."

Acionou o gatilho e um estampido surdo ecoou pela sala. A mãe, desolada, acudiu, num supremo esforço para salvar o filho, o escritor famoso, o autor de "O Ateneu", uma obra-prima da Literatura Brasileira. Raul de Ávila Pompéia, na Noite Santa do Natal, ingressava na imortalidade...

HENRIQUE L. ALVES



Além de sua intensa atividade jornalística nos jornais da época, como: «Gazeta de Notícias», «Gazeta da Tarde», «Jornal do Comércio», «A Notícia», «A Rua» e no órgão abolicionista «Ça-Ira», que passou a chamar-se «Luís Gama», em homenagem ao grande advogado dos escravos, Raul Pompéia deixou inúmeras obras literárias, que revelam o seu gigantesco perfil de homem e de artista, hoje colocado no Panteão dos valores exponenciais, que constituem o nosso patrimônio cultural. Dentre as suas obras, destacam-se: «Uma Tragédia no Amazonas», «Pompeo Stell», «Um réu perante o futuro», «Canções sem metro», «O Ateneu», «Agonia», e este magnífico romance «As Jóias da Coroa», que vem enriquecer a nossa coleção de obras-primas das literaturas nacional e universal; completamos o presente volume com algumas admiráveis páginas do nosso imortal escritor, extraídas de vários jornais e revistas do Rio de Janeiro de seu tempo.

São Paulo, 1º de abril de 1962.

CLUBE DO LIVRO

AS JÓIAS DA COROA

CAPÍTULO I

— Ah! Ah! Ah! Ah!... É o que você pensa. Ninguém se arroja a uma empresa destas, sem saber o terreno em que vai pisar. Eu sou um jogador que sempre conhece as cartas de que dispõe e as do seu adversário... É o que faltava... Um homem habituado às dificuldades de todas as empresas espinhosas..

— É exato. O senhor tem dado provas de que é capaz. Aquêlê escândalozinho da rua... que se abafou tão bem, aquela caçada da Milica... sem a sua habilidade as coisas não iriam tão macias, mas..

— Mas... quê?! Pois você quer pôr em dúvida a minha confiança?! Garanto-lhe que o negócio é de arromba... Você já tem cinco anos de serviço, tem garantias... lá por mim, provoco os Céus e a Terra a virem estremeecer a minha influência neste paraíso de bambus...

— É exato, êle precisa do senhor... quem ficará mal hei de ser eu. Se vou para a rua sem mais nem menos..

— Se é êste o seu receio, eu o tranquilizo... Assino, se você quiser, um papel de dívida, comprometendo-me a dar a mesma recompensa, seja qual fôr o resultado do negócio... Ora, imagine que venha daí um bôlo de seiscentos contos... Dar-lhe-ei uma boa porção. Todos lucraremos maravilhosamente... Se não conseguirmos nada, ainda assim você estará perfeitamente, porque, se a coisa fôr impossível, não ficarão os vestígios da tentativa; e, se formos surpreendidos... Não!... Não seremos! O êxito é certo... As jóias do

duque estão depositadas numa sala grande do lance esquerdo do palácio, num armário envidraçado. Se você continua a teimar em não querer.

— Teimar, não! Eu estou apresentando dúvidas, porque ninguém deve..

— Não quero saber de doutrinas. Aceita ou não aceita? Responda já, sem muitas histórias. . Está caindo a noite... Ou fazemos hoje ou nunca! Amanhã podem ter sido retiradas as jóias. Vamos deixar fugir a mais risonha fortuna... É impossível. Se você não aceita o meu convite para acompanhar-me, eu irei só.

— Realmente, não há muito tempo para reflexão e o negócio convida...

— Então?... Que decide?.

— Eu. Eu...

— Vamos!...

— Aceito, aceito.

— Ora, graças! É preciso ser-se bastante idiota para hesitar tanto num caso destes. Ter nas mãos uma riqueza e temer perigos... Ora, Inácio, você não merece a sorte que lhe está reservada..

— Ainda veremos, sr. Paiva.

Esta conversa se travara no interior da vasta mansão do duque de Bragantina.

Um dos interlocutores era um indivíduo todo de branco, baixote, peludo na cara como um cachorro d'água, de fisionomia um tanto indistinta naquela hora, que adiantado ia o crepúsculo e os objetos começavam a esfuminhar-se na uniformidade da noite.

A pessoa com quem êle falava era um sujeito em mangas de camisa, fino, comprido, têsso como um soldado, de cara rapada, olhar habitualmente baixo, movimentos receosos, denunciando que todo aquêles retesamento era teatral; aquela espinha, tão enrijada para trás, caía muitas vêzes para a frente em profundas continências, e aquêles ombros, que pareciam feitos de dragonas, apenas carregavam librés.

Este indivíduo era um criado, evidentemente; o outro, saberemos em breve quem era.

Os dois conversaram sobre um negócio importantíssimo. Tratava-se de adquirir da noite para o dia uma enorme fortuna. Um similar da sorte grande, de jogatina legal.

Achavam-se ao portão de uma espécie de jardim sem cultivo, no fundo do qual se elevava uma boa casa, através de cujas venezianas se distinguiu a claridade das luzes, que se acendiam lá dentro por causa da hora.

— Posso, pois, contar com o seu auxílio? — perguntou o homem de branco ao criado.

— Sim, senhor. Desde que o senhor nada teme, eu também nada quero temer...

— Muito bem! Isto é que se exige. Tenha confiança em mim e ajude-me que teremos sucesso..

— Mas, diga-me primeiro que devo fazer..

— Precisamos conversar...

— Preciso de ordens..

— Mas está garoando aqui.. entremos em casa.

Paiva e Inácio atravessaram o jardim na direção da casa. Subiram os catorze degraus de uma escada dupla, que levava à porta de entrada, e desapareceram no vão escuro.

A noite caía.

A mansão do duque passara insensivelmente das vacilações do crepúsculo para as trevas decididas das sete horas de um dia curto.

As moitas de bambus condensavam-se em amontoados impenetráveis de escuridão; os gramados do parque alargavam-se, confundindo-se com as alamêdas de areia numa vasta toalha negra. Dir-se-ia que a natureza acabava de cobrir-se de lutosos merinós (3). O cetim azulado do firmamento fazia cho-ver o riso das estrêlas.

(3) Merinó ou merino: designativo de uma raça de carneiros de lã muito fina; indica, também, o tecido dessa lã. (Nota do "Clube do Livro").

Entretanto, reinava movimento no meio da noite. Os numerosos habitantes da mansão do duque, lacaios e protegidos, recolhiam-se naquela ocasião às suas habitações agrupadas em aldeia, nos fundos do palácio. Consumiam a última atividade do diário, preparando-se para o repouso confortante da noite. Na massa das habitações, acumuladas ao norte do parque, que se fundiam com a noite, começavam a aparecer pontos luminosos. Eram a candeia de um sótão, o bico de gás de uma sala de jantar ou a vela de um quartinho.

Quando acabaram de acender-se as luzes, também o movimento cessou. Principiaram os serões.

Levemos o leitor a um dêles.

Uma rua, ou melhor, um estreitíssimo beco, esmagado entre duas paredes, crivadas de janelas iluminadas ou não, é o caminho, que conduz ao coração dêsse povoado da propriedade.

No extremo dessa viela úmida e escura, está uma porta aberta. Entremos...

É uma sala miserável, pobremente mobiliada. Das paredes, caem flâmulas de papel descolado e no meio da casa gemem uns míseros trastes, sobrecarregados de ninharias. Pelas mesas, há vasos de fantasia arabescados de rachas e esfoladuras sôbre uns tapêtes de lã felpudos e muito anchos; pelas cadeiras, retalhos de pano e objetos de costura.

A um canto, conversam baixinho um velho e uma velha. Estão sentados em cadeiras, ao lado de uma pequena mesa; sôbre a mesa, há uma vela acesa, cuja luz lhes bate no rosto e clareia em cheio as rugas das duas fisionomias.

Trocam vivamente palavras.

O velho, com o dedo médio unido ao polegar, como apertando uma pitada, faz gestos de quem sabe o que diz, e a velha encara-o, através de uns grandes óculos de aros pretos, aprovando com a cabeça, e fala de vez em quando, agitando a agulha, que tem na destra, e a costura, que sustenta na mão esquerda.

Noutro lado da sala, vê-se, tôda encurvada sôbre si, uma mocinha. Acha-se sôbre um banco com os joelhos cruzados, repuxando-lhe muito o vestido que lhe comprime as formas. Dedilha febrilmente um cabo de crochê de osso branco. De tempos em tempos, levanta o rosto com os olhos semicerrados e sacode para trás a vasta cabeleira negra e esparsa, que quer escorregar-lhe para o crochê.

É uma formosa criaturinha, feição de criança, ar distraído, um tanto carnuda sob uma epiderme sem irritações. Parece não ter catorze anos, ainda; podia usar vestido curto.

Eis mais ou menos o que diziam os velhos:

— Sim, sim — falava o marido — é preciso garantirmos o futuro daquela menina. Se não aceitássemos os oferecimentos do Paiva cometeríamos um crime.

— Um verdadeiro crime — afirmou a velha.

— Por um tolo escrúpulo, não se há de perder tão bom dinheiro...

— Tão bom dinheiro.. — reforçou a velha, anuindo com a cabeça.

— Demais, o lucro não será só para nossa afilhada, o nosso netinho terá o seu quinhão...

— Sim, senhor... Sim, senhor.

— Já vê que fiz bem em responder ao Paiva que sim..

— Muito bem. A nossa afilhada terá assim um futuro garantido. A proteção do duque não é qualquer coisa. Ah! Quem me dera que eu ainda fôsse viçosa como antigamente...

CAPÍTULO II

O velho não deu atenção ao honesto suspiro da digna esposa. Ficou remexendo, por alguns segundos, o queixo escalavrado pelos anos e salpicado de raros fios de barba retorcida e branca. Os olhinhos castanhos piscavam-lhe vivamente, tes-

temunhando o *fervet opus* de raciocínios, que trabalhavam na-quele crânio de setenta anos (4).

Depois, a fim de reatar a conversação, voltou-se para a velha:

— Não acha?... Demais, a gratidão nos obriga... Por nosso filho ter sido empregado do duque, não se pode dizer que êste tenha o dever de nos dar casa e alimento até ao fim da vida.. Os favores escravizam um pouco a gente.. E de que se trata? Não há nenhum sacrifício... É só vencer um escrúpulo. Isto para nós... A idiota da nora não tem energia para se opor, nem entenderá o riscado. Quanto à menina..

— Fale baixo... ela pode estar escutando e não há necessidade... Olhe que noite bonita! Veja ali pela janela...

— Como está estrelado o céu!... E está fresco... parece que o mau tempo acabou... Quanto à menina... O que vai sofrer! As doces torturas que nós sabemos e depois levar a vida tranquila de quem tem a certeza de ser amparada em qualquer necessidade. Suponho que as grandes chuvas, que tanto nos têm incomodado, cessaram de vez... Ela vai morar com o Paiva algum tempo, diverte-se, sai a passeio com a gente dêle, vai ao teatro, coisa que ela nunca provou... Um belo dia, quando estiver sonhando alegrias nos cômodos agasalhos, que lhe reserva o Manuel Paiva, será visitada por uma sombra. Conversarão durante várias entrevistas etc. etc... Há de ser bonito... garanto que a Conceição não chorará?

— O que é que tem a Conceição? — gritou a voz fina e esperta da mocinha que fazia crochê, sentada no banco. — Vovô agora anda só falando em mim.. Eu estou aqui afastada por causa do fresco que vem da porta... Mas. estou ouvindo, estou ouvindo...

(4) “*Fervet opus*” são vocábulos latinos, qque significam ferve o trabalho, há muita força no trabalho e que se empregam para exprimir grande azáfama, grande faina. Esta expressão é de Virgílio (Georg. IV, 169) para descrever a faina atarefada das abelhas. Nota do “Clube do Livro”).

— Nem há segredo, minha filha. Estou falando em você mesma.. É tempo de pensar no seu futuro..

— Aposto que quer-me casar!

— Eu e a Dindinha estamos muito velhos...

— Com quem vão-me casar?

— Sua mãe vive tão prostrada.. sempre naquela tristeza...

— Digam, digam quem vai ser meu marido... Olhem que eu quero um marido rico e bonito...

O vovô tossiu uma risada velhaca de quem não sabe o que há de dizer.

A Dindinha olhava por cima dos óculos para o marido, a ver como êle se saía da entaladela.

O velho achou um recurso. Meteu a mão no bôlso do paletó de brim pardo e puxou um vasto lenço de rapé, com que se assoou demoradamente...

— Ah! Ainda não há noivo? Valha-me isso... Eu não tenho muito jeito para andar de braço com um maridinho... Vovô, uma moça casada pode pular corda?... Dindinha pulava?

— Menina, não faça perguntas desaforadas à sua madrinha..

— Menina? Eu já não sou menina... Vovô já não está preparando o meu casamento?

— Quem falou em casamento, Conceição? — perguntou a avó.

— Vovô mesmo!... Quem foi que disse, outro dia, que o melhor futuro de uma moça era um bom casamento?... Vovô não está tratando de meu futuro?

— Sim, do seu futuro, mas não é já do seu casamento... O sr. Manuel Paiva disse-me que a mulher dêle gostava muito de você e perguntou-nos por que não deixávamos você passar alguns dias com ela..

— Vovô deixa?

— Você quer?...

— Oh! Se quero... também eu brinco com a Claudina no parque. Não sei por que não poderei passar uns dias com a mãe dela...

— Pois disto é que eu falo... Se você alguma vez precisar... diga-me... não será muito bom que um homem como o sr. Paiva. goste de você?...

— Mas, para quê estar pensando nessas coisas?...

— É preciso pensar no futuro...

— Dindinha, deixa-me ir?..

— Deixo, deixo... Por minha parte, não ponho dúvidas... Até se você quisesse morar lá...

— Isso não! Gertrudes, a minha licença não vai tão longe... Consinto só que Conceição passe lá alguns dias, para não contrariar a vontade da mulher do Paiva, que é tão boa senhora e tão amiga de beneficiar os que gostam dela...

— Então, amanhã... — disse, sorrindo, divertida, Conceição — amanhã.

— Sim, menina, amanhã você pode ir visitar a sua amiga Claudina...

Conceição, que deixara o banquinho, aproximou-se da madrinha e, mostrando o seu trabalho de crochê, disse:

— Veja, Dindinha, quanto trabalhei hoje, depois do jantar...

— Sim, senhora, hoje, sim!.. Tem bastante direito de ir passear amanhã...

— E note, Dindinha, que eu na casa do senhor Paiva hei de fazer crochê... Não sou nenhuma preguiçosa...

— É assim que se deve ser... — falou sinceramente o marido de Gertrudes.

Terminado êste diálogo, apareceu na sala uma mulher alta, de vestido sujo, cara chupada, olhar doentio e triste. Era a nora dos dois velhos, protegidos do duque de Braganina. Fôra casada com um dos numerosos homens de serviço do duque.

Enviuvando, continuara na mansão, na residência que fôra cedida ao marido. Era ela que provia as necessidades domésticas: cuidava atentamente de um filho, que lhe deixara o es-

pôso, e de Conceição, pobre menina de origem suspeita que, havia muitos anos, fôra confiada sem mais declarações àquele servidor do duque.

Naquela ocasião, a laboriosa mulher vinha convidar os sogros e a Conceição para o chá que estava servindo.

Conceição, muito satisfeita pela permissão alcançada de passar o dia fora de casa, correu diligentemente a fechar a janela e a porta da sala, indo em seguida oferecer o ombro para apoio do avô, que se erguia dificilmente da sua velha poltrona, ajudado pelos inválidos esforços da idosa Gertrudes e de uma veneranda bengala.

Instantes depois, estava tôda a família instalada na pequena sala de jantar, rodeando a mesa de refeição.

*

Por êsse tempo, terminara o conciliábulo havido entre Inácio, criado do duque de Bragantina, e o interessante Manuel Paiva. O criado saíra da residência de Paiva, e êste, um quarto de hora depois, saiu de casa, também.

Para as noites escuras, foram feitas as emprêsas escusas. Paiva passeou um olhar em tórno de si e sorriu.

Aquela escuridão convinha extraordinariamente. Pena era que não se enfarruscasse o firmamento com os mais tempestuosos vapores e não se fizesse mais absoluta a densa treva...

Mas, aquilo já servia..

Encaminhou-se para a esquerda, olhando para o céu, como se contasse os astros. Soube-lhe gostosamente aquela contemplação. As profundidades siderais apareceram-lhe na imaginação como uma grande bolsa aberta para baixo a vazar tesouros.

As estrêlas eram-lhe como uma chuva de pedras preciosas suspensas sôbre a cabeça. Tudo aquilo, cintilante, promettedor, parecia destacar-se do infinito e cair para êle como lúcida poeira das apoteoses.

E cada vez mais a imaginação lhe fugia doida, para os espaços, ávida de brilhantes, sedenta de douradas orgias.

Assim meditando, chegou Paiva ao lugar onde se achavam agrupadas as habitações da aldeola da mansão.

À entrada do beco estreito, de que temos falado ao leitor, o nosso personagem parou. Espiou. A porta dos velhos estava fechada. Naquela ocasião, ninguém havia pelos arredores. O beco estava escuríssimo. A luz das janelas iluminadas não descia até ao chão. Paiva meteu-se no beco e foi cautelosamente colocar-se à porta da morada dos velhos. Escutou à fechadura. Na casa, não havia rumor notável. Percebia-se, apenas, um sussurro afastado de vozes e certo barulho de talheres.

— Estão ceando ainda — disse a meia voz.

Algum tempo passou. Fêz-se, então, no interior da casa o ruído de cadeiras arrastadas e de pessoa caminhando.

— Levantaram-se da mesa — murmurou Paiva.

Ao ruído, seguiu-se o mais completo silêncio. Uma claridade brilhou no buraco da fechadura, denunciando que alguém acendera luz na sala.

— O homem não se esqueceu... Não deve tardar em abrir a porta. Enquanto assim pensava o nosso Paiva, percebeu como que o mover de ferrolhos pela parte inferior da porta.

E a porta abriu-se.

CAPÍTULO III

Entre os portais, desenhou-se a figura encarquilhada do velho, que o leitor conhece, arrimado ao seu bastão como uma ruína à sua escora.

— Já está por aqui? — exclamou êle.

— Já aqui estou, sr. Januário. Não sou sujeito de faltar às horas, nem aos compromissos...

— Entre, entre, sr. Paiva...

Paiva entrou e, amparando o velho, foi com êle tomar lugar num sofá decrépito, que espreguiçava a sua idade e as suas palhas arreventadas ao longo de uma das paredes da sala.

— Estamos bem aqui?...

O velho compreendeu.

— Estamos — disse. — A família tôda está-se acomodando lá para os fundos... Foram deitar-se... Eu, que durmo aí nessa alcova próxima, posso ficar na sala sem conversar... Um pouco baixinho. por prudência...

— Diga-me.. O que conseguiu?

— Tudo.

— Então, ela vai?

— Está morta por ir...

— Bem lhe disse eu, que, quando você falasse na amizade da Claudina e em passar alguns dias com a minha mulher, ela não recusaria...

— Ah! Os planos do sr. Paiva são sempre bem feitos.

— A Conceição di-lo-á daqui a dias.

O vento da noite barafustava pela porta e lambia as paredes da sala, fazendo estalidar alegremente as flâmulas de papel pendentes (5).

O fogo da vela, que clareava o lugar, agitava-se impacientemente ao redor do pavio, dando uma luz incerta...

— A menina — continuava Paiva — vai ser recebida na palma das mãos; vai dormir num gabinete azul, todo cheio de cortinas transparentes, no meio de perfumes que provocam sonhos... Ao amanhecer, será visitada por minha mulher ou minha filha... será vestida como uma boneca, penteada como uma rainha. Sairá a passeio e tal. E o fim há de chegar insensivelmente...

(5) O verbo estalidar, dar estalidos, embora não figure na maioria dos dicionários, está registrado no “Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa”, editado em 1943, pela Academia Brasileira de Letras. (Nota do “Clube do Livro”).

— Uma pergunta.. Se não é ousadia... — disse receosamente Januário — mas o senhor desculpará... Sabe que eu quero bem à minha afilhada...

— O que deseja saber?...

— O sr. duque...

— Que tem o sr. duque?

— É... é...

— É o quê?..

— ... muito violento...

— Pelo contrário, é macio como pelica... É um pouco ardente, talvez, mas isto é quando já não há necessidade, do contrário... O homem sabe insinuar-se..

— Olha que a Conceição é viva como cobra... e êle...

— Não se arreceie... ninguém resiste fâcilmente ao sr. duque... Êle tem um olhar que penetra e imobiliza... Não fala muito.. Fitando-a, êle faz mais do que falando... As crianças são tímidas em geral... E a Conceiçãozinha é um pouco criança, aí da...

— Bem... Eu faço o negócio com o senhor... Não sei se é uma coisa limpa... Mas, desde que à menina não resulte mal...

— Deixa de partes, meu velho... vamos concluindo a coisa.. Aqui tem o cobre.. (6)

O vento continuava a penetrar na sala, e as flâmulas de papel riam com risadinhas de Mefistófeles (7).

(6) O vocábulo cobre, como sinônimo de dinheiro, não é expressão de gíria, mas está registrado como tal em todos os nossos dicionários. (Nota do "Clube do Livro").

(7) Mefistófeles é um personagem de Goethe. Testemunhos históricos afirmam que existiu, no século XVI, um taumaturgo, chamado Fausto. A lenda apoderou-se dêste personagem e fez dêle o herói de aventuras maravilhosas, cuja primeira versão escrita se encontra numa compilação anônima, que apareceu em 1587, em Francfort-sobre-o-Meno, em casa do livreiro Spies e intitulada: "História do dr. João Fausto, o célebre feiticeiro e mágico etc.". Nesse livro, Fausto,

Januário estendeu a mão magra, comprida, branca, trêmula, e recebeu um embrulho de papel que Paiva lhe apresentou. Não disse palavra. Misturou, apenas, aos sulcos, que os anos lhe haviam aberto na face, as contrações de um sorriso baixo.

— Veja se amanhã mesmo faz a Conceição aparecer por lá...

— Já estava convencionado com ela.. Há de ir...

— Apesar de tudo?.

— Apesar de coisa nenhuma... Quando conversamos, outro dia, sôbre êste negócio, eu disse ao senhor que não havia obstáculo...

— Talvez, haja..

— Que obstáculo?... Não vejo...

— A sua nora.

— Ah! Ah! Aquela idiota?!..

— Idiota?!... Você é muito velho, não é muito vivo... Não sabe quem é aquela santinha de cara chupada e olhos de irmã-de-caridade...

— Eu sei que ela tem seu gênio, mas não usa dêle... No tempo do marido, tinha, às vêzes, seus arrebatamentos.. Depois, tornou-se completamente mansa. Aquêle ar tristonho, que lhe cobre a fisionomia desde o casamento de meu filho, isto é, desde que eu a conheço, não se modifica mais com as iras que lhe conheci há tempos... Atualmente, está mansa, mansa como uma idiota..

— Mau sinal.

sedento de prazer e também de ciência, vende a sua alma ao demônio, que se compromete, em troca, a servi-lo durante 24 anos. O diabo proporciona-lhe tôda espécie de voluptuosidades e dá-lhe, também, diversas noções sôbre cosmogonia, química, feitiçaria etc. A lenda de Fausto foi levada para o teatro pelo inglês Marlowe. Dêsse drama, foram tiradas várias peças populares, de que o grande poeta e escritor alemão João Wolfgang Goethe (1749-1832) extraiu a sua obra-prima "Fausto", publicada em 1808. (Nota do "Clube do Livro").

— Por quê?..

— Tenho medo das mulheres tristes...

— Qual! Minha nora é mais idiota do que triste...

— Portanto, a menina não falta..

— Não falta. O sr. duque não terá o desgosto de ver perdida uma esperança do seu coração.

— Seria a primeira...

— Não será... Pode o senhor ficar sossegado...

— Perfeitamente... Vou tranquilo..

Continuava o riso mefistofélico das flâmulas de papel. E Paiva levantou-se. Foi até junto da vela, consultou o relógio. Eram onze horas, mais ou menos.

— Ainda é cedo — murmurou.

E, voltando-se para Januário, que se erguera depois d'ele, disse-lhe:

— Até outra vez. Boa-noite.

O velho respirou ao cumprimento, e viu-o mergulhar na escuridão do beco.

Não havia ainda fechado a porta, quando se sentiu agarrado freneticamente pela gola do paletó:

— Miserável! — dizia uma voz de mulher.

Essa voz tinha uma energia selvagem, e era ao mesmo tempo comprimida na garganta de quem falava.

Januário sentiu o pescoço ferido pelas unhas de quem o prendia. Puxaram-no. Ele perdeu o equilíbrio. Tentando agarrar-se à parede, abriu as mãos. A bengala escapou-lhe e caiu no soalho, ressoando longamente pelos cantos da casa o rumor da queda. As mãos não encontravam saliência na parede a que se agarrassem. Foi lançado ao chão. Arrastaram-no...

Quando o desgraçado pôde respirar, viu-se frente a frente com a nora.

A terrível mulher levava-o de rastos até uma cadeira, e ficara de pé diante d'ele.

— Miserável!... Eu ouvi o que acabou de fazer.

— Emília! Emília!...

— Velho canalha! Patife, que está apodrecendo debaixo d'esses cabelos brancos.. Ainda comete crimes... Não o enforco..

— Emília!

— Não o sufoco entre os meus dedos, porque Deus vai afogá-lo em breve na lama de uma vala.. Quantas vezes vendeu suas filhas?.. Quanto lhe rendeu o negócio, velho desavergonhado?. Pois não repetirá o comércio!... O que fez aos seus, você não o fará aos outros. Tinha o direito de vender o seu; mas, não venderá o alheio!...

A nora de Januário falava com os punhos cerrados, perto da cara do velho. As palavras saíam-lhe dos lábios faiscantes e caíam chiando sôbre a cabeça do sogro.

— Escute-me, Emília! — balbuciava êle. — Escute-me!

Mas Emília estava surda de ira. Apenas vestindo uma saia curta e uma camisa larga, que lhe fugia pelos seios abaixo, cabelos soltos, caindo-lhe secos pelos olhos e pelas costas, braços nus, clavículas à mostra, em tôda a fealdade da magreza e da tensão dos músculos, aquela mulher fazia mêdo. Os improperios ferviam-lhe na garganta e ela os soltava sôbre Januário.

O velho estava aturdido.

A atitude repentina e inesperada da nora fazia-lhe o efeito de muitas cacetadas ao mesmo tempo.

Felizmente, a falta de resistência acalmou um pouco os furores de Emília.

— Eu ouvi daquela alcova a negociação que você fez com o outro infame, aquêle demônio barbado... Eu já esperava por esta entrevista. Contava com a fatalidade. Lá na mansão, corre tudo como num matadouro: cada vitela tem o seu dia de ver o machado sôbre a nuca!... Você não teve, miserável, um pouco de coração, nem um pouco de vergonha... foi fazendo o negócio.

— É para seu filho mesmo, Emília! O meu neto.

— Não diga... Não diga... Meu filho não precisa ao preço de torpezas. Dê-me êsse dinheiro, dê-me, desgraçado... Quero queimá-lo naquela chama... Está ouvindo? Êsse dinheiro nunca será para meu filho!

Januário apertava involuntariamente contra o peito o dinheiro que recebera de Paiva e metera no bôlso.

— Não dá? — vociferava Emília. — Guarde para sua avareza. Coma-o!. Quem vai perder é aquêlê demônio que saiu daqui... Minha... Minha Conceição não estará em casa dêle!.. Coma o dinheiro, se quiser... E, bruscamente, da mesma maneira por que entrara, Emília retirou-se da sala.

CAPÍTULO IV

No meio do populoso arrabalde de Santo Cristo, abre-se uma espaçosa superfície de terreno, coberta de arvoredos e de grama, arrebicada de quantos prodígios possui a arte e quantos esplendores a natureza pode ostentar.

Há por aí florestas escuras, por onde circulam virações perfumadas, ricas de oxigênio e de poesia; avenidas de bambus, por onde fogem os amôres e murmúrios suaves de folhagem; cascatas e grutas que têm por lambrequins os volumosos cones estalactíticos e por telhado zimbórios de pedra e incrustações de cimento (8); a água corre com a serenidade dos sonhos gostosos e vai insensivelmente passando por sob o arqueado das pontes.

O sol brinca como um menino nesses lugares. Recreia-se, brejeiramente, no alto do arvoredos, requeimando os brotos novos e escorrega para o chão a dar cintilações coloridas aos

(8) Lambrequins são ornatos, que pendem do elmo sôbre o escudo ou que o circundam; ornatos de recortes de madeira ou lâmina metálica para beira de telhados, cortinas, cantoneiras etc. Aportuguesado do francês "lambrequins" (Nota do "Clube do Livro").

bichinhos e a aquecer os camaleões vivazes e ariscos; se se atira aos lagos, cobre-os de palhetas de luz; se passa pela pulverização da chuva das cascatas, pinta arco-íris no ar e leva o dia na faina.

À noite... se não há Lua, uma treva compacta, cheia de aromas acres, penetra os baledos e derrama-se pelos declives relvosos, que se vão espalmando para a beira das enseadas; formam-se pirâmides sombrias no lugar das casuarinas e dos eucaliptos; avolumam-se negros maciços nos bosquetes de mangueiras e nos cerrados de bambus. Tôdas essas negruras, entretanto, têm vida. Quem alongar a vista pelas várzeas distinguirá sombras deslizando em segrêdo através da noite. Quem escutar a voz das lezírias ao pé dos agrupamentos de árvores há de perceber palavras, que voam deliciosamente por entre as begônias (9).

Dos antros trevosos, das grutas escavadas na pedra, não partem rugidos dos monstros apocalípticos das cavernas. De lá do fundo, sobem sonidos semelhantes aos da bôlha de ar, rebentando à flor das águas; parece estar-se ouvindo o rumorejar de beijos. São umas trevas encantadoras aquelas das noites sem Lua, nessas paragens.

Se vem o luar... tudo se multiplica. Em vez de negres, flutua pelos espaços tôda a transpiração da terra, banhada de fosforescências argentinas. A meia luz deleitosa invade os recantos do jardim; passa devagarinho como uma nuvem de sílfides pelos fustes das palmeiras (10); desliza por cima dos gramados, levando no vôo tôdas as roupagens alvacentas por entre os renques de coqueiros; balança indolências nos liames de cipó, recurvado em festões; entra nos riachos e mostra aos céus a sua nudez casta e branca.

(9) Lezíria é a terra plana e alagadiça, nas margens de um rio. (Nota do "Clube do Livro").

(10) Silfo é o gênio do ar, na mitologia céltica e germânica. Feminino é sílfide, imagem vaporosa; mulher franzina e delicada. (Nota do "Clube do Livro").

A floresta goza de uns estremecimentos sensuais, como o adejar das corujas. Os poucos lampiões, que se acendem por aí, parecem olhos, fitando com inveja os poemas vivos, que correm de todos os lados..

Também, como nas noites escuras, estas noites claras do parque não são vazias, nem êrmas. As ruas areentas, desenroladas como alvos tapêtes, através do campo, não estão desertas. Há namorados passeando, com os olhos pregados no céu e os braços em amplexo; as sêdas roçam as casimiras, produzindo choques magnéticos de eletricidade, produzidos pelo deus Cupido.

Nos bancos escondidos, à sombra recôndita de qualquer copa frondosa, repetem-se episódios do Paraíso.

A vida real dêesses lugares é, verdadeiramente, à noite. Os dias passam-se, radiosos, iriados, entregues ao sol e aos insetos; as noites correm no meio da escuridão ou dos luares, entregues ao sonho e ao silêncio.

No âmago dêesse jardim vasto e delicioso, levanta-se sôbre um oiteiro, como um templo antigo, o vulto monumental de um palácio. A luz das auroras despedaça-se de encontro aos vidros de suas mil janelas, envolvendo-o pela manhã em atmosfera rutilante; os seus torreões empinam-se vitoriosos no cimo de largas muralhas, alastradas de hera; os seus pára-raios vão espetar as nuvens como lanças enristadas para o infinito; o seu todo é grande, imponente, majestático.

Muitas vêzes, à noite, o palácio toma uma fisionomia fantástica; ostenta paredes de trevas e janelas de fogo. Supõe-se que é um incêndio. É um baile! Ao clarão de mil bicos de lustre rodam nas valsas reputações e galanteios, marcham nas quadrilhas temeridades e finanças...

Aí não mora Sardanapalo (11).

(11) Sardanapalo é vocábulo de origem grega, que, por sua vez, corresponde ao nome assírio Assurbanipal, rei da antiga Assíria, (n. em 668 e m. em 624 a.d. Cristo). O nosso adjetivo sardanapalesco significa glutão e licencioso como aquêle rei. Lorde Byron, famoso es-

Esse parque e esse palácio pertencem do duque de Bragantina. O duque cede estes domínios aos prazeres de numerosa roda de fidalguia, que o cerca a todo instante.

É por isso que, quando o duque de Bragantina está ausente, esmorece completamente a febre silenciosa e fecunda das noites da mansão. Faltam os fidalgos.

Ao fundo do palácio, para a banda do norte, como sabe o leitor, ficam as habitações da vassalagem imediata do duque. Aí é que mora, pois, o velho Januário e sua gente.

Deixando a casa de Januário, Manuel Paiva encaminhou-se para as proximidades do palácio do duque. Não caminhava à toa. Seguia devagar, mas com destino certo.

Acompanhou a espécie de estrada margeada de espaçados lampiões, que vai dar a um dos portões do palácio, junto do qual está o famoso retiro reservado à jovem afilhada de Januário, mas, antes de lá chegar, dobrou para a direita e foi em linha reta para o prédio.

Na linha dos muros, que guarnecem a colina sôbre a qual foi construído o palácio, o visitante noturno deteve-se.

Examinou o lugar e murmurou:

— Não há ninguém... Mas é muito cedo.. Ele não pode ter chegado. Também, não há pressa...

Pôs-se, então, a passear ao longo dos muros, muito preocupado em como ocultar-se na sombra que a elevação dêles espalhava em volta.

Por fim, percebeu passos. As estrêlas davam luz bastante para se ver o necessário. Paiva distinguiu o vulto de um homem que se avizinhava.

Um vago sentimento de temor estremeceu-lhe o sistema nervoso. Aquêlê vulto não podia ser êle...

Se não fôsse êle, se fôsse um inimigo, se Inácio o tivesse traído?.. Aquêlê vulto podia ser o espantalho da sua for-

critor inglês, tentou reabilitar a memória de Sardanapalo, através de uma peça dramática que tem por título o nome do rei. (Nota do "Clube do Livro").

tuna. A riqueza fabulosa, que ali de cima mesmo, daquelas janelas, parecia sorrir-lhe nos reflexos luminosos das vidraças que dominavam o muro, ia, talvez, fugir-lhe por causa daquele homem.

Manuel Paiva, que não era suscetível de medrosas palpitações, ao menos dentro dos limites do jardim, sentiu que o coração se lhe abria em violentas diástoles...

— Aqui estou — disse o vulto a pouca distância.

— Oh! Inácio! — exclamou Paiva.

CAPÍTULO V

Era de fato Inácio, o criado do duque, que o leitor viu no princípio desta narrativa a conversar com Manuel Paiva. O inescrupuloso arranjador do negócio da Conceição conversa longamente com Inácio a respeito de umas jóias do duque de Bragantina. A primeira das consequências dessa entrevista era o encontro, alta noite, ao pé dos muros que protegem o torreão do lance esquerdo do palácio.

No ponto marcado, encontravam-se os dois.

Antes de darmos conta ao leitor do que se passou em seguida ao encontro no lugar marcado, devemos informá-lo de uma circunstância de alta monta.

Na Rua. n.º. há uma grande loja de ourivesaria. Três grandes vitrinas de cristal abrem-se para o público, apresentando o mais ofuscante e precioso conjunto de ouro e pedrarias, que se pode imaginar. Sobre luxuosos lençóis de veludo, de variadas côres, amontoam-se incríveis porções de esmeraldas, sem engaste, rubis, safiras, diamantes, espalhados como se fôsem grãos de milho, mostrando com orgulho as mais delicadas clivagens e as mais finas cintilações prismáticas que a imaginação concebe (12).

(12) Clivagem é a propriedade que têm certos cristais de se fragmentarem, segundo determinados planos. (Nota do "Clube do Livro").

No interior da loja, luzem pelas prateleiras os mais belos produtos de ourivesaria, jóias de um valor inapreciável, fabulosas pratarias...

O dono dêsse Eldorado é um negociante forte.

Disfarçada a um dos ângulos da loja, entre dois belos armários de madeira preta recortada em flôres, e luzidamente lustrada, existe uma pequena porta, que apresenta à vista o aspecto de um espelho encostado à parede. Entra-se por aí para os compartimentos íntimos do local. Logo depois da porta, encontra-se um pequeno escritório, biombo de madeira em volta, mobiliado por uma escrivaninha, algumas cadeiras e uma grande burra sólida, pesada e impenetrável como um monólito egípcio (13).

Coa-se para êsse lugar a claridade de uma área próxima. A essa luz frouxa escreve o guarda-livros da casa, agente de quase todos os negócios do proprietário do estabelecimento e, nesse caráter, homem de mais provada confiança para o ourives.

Enquanto êste, trajando elegantemente, saboreia preciosos charutos no meio dos lúcidos efeitos das mercadorias do seu aristocrático negócio, indolentemente arrimando o cotovêlo aos caixilhos envernizados dos mostradores, ou ao tapête escovado dos balcões, crivando de moderados apartes a palestra entusiasta do grupo de políticos seus amigos, que vêm todos os dias conversar às soleiras... no escritório, por trás da porta de espelho, o guarda-livros entabola as suas negociações.

Êste empregado é um sujeito prático, inteligente, fino e, além de tudo, tem um curso bem acabado de mineralogia. É de pequena estatura, nervoso, tendência dominadora, voz enérgica, linguagem rápida, acompanhada de sons guturais, irônicos, significativos. É feio de cara. Nariz fino, olhos pequenos e espertos, bigode estreito, pouca barba. Tipo fuinha, espírito rapôsa. Chama-se Aleixo de tal.

(13) Burra é a denominação antiga da arca ou do cofre de segurança para guardar dinheiro. (Nota do "Clube do Livro").

Na noite de 11 de março daquele ano, duas conversas importantíssimas travam-se na grande ourivesaria.

Junto aos mostradores, abalava-se a golpe de alevantada retórica o Ministério da época. Muita vez, estremeceram de susto os castiçais de prata e as bandejas, os tinteiros de ouro, as medalhas com suas iniciais de brilhantes, as pulseiras, os colares, os brincos, as abotoaduras, as alegres fantasias... Eram os murros da eloquência dos políticos sôbre o balcão, por não poderem chegar à cara de qualquer ministro ou chefe de partido contrário ao do orador.

Os circunstantes ou riam estrondosamente daquela energia caricata, ou protestavam contra as asserções que se faziam.

No escritório do sr. Aleixo havia coisa mais interessante. Conversava-se com tanto fogo como na loja; porém, as palavras não faziam estrépito.

A pouca distância da escrivania, Aleixo prestava atenção ao que dizia um sujeito moreno, muito barbeado, de óculos azuis. O bico de gás, que alumia o escritório, deixa-nos reconhecer o sujeito. É o nosso Manuel Paiva ligeiramente disfarçado.

Ouçamos o que êle diz:

— Assim, vê o senhor que não haverá dificuldades. Não há muito risco para mim em levar a cabo a emprêsa e nenhum para o senhor em prestar-me um serviço que lhe dará tanto lucro.

Fêz-se uma pausa, durante a qual se ouviu uma gargalhada sonora dos políticos, que discutiam na loja. Depois, Aleixo recomeçou:

— Disse-me o senhor que conta absolutamente com o auxílio de um criado que reside no palácio. O duque vai ao baile, dorme, como costuma, no palacete do marquês; vai, depois, sem voltar ao palácio, para a casa de verão de Anatópolis. A duquesa acompanha-o, sem levar, necessariamente, as jóias com que se apresentara no baile... ficam as condecorações do duque etc... Tôda essa riqueza vai, provisoriamente, para a

burra... muito bem.. o senhor conhece o armário, sabe onde se acha.. sabe que o criado particular do duque pretende aproveitar a ausência dêste para estar algum tempo com a família, que não mora na mansão... Não é assim?...

— Sim, senhor.

— E o senhor aproveita-se da ausência dêle... Acha fácil a coisa. Mas ainda não refletiu nas averiguações que há de fazer a polícia..

— Já pensei, já pensei..

— Olhe que o negócio não é o mesmo daquelas jóias que filou à Milica, quando ela perdeu as graças do duque e foi para a rua...

— Isso sei eu melhor do que o senhor — interrompeu Paiva, movendo o queixo num gesto nervoso e impaciente. — Por isso, o senhor há de dar desta vez mais alguma coisa pelas pedras do que deu pelas da Milica..

— Não seja esta a dúvida... a coisa é a polícia.

— Não morra de temores da polícia. Asseguro-lhe que ela não fará coisa alguma... Se aparecer, perderá tempo. Ficarà nos interrogatórios. Terà suspeitas, apenas... Suspeitarà de mim como suspeitarà de vários outros. Mas suspeita nunca foi base para uma condenação.

— Mas a casa que o senhor alugou na Tijuca é um indício.

— Como? Mas eu não me retiro da mansão!. Conserve-me nas mãos da polícia até que ela se convença da minha inocência?!... Quem será capaz de imaginar que as jóias roubadas estão em casa de tal ourives.. aqui em sua casa... Se alguém tivesse reparado na minha entrada, hoje, aqui, e alguém notar a minha saída, se as minhas barbas tivessem a mesma côr das que trago, se êstes óculos azuis fôsem de meu uso... seriam indicações possíveis à polícia, caso ela desconfiasse dêste estabelecimento.. o que fôra loucura!... Mas felizmente...

— Certamente, tudo é favorável. Todavia, quem lhe garante que não haverá testemunhas no jardim do palácio?

— Isto é um caso possível, mas não é provável... Quando o duque está fora... a mansão é pouco frequentada... Os que lá moram, recolhem-se cedo. Todos abandonam o parque.. não é provável... E, se não houver testemunhas, se não se encontrarem vestígios dos objetos subtraídos, o que se há de fazer?

— É fato...

— Demais, eu estou convencido de que, se, apesar de todas as minhas precauções, a coisa transparecer, terei por mim o duque, que não quer perder-me e aprecia-me... A tal duquesa vota-me um ódio de morte... Talvez se lembre de acusar-me, mas é uma velhinha que não tem voz ativa na casa. Tem-me ódio, por ter ciúmes do marido.

O guarda-livros aplaudiu com a sua risadinha habitual e observou:

— Na verdade, se o sr. conta com a proteção infalível de sua própria vítima, eu sou o primeiro a responder pelo resultado da empresa.

— Deixe a coisa andar.

— Até desejo muito a sua felicidade, porque não sei se se lembra de umas jóias que nos levou daqui, há dias, para uma nova menina que andava em vésperas..

— Lembro-me. Ainda não as paguei, mas pago. Aí está... Do dinheiro que o senhor me der, eu desconto...

— É exatamente o que queremos... é o que nos convém.

— Deixe a coisa andar — gracejou Paiva.

— E há de andar como um patim, estou certo.

— Mande, pois, uma pessoa de confiança, ou vá pessoalmente, na noite de treze para catorze, esperar pelo resultado da minha campanha e pelas jóias...

— Hei de ir eu mesmo..

— Acho melhor assim... Não devemos envolver muita gente. Nem todos são discretos e.. não há também.. tanta riqueza que chegue para muitos... Nada!... Se fôsse possível irmos sós, os dois... dispensando os auxílios do criado...

— Se são imprescindíveis...

— Não há remédio — concluiu Paiva, estremecendo o queixo, segundo o seu frenético costume.

Na loja, ressoavam ainda as exclamações dos conversadores.

— Estamos combinados — disse Aleixo, como para encerrar as negociações. — Depois de amanhã, vou postar-me onde? Ainda não me disse o lugar, creio...

— É verdade. É preciso determinar um ponto.

— Mas, qualquer.

— No matadouro.

— Bem.. Coloco-me junto de um dos pilares do portão.. Espero pela sua chegada até ao romper do dia... Vê que tenho boa vontade. Avalio o tesouro com a honradez que sabe. E, conforme os valores, arranjo um negócio muito ao sabor dos nossos interesses.

— É rigorosamente o que eu desejo.

Depois desta frase, Manuel Paiva, com os olhos cravados no chão, absorvia-se em meditações.

Passados alguns momentos, sorriu de modo estranho e levantou o olhar para o guarda-livros. Aleixo firmava a vista naquele honrado depositário da confiança de um rico e poderoso duque, e assistia às cambiantes de expressão que lhe davam à fisionomia os arroubos dos pensamentos.

Quando Paiva ergueu a cabeça, o seu olhar e o de Aleixo cruzaram-se, faiscando como os floretes de dois dignos adversários, que medem distâncias.

Ambos, depois de se medirem, trocaram risos que traduziam claramente a compreensão que tinham um do outro.

— Não devo sair, enquanto estiverem aí esses maçantes...

— Eles não se demoram. Às nove, fecha-se a casa. São oito e trinta e cinco. Daqui a pouco, o patrão deita-os no meio da rua.

— Quando forem fechar a porta, eu retiro-me.. Haverá menos gente lá fora...

Ouviu-se uma risada na loja. Aleixo deixou Paiva no escritório e foi espiar pela fechadura da porta do espelho.

— Já vão, já vão! — disse, voltando-se. — Não!... Ainda ficou um... Que ostra! Ora, até que enfim... Lá se foi o último! Se quiser sair agora...

— Já vou — disse Paiva.

— Portanto, até depois de amanhã.. portão do matadouro. lá, por volta de uma ou duas horas da madrugada.

— Sim.

E Aleixo passou com o cúmplice para a loja.

Paiva despediu-se de Aleixo, cumprimentou ligeiramente o dono do estabelecimento, que estava em uma porta a olhar para a rua, com as mãos cruzadas sôbre as abas do fraque, e foi-se.

CAPÍTULO VI

Três dias depois da conferência com o guarda-livros do rico ourives, realizava-se o contrato de Manuel Paiva com o criado Inácio, e os dois cúmplices encontraram-se fora de horas para levarem a efeito o projetado roubo.

Certificado de que a pessoa que tinha em frente era na verdade Inácio, Manuel Paiva, com a voz comprimida por precaução, perguntou-lhe:

— Fêz tudo o que eu lhe disse?

— Fiz.

— Tem os formões? O macête forrado de pano? Tirou a corda que eu deixei no meu jardim, perto da cancela?

— Não esqueci nenhuma das suas recomendações. Quando saí da sua casa, fui à sala do armário, sem que se notasse a minha entrada no palácio. . . O armário é muito fácil de se arrombar, como bem me disse o senhor. . . A porta do jardim, abrindo o trinco por dentro, não oferece resistência. Só mesmo o seu dinheiro e as suas promessas poderiam fazer um sujeito depositar uma fortuna daquelas em tal lugar. .

Paiva riu-se orgulhosamente da observação de Inácio:

— Quando eu o aconselhei a ter tóda a confiança em mim, bem sabia por que falava.

— Pois eu, antes de ir deitar-me, abri o trinco da porta, certo de que o criado particular do duque, não sabendo do imprudente depósito das jóias, e apressado em ir dormir com a família, não se demoraria a examinar. . . Fui deitar-me muito calado. . . Ainda há pouco, saí do meu quarto, subi à sala grande, pulei a porta do jardim. não custou muito. . . Deu um pequeno estalo que ninguém devia ter ouvido. . . Aberta a porta, saí para o parque. . . Ah! Ia-me esquecendo. Fui ali, até às obras que se estão fazendo perto da entrada do parque, apanhei êste formão e êste macête. . . Nessa ocasião, quase acordei um sujeito que ali dorme para vigiar as ferramentas. .

— Guarneceu de pano o macête?

— Aqui o tem preparadinho. .

— Portou-se muito bem. . . podemos principiar a coisa. .

Os dois ladrões dirigiram-se, pé ante pé, para uma escadinha de pedra, que conduz a um jardim, graciosamente plantado sôbre uma muralha junto da qual estivera Paiva esperando; saltaram uma pequena grade de ferro; subiram a escada e foram até à porta do palácio, aberta pelo criado.

A porta estava apenas encostada. Paiva empurrou-a e entrou. Inácio seguiu-o. A porta tornou a fechar-se.

A sala do palácio estava imersa numa escuridão impenetrável.

O menor ruído provocava a ressonância imponente dos lugares grandes e vazios.

Os dois atrevidos criminosos sentiam-se impressionados com aquela escuridão e aquela ressonância de catacumba.

— É preciso luz — disse Paiva, baixinho.

As palavras ressoando frouxamente nos ângulos da casa zumbiram-lhe aos ouvidos por muito tempo.

— Eu me esqueci da vela — objetou Inácio.

— Eu a trouxe...

E Paiva, como que temendo iluminar o seu crime, tirou com a mão trêmula uma caixa de fósforos e uma vela de que se munira. Mas hesitou em fazer fogo.

— Não acha a vela? — informou-se o criado do duque.

— Achei. Aqui a tem... Segure, para eu riscar o fósforo.

Inácio tateou pelo ar até encontrar a mão de Paiva e tomou a vela.

Paiva riscou o fósforo. O fósforo falhou.

— Diabo! Estou trêmulo...

Paiva riscou de novo. Riscou pela terceira vez. Tôda a escuridão da sala fugiu ante o faiscar do fósforo, aceso.

Os ladrões tinham a certeza de que aquela porção do palácio devia estar sem alma viva. O criado particular do duque, que habitava um compartimento vizinho da sala do armário, achava-se fora. Os outros domésticos alojavam-se no pavimento inferior. Não havia, pois, quem ouvisse os rumores feitos na sala.

Entretanto, quando a chama do fósforo brilhou, os bandidos estremeceram como que de susto e lançaram instintivamente um rápido olhar indagador aos quatro cantos da sala.

Era um espaçoso aposento sem utilidade especial. Parecia servir, apenas, de passagem para o jardim. Não tinha móveis no centro. Filas de cadeiras de grandes encostos, espichando para o teto uns florões medievais, antigos como a

genealogia dos Bragantina, bordavam as paredes, ofertando altivamente a sua imobilidade nobre, militar. Da ombreira das portas, desabavam pesados reposteiros verdes.

No ar, pairavam cheiros de mófo e de pó; no teto, revolteavam uns dourados de mau gôsto, como serpentes amarelas, enroscadas pelos estuques... Paiva e Inácio viram que não havia, além dêles, pessoa alguma no lugar.

No fundo da sala, havia um grande armário envidraçado por dois largos espelhos. Ali, estavam as desejadas preciosidades.

Paiva imaginava estar vendo as pedrarias, estrelando o fundo de um bonito cofre de madeira lavrada. Lá, ao alcance da mão. Ao receio de uma surprêsa, sucedera um íntimo prazer avarento, à vista de um montão de riquezas.. A vela refletia-se no espelho do armário. Paiva espantou-se... Pareceu-lhe que havia gente lá dentro...

— Que poltrão! — disse êle, estou com mêdo de mim mesmo.

E os dois chegaram ao depósito do tesouro.

Estava ali o sonho... e não havia dragões a guardá-lo.

Os ladrões começaram.

Manuel Paiva sabia que as jóias estavam num escaninho, à direita.

— Elas estão por aqui.. Quebrar o espelho é fazer muito barulho e... depois, a madeira é fraca..

Enquanto falava, Paiva bateu com a mão no ângulo direito da peça como que avaliando a espessura da tábua. Pediu em seguida o formão a Inácio, tomou o macête e encostou o corte do instrumento no armário.

Começaram, então, umas pancadinhas abafadas pelo pano, que envolvia o macête.. A sala enchia-se de sonoridades surdas como as de um tambor em que se toca levemente.

O trabalho foi demorado.

Afinal, um grito alegre como a detonação de um foguete escapou dos lábios de Paiva:

— Entrou! — exclamou êle com as feições alargadas na mais expansiva satisfação.

Tinha entrado o formão.

Dêste momento em diante, todo o trabalho consistia em fazer rachar-se a tábua do armário.

Paiva calcou sôbre o formão como sôbre uma alavanca. A madeira estalou... Inácio substituiu Paiva no trabalho; meteu as mãos na abertura que o companheiro fizera e completou a obra.

Estava feita a passagem.

Manuel Paiva apanhou a vela que o cúmplice deixara no soalho e iluminou o interior do armário. Mal chegou a chama à abertura do arrombamento, mil cintilações brilharam...

— O cofre!...

Os dois ladrões sentiam-se chocados. Tôda a emoção se traduziu por um silêncio absoluto.

Inácio quis retirar o cofre. Paiva, com mêdo, talvez, de ser roubado pelo companheiro, desviou-lhe as mãos do armário.

Inácio cravou-lhe um olhar afiado, terrível. Dir-se-ia que passava pelo espírito do criado um meio muito simples de assenhorear-se daquilo que o cúmplice queria para si.

Paiva tirou o cofre e, voltando-se para Inácio:

— Está feito o mais difícil! Agora, convém.. convém. disfarçar a coisa...

— Será para isso que quer esta corda?

— Para isso mesmo!... Vamos abrir os trincos de várias janelas para se acreditar que houve descuido do fechador... De uma das janelas, atiraremos a corda por cima da hera da parede... Se houver indagações da polícia, esta corda pode fazer uma embrulhada. A polícia ficará indecisa.. dirá que o ladrão veio de fora... tanto que se serviu de uma corda.. A questão é achar onde se prenda o nó... Vamos ver...

Paiva, seguido pelo companheiro, afastou-se do armário, sobraçando o cofre e atravessou a sala em direção às janelas.

Abriram cuidadosamente algumas. Espiaram para fora e examinaram.

— Esta serve! — disse Paiva. — A terceira janela aberta para o jardim... E tem aqui um bom gancho.

Havia, de fato, no peitoril da janela, um gancho de ferro, destinado naturalmente a sustentar um globo de luminária. Não era forte, mas servia para quem quisesse arriscar-se. E os ladrões arriscaram-se; atando-se ao gancho da corda, era possível escorregar até abaixo da muralha, que sustentava o jardim, de sorte a parecer que os ladrões não tinham passado pela porta da sala.

Paiva amarrou uma das pontas da corda e atirou a outra para o parque.

— Bem — disse depois — agora eu vou ver se ponho a salvo o cofre.. Você deixe cerradas estas três janelas. Feche cuidadosamente a porta, fazendo entrar a lingueta e prendendo os trincos... E... vá para o seu quarto... Quando levantar-se... levante cedo como costuma... Quando sair da cama venha logo a esta sala e dê o sinal de alarma, faça barulho...

— E depois.

— Eu respondo pelo resto... Apareça ou não a polícia, asseguro-lhe que não nos sucederá coisa alguma.. Neste negócio, a polícia há de fechar os olhos. Você verá... E, para tranquilizá-lo de todo... Eu sou um homem indispensável ao duque... Ele não me fará mal algum, por conseguinte nada fará aos meus companheiros de pândega... Fique sossegado.

E Manuel Paiva, sempre com o seu cofre, saiu para o jardim, deixando Inácio na sala. Quando êste ia fechar a porta, o outro inclinou-se para êle e disse à meia voz:

— Não haverá nada. O homem terá medo de mim.

CAPÍTULO VII

Não tivemos, ainda, a honra, nem a ocasião de apresentar ao leitor o milionário dono da mansão de Santo Cristo, o sr. duque de Bragantina.

Agora, que vamos encontrá-lo figurando ativamente nas meadas de nossa narrativa, apressamo-nos em fazer a necessária cerimônia.

Atravessemos, embalados maciamente na arfagem sonolenta de uma barca a vapor, as ondulações bonançosas da vasta e serena baía.

Galguemos a encosta daquelas montanhas alterosas, denteadas, que mordem o firmamento ao longe. Penetremos os cerrados de floresta, que aveludam de verde o esqueleto rude, vulcânico, daquelas cordilheiras.

Quando estivermos perto daqueles vapores que se vestem de ouro ao romper do dia e que choram sangue ao fugir da tarde; logo que sentirmos a frescura invernal das serras penetrar-nos o tecido da roupa; quando sentirmos intensamente o perfume da mataria a deliciar-nos o olfato, subindo das grutas no meio de lufadas de nevoeiro como do fundo de enormes turíbulos... Nessa ocasião, atravessemos um olhar por entre os arvoredos, que haveremos de lobrigar, estendida no meio de um vale, no lugar onde devera existir antes a fita cristalina de um regato, sorrindo aos ventos que a bafejam e às flôres que as matas atiram sôbre ela, havemos de ver um retiro de prazeres, que se chama uma cidade.

É aí Anatópolis.

Um outro parque de Santo Cristo. Anatópolis é a continuação da propriedade do duque de Bragantina. Quando faz muito calor na mansão, o duque de Bragantina atravessa a baía, e vai buscar refúgio, refrigério, em Anatópolis.

Anatópolis é uma cidade que deve ao duque todos os seus progressos; por isso, ela tôda lhe pertence. O duque possui lá um palácio, mas a cidade é o seu jardim.

Ao tombar do dia ou pela manhã, um homem aparece, em tempos de verão, a passear pelas arejadas ruas da cidade.

Vai todo de branco coberto por um amplo chapéu de Chile, fresco como o vestuário. É de estatura bonita e excepcional. É velho. As barbas envolvem-lhe o rosto em flocos admiráveis de nevada brancura. O rosto possui, ainda, uns matizes róseos de mocidade. Tem os olhos pequenos e azuis e usa óculos, uns veneráveis óculos de grossos aros de tartaruga.

Ao redor desse homem, apertam-se muitos amigos, desfazendo-se em cortesias e obsequiosidades.

Se a um destes o leitor perguntar quem é aquêlê velho, êle dirá espantado:

— Oh, não conhece! É o Senhor Duque de Bragantina!

E o duque, exatamente, vai caminhando pela rua, satisfeito, dirigindo aos que o cercam gracejos e pilhérias, com a voz aflautinada, que o caracteriza.

Quando passa por alguma jovem gentil, que lhe sorri de uma janela, êle faz-lhe um cumprimento bem desenhado, vai dissertando sôbre um assunto qualquer. Ou seja a explicação pela física da propriedade que tem a água de molhar, ou a virtude dormitiva do ódio.

Não gosta dos assuntos transcendentais, nem de objeções impertinentes; discute para conversar, só para isso. E os amigos o compreendem e não o contrariam.

Por alguns momentos de observação, podemos saber quem é o duque de Bragantina. A roda de amigos, que o envolve, diz-nos que êle é rico e poderoso; o cumprimento galante à jovem da janela indica-nos o sexo das belas; a sua conversa mostra-nos, pelo objeto, que êle gosta da ciência; pela dissertação, que êle não cultiva, pelo ar de imposição com que fala, conhece-se que êle não admite obstáculos diante de si.

E tudo é verdade. Herdeiro do sangue orgulhoso de uma extensa cadeia genealógica de requintada fidalguia, nasceu o duque de Bragantina com tôdas as predisposições para o mando. Seu pai foi um cavalheiro educado nas páginas dos "Lusíadas";

lera o poema dos lusos e decorara o canto nono; daí a vida que levava de bravuras épicas e galantes.

Filho de tal pai e continuador de tais fidalguias, era impossível que no caráter do duque de Bragantina não se fundissem os arrojos, as sensualidades paternas com as arrogâncias da raça.

Na idade de catorze anos, tendo perdido o pai aos cinco, depois de uma educação viciada pela flexibilidade bajulatória de alguns dos seus educadores e pela violência ofensiva de outros, que deram ao menino uma duplicidade de gênio, ora arrogante para uns, ora humilde para outros, começou a imiscuir-se o jovem fidalgo na gerência da sua vida e dos seus haveres.

A fortuna do duque era colossal. Facilitava-lhe uma vida principesca. Conseguindo libertar-se dos tais educadores impertinentes, viu-se o moço entregue à própria natureza e às adulações dos seus áulicos.

Brilhante correu-lhe a existência. Fortaleceram-se os sentimentos despóticos, que lhe haviam plantado n'alma as adulações corruptoras dos seus primeiros mestres, ao passo que não desaparecia o gérmen da falsidade que se criara da necessidade de iludir aquêles a quem o duque temia em pequeno (14).

Qual foi a consequência?

A consequência foi que se derramaram precoces as alvuras do encanecimento por sôbre a cabeça do duque, e, quando, em momentos de rápida meditação, o fidalgo se encontrava para fazer um exame de si mesmo, reconhecia-se vazio dos recursos de que necessitava para apresentar-se em rodas ilustradas, onde queria figurar, ao mesmo passo que, pensando na vida, se achava intimamente parecido com o retrato moral de seu pai que lhe pintavam as tradições de família, exceção feita das aventuras heróicas e dos rasgos de franqueza.

(14) Em nosso idioma, podemos dizer: germe (rudimento de um novo ser), ou gérmen. O plural será: germes, germens e gérmenes. (Nota do "Clube do Livro").

Por isso é que contavam à bôca pequena uns episódios grotescos do duque de Bragantina em várias sociedades científicas ou literárias, onde costumava apresentar-se; por isso, também, o arrabalde de Santo Cristo ressoava surdamente com os boatos das façanhas amorosas de certo homem de barbas brancas.

Por felicidade do duque, unira a sua existência à de uma generosa fidalga, que sabia amargar em silêncio tôdas as brincadeiras do espôso e distraía-se dos sofrimentos domésticos, entregando-se de corpo e alma à mais ativa prática de caridade para com os necessitados.

Os moradores da pequena aldeia consagravam à duquesa uma verdadeira adoração. Raro era aquêlê que não a tinha visto à sua porta, indagando do estado de qualquer enfêrmo, aconselhando o uso de um medicamento, ou dando disfarçadamente uma esmola...

Esta santa senhora esforçava-se por contrabalançar com as suas virtudes os excessos do duque.

Em atenção a ela, algumas pessoas de consideração permaneciam na roda perigosa do marido. Por êsse motivo, os amigos do duque não eram todos da ordem dos alegres companheiros de passeio pelas ruas de Anatópolis.

A êstes, costumava o grande fidalgo dar a honra de sua companhia, durante o verão. Aos sábados, porém, vinha só, com a duquesa, visitar a propriedade de Santo Cristo.

Na época em que começam os sucessos da nossa história, apesar do estio, não se achava o duque em Anatópolis.

Viera de lá por um dos sábados. Tinha de voltar na segunda-feira e já o povo anatópolitano se preparava para recebê-lo, entre regozijos e foguetes. Mas, o duque, não apareceu. Era uma grave contrariedade para aquêles felizes desocupados. Tinham, talvez, de passar uma semana sem ver na rua a esplêndida e branca figura do fidalgo de chapéu de Chile.

Um desgosto para êles ou motivo de tristeza não eram regra do duque. Pelo contrário. Êle era o que se pode cha-

mar a pontualidade em pessoa. A pontualidade, porém, possui um sério inimigo que, aliás, não é incompatível com ela: o capricho.

O duque era um homem caprichoso. Ainda uma consequência do servilismo dos maus educadores.

Como homem caprichoso não era de admirar deixasse uma vez de se apresentar em Anatópolis conforme o costume.

O duque de Bragantina tivera na véspera um dos seus caprichos.

Tinha dito na mansão que, depois do baile do marquês de ***, em cujo palácio passara a noite, iria diretamente para Anatópolis, sem voltar a Santo Cristo. Um motivo qualquer ou mesmo motivo nenhum o fizera resolver o contrário.

Parece que o capricho explicava-se por uma incumbência de que o duque encarregara o seu íntimo Manuel Paiva...

Por um motivo ou por outro, o fato era que, no dia seguinte ao baile do marquês de ***, às dez horas da manhã, subia o duque as avenidas do palácio de Santo Cristo, contra tôda a expectativa.

Nessa manhã, gravíssimas coisas se haviam passado. O palácio do duque era um inferno.

Uma atividade doentia apoderara-se da mordomia, dos domésticos, de todos que residiam no palácio ou na propriedade.

Via-se a criadagem correndo pelos corredores. O criado particular do duque, que saíra do palácio na véspera, fôra chamado a tôda pressa. Os habitantes da aldeia situada ao norte do parque afluíam às portas do palácio; perguntava-se, procurava-se, indagava-se, discutia-se, contrariava-se; havia exacerbações, impertinências, iras, temores, dúvidas, interrogações.

O palácio era um inferno — dissemos.

Imagine-se. Acabava de ser invadido pela polícia. Haviam comparecido delegados, inspetores, a polícia tôda, simbolizada pelo ativo e enérgico dr. Lauro Trigueiro. A invasão do palácio não se fizera, porém, em nome da lei, contra a

vontade dos seus moradores; muito diversa disso. As autoridades tinham sido chamadas pela gente da casa. Apenas asso-
mou ao portão o duque de Bragantina, correram a êle, brancos,
lívidos de contrariedade, de receio e de indecisões, todos os
que estavam na mansão. O mordomo vinha tremendo como
um gotoso; os domésticos vinham pálidos como se caminhassem
para a guilhotina, o criado particular não teve ânimo de apre-
sentar-se. Ficou prostrado num dos aposentos.

A frente da multidão, que foi ao encontro do duque, nota-
vam-se o chefe de polícia e o marquês d'Etú, filho único do
duque de Bragantina.

O chefe de polícia era o dr. Trigueiro, a quem já nos
temos referido. O marquês d'Etú era o proprietário de um
belo palácio no pitoresco arrabalde das Bananeiras e de nume-
rosa série de quartos para morada de pobres, às quais se
dá geralmente o nome de cortiços.

Se aludimos a estas propriedades do marquês é porque,
falar no filho do duque de Bragantina, sem tocar nos tais
cortiços, é deixar incompleto um retrato.

O marquês d'Etú era apelidado, pela maledicência dos
círculos aristocráticos, "príncipe dos cortiços". Em verdade,
a mofa da alcunha era justiceira. O marquês era um produto
abortivo do tronco dos Bragantina. Um gentil-homem pro-
fundamente burguês. Mas o seu burguesismo dava somente
maior importância a uma conta de açougue, com alguns tostões
de menos, do que a quantos documentos nobiliárquicos em regra
fôsem necessários para ligá-lo à família dos Bragantina. Êstes
instintos de avareza não se enquadravam perfeitamente com
as orgulhosas liberdades do duque. Em razão disso, pouco
aparecia o marquês d'Etú na mansão do Santo Cristo. O pai
e o filho não alimentavam estreitas relações. E só algo sério
podia levar o marquês ao palácio de seu ilustre pai.

Tinha, por conseguinte, uma importante significação a pre-
sença do marquês em Santo Cristo.

Demais, êle, um homem de boas côres e militar, que se
gloriava de alguns contestados mas brilhantes feitos bélicos,

dirigia-se ao encontro do duque com o rosto desfeito, o olhar desorientado e alguma umidade lacrimosa pelas pálpebras. Po-bre soldado!

O duque de Bragantina achou esquisito aquêlo bando de gente que se aproximava dêle.

Aquêlo monte de librés verdes manchadas de amarelo, botões azinhavrados, sobrecasacas pretas, jaquetas rústicas; aquelas caras amedrontadas, a maneira de andar daquele munda-réu, a gesticulação desesperada do marquês d'Etú, a presença extraordinária dêste fidalgo em sua casa, o ar atrapalhado, cheio de risos verdes, azuis, brancos e amarelados do chefe de polícia... aquela multidão, aquelas fisionomias, tudo tão fora do comum.. Para um homem como o duque, que vivia bocejando nos grandes salões e na monotonia dos dias da mansão, aquêlo aspecto extraordinário causava um íntimo prazer. A curiosidade, aguçada pela presença do filho, que havia muito não o visitava, pelo comparecimento da polícia, pelo rebuliço daquele povo à sua chegada, causava-lhe gostosas titilações no espírito.

O duque, entretanto, amestrado proficientemente na arte de fingir, aparentou simplesmente admiração.

— Que quer dizer esta revolução? — perguntou, como se falasse consigo mesmo.

— Houve alguma coisa no palácio — disse, arregalando os olhos, um amigo que ia ao lado do duque.

— Que há de ser, meu Deus? — murmurou, assustada, a duquesa, apoiada no braço do marido.

Quem chegou primeiro foi o marquês d'Etú. Êste, à medida que se adiantava, precipitava os passos. Por fim, lan-çou-se para o pai, gritando:

— Roubado! Roubado!...

O “príncipe dos cortiços” esqueceu-se de saudar a duquesa e de apertar a mão do duque.

— Roubado! — exclamava, com os lábios esticados e o peito arquejante.

— Bom-dia, marquês! — disse-lhe friamente o duque.

— Roubado! — repetiu incontinenti o marquês.

— ... o que explica a sua agradável presença em nossa casa?. Então...

— Roubado! — insistia o “príncipe”

— Acalme-se, marquês! — aconselhou o duque de Bragançina. — Conversemos em primeiro lugar. Depois...

— Fui roubado!

— Prenderam o ladrão?

— Sr. duque.

— Oh! Dr. Lauro! Explique-me o motivo por que o vejo aqui hoje... Que negócio de roubo é êste?

— Roubaram-me! — interrompeu, fora de si, o marquês d’Etu.

— Sr. marquês, tranquilize-se! Havemos de descobrir. Sr. duque — começou o chefe de polícia.

— Roubaram-me — cortou o marquês — roubaram o anel de minha mulher!

— Conte, dr. Lauro... — pediu o duque.

— Dr. Trigueiro, conte — repetiu o marquês.

— Dr. Lauro, estou curioso...

— Dr. Trigueiro, estou desesperado...

O chefe de polícia estava embasbacado entre a curiosidade do duque e o desespêro do marquês. Ao redor do grupo, formado pelo duque e sua mulher, pelo marquês e pelo chefe de polícia, fechara-se, em círculo, numeroso grupo de gente que assistia com interêsse à cena provocada pela superexcitação do marquês.

— Ora, sr. marquês — disse com impertinência o duque — sossegue! Deixe-me conversar com o doutor chefe de Polícia...

— Um anel dêsse valor!.. — gemeu prolongadamente o marquês.

— Sr. marquês — disse o chefe de polícia — as jóias não de se encontrar.

— As jóias? — interrogou o duque. — Então não se trata só do anel do sr. marquês?

— De minha mulher! — corrigiu o marquês d'Étu, no seu tom lamuriante.

— Sr. duque, o negócio é muito mais grave — disse o chefe de polícia.

O fidalgo coçou o queixo com o indicador, mergulhando a mão nas alvas barbas e disse, distraidamente:

— Sim?!...

E, voltando-se para um criado, que estava atrás dêle, perguntou:

— O cocheiro já entrou com o carro?

— Como o sr. duque disse que queria subir a pé...

— Já sei... Já sei.. Diga-me se êle já recolheu o carro.

— Sim, senhor!

— Previne-o, então, para que não se esqueça de ver por que está mancando aquêlo cavalo.

O criado fêz uma continência e retirou-se apressadamente.

O duque, do alto da sua estatura, deitou majestosamente por cima da cabeça dos circunstantes um vagaroso olhar para os gramados do parque verdejante à luz da formosa manhã; depois de algum tempo, voltou-se para o filho e para o chefe de polícia e disse-lhes muito friamente:

— Se o negócio é grave, é melhor conversarmos dentro de casa.

O chefe de polícia, meio enfiado, por ver o pouco caso com que o duque tratava um negócio considerado grave, teve de abrir passagem para o duque de Bragantina, que, havendo parado com a chegada do marquês d'Étu, punha-se de novo a caminho para o palácio.

O “príncipe dos cortiços”, sempre exaltado e nervoso, teve de interromper umas coisas que dizia vivamente ao dr. Trigueiro, para igualmente seguir o duque.

Formou-se logo uma espécie de caravana imensa, que se foi alongando na direção da morada do duque de Bragantina.

A vanguarda, caminhavam os donos da mansão, o marquês d’Etu, o dr. Lauro Trigueiro, o mordomo do palácio e o amigo inseparável do duque, o seu médico dr. Jassey. Seguiam-se dois delegados de polícia, oficiais de polícia, soldados, criados e trabalhadores e, no extremo da marcha, um bando de mulheres, tagarelando muito, com uns filhinhos redondos e sujos enganchados ao quadril e outros agarrados às saias.

Por cima da procissão, nadava um zum-zum enorme e confuso.

O duque caminhava em silêncio, olhando tranquilamente para o arvoredo do parque, acompanhando com a vista as linhas caprichosas, que as andorinhas traçavam no céu. A duquesa, com a dificuldade própria dos anos, aumentada pelos padecimentos, suspendia-se ao braço do espôso e olhava para o chão, seguindo calada, como o duque.

No pórtico do palácio, a caravana dividiu-se: os que iam à frente entraram no palácio. Os da retaguarda ficaram quase todos parados em grupos, diante das escadarias do edifício.

Havia lacaios do duque, jardineiros do parque e moradores da aldeola da propriedade.

Falavam muito, mas à meia voz, como em respeito ao palácio.

— Digam lá o que bem quiserem... Para mim, o ladrão das jóias é gente da casa — afirmava uma mocetona robusta e feia, remexendo os ombros e as goradas cadeiras..

— Eu também acho — concordava receosamente outra mulher de seus quarenta anos, com as mãos cruzadas sobre o ventre e um lenço amarrado à cabeça.

— Mas a corda da janela? — objetou de mau humor um lacaio.

— Ora, a corda! — replicou a mocetona. — A corda está lá, porque a penduraram!

— Quem pendurou? Não foi quem teve necessidade de subir pela janela aberta?

— Ora qual, seu José, então de dentro não se podia atirar a corda?.. Até aquêlê nó que lá está, não era possível que se desse, sem se achar muito à vontade debruçado na janela.

— Mas quem lhe disse, sua bruxa...

— Bruxa... Olha lá, hein!.

— Quem lhe disse que o ladrão deu o nó, estando aqui em baixo? Antes de dar o nó forte, êle atirou a corda, que é bem comprida, passou uma das pontas por cima do gancho, deu uma lançada com as duas porções, para a corda não escorregar; trepou até ao peitoril...

— É uma história muito bonita, é! Mas eu não acredito nada.

— Ao menos, foi a explicação que deu o Inácio, quando descobriu o roubo — disse um velho jardineiro, entrando na conversa.

— Eu não quero falar mal dos outros — replicou ainda a teimosa mocetona — mas isto até faz desconfiar. Como é que um ladrão de fora havia de saber onde estavam as jóias?

— Isto lá não — contestou a mulher de lenço na cabeça com o seu ar toleirão — isso lá não.. os ladrões sempre sabem onde estão as coisas, a prova é que roubam... isso lá não...

— Isso, isso o quê, minha tôla? — interrompeu a mocetona. — Você não sabe o que está dizendo. Não se meta aqui.

— Ah! Sinhá Chica, não seja tão malcriada com a gente...

— Pois eu tenho a culpa de que você seja idiota?...

— Idiota, não!... Por causa de umas sirigaitas sem coração, é que a pobre da Emília está lá para morrer.. Todo o mundo também a chamava de idiota. Mas eram os malvados...

— Ora, é muito boa! — tornou a sinhá Chica, pondo as mãos na cintura como as asas de uma jarra. — É muito boa a Emília estar atrapalhada com a sua tísica! Não sei como se há de culpar os outros.

— Você não se lembra daquela vez que ela chorou por causa da Conceição?

— Pois a Conceição veio aqui com desaforos comigo.. apanhou.

— É! É! Mas, se o seu Januário não fôsse um pobre velho... você não havia de fazer mal à criança..

— Veja só. Oh! Oh!... O seu Januário é o primeiro a xingar a nora de maluca e a descompor a Conceição... Demais, a Conceição não tem nada com a Emília.. Não é filha.. Não é sobrinha. Ainda se eu desse no menino...

— Está bom! Está bom!. Não quero questões com a senhora..

— Que me importa!..

Enquanto as duas mulheres discutiam a sua questão pessoal, em outros grupos ainda se debatia vivamente o negócio do roubo.

A crença geral era a de que o ladrão das jóias não viera de fora.

Contra esta suposição protestavam, irritados, os criados do palácio. Ninguém, todavia, se deixava levar pelos seus argumentos em defesa da classe, os quais se reduziam todos mais ou menos à história da corda explicada por Inácio, o descobridor do crime.

— Nada! Nada! — diziam. — Como é que um ladrão sabia que um criado saiu do palácio do marquês de ***, depois da reunião, levando uma riquíssima porção de jóias? E, caso soubesse, por que não lhe havia tomado o cofre, aproveitando a falta de polícia em qualquer esquina escura?

CAPÍTULO VIII

A festa do marquês de *** terminara cedo.

As onze horas, o pequeno número de pessoas, que havia comparecido a ela, começava a retirar-se.

Não tinha sido verdadeiramente um baile. Fôra um pretexto para algumas horas de alegre palestra.

Os vizinhos, acostumados àquelas breves reuniões do marquês, não se admiravam de ver cessarem antes da meia-noite os rumores festivos das salas iluminadas do fidalgo.

Os duques de Bragantina não haviam faltado ao especial convite que lhes fôra dirigido. Mais ou menos às oito horas, aparece na porta da sala principal do marquês o senhor de Santo Cristo apertado na mais rigorosa etiquêta. Ostentava no largo peito algumas das numerosas condecorações de que se fizera merecedor pelos auxílios pecuniários que largamente distribuía.

Pelo braço, trazia a duquesa, séria, mas ricamente vestida e enfeitada de jóias de fabuloso valor. Exibia um colar de pedras de pureza incomparável, que constituía o mais precioso legado da fortuna dos seus primeiros antepassados.

Entre os outros adereços, havia um anel, pertencente à marquesa d'Étu, que se achava por motivo qualquer na caixa de jóias da Sra. de Bragantina e fôra por ela casualmente trazido.

Começou a festa. As moças dançaram. Cantou-se. Houve excelente música e melhor palestra. No fim de tudo, antes de se recolherem aos aposentos que lhes eram destinados, o duque e a duquesa despiram-se das jóias que traziam.

A duquesa guardou-as cuidadosamente em um bonito cofre, lustrosamente envernizado, oferecido pelo marquês.

Como o duque de Bragantina tencionava partir com a espôsa no dia seguinte, diretamente para Anatópolis, resolveu mandar as jóias para o palácio.

Um criado de sua confiança, que o acompanhara à festa do marquês, foi incumbido de as levar. O homem tomou o cofre, montou a cavalo e, às 11 horas e meia da noite, entrava no palácio de Santo Cristo. Na mansão, já todos dormiam àquela hora. Apenas uns criados conversavam à porta do palácio. O recém-chegado pediu-lhes que vigiassem o cavalo, enquanto ia guardar umas coisas, e entrou no edifício.

Foi até à sala grande do lance esquerdo da casa.

A sala estava sem luz. O criado acendeu um bico de gás.

— Vou fazer um grande favor, deixa estar — murmurou êle.

E, com o cofre que lhe havia sido confiado, dirigiu-se para o armário de espelhos, que se via na sala. Na fechadura do armário, via-se uma pequena chave. O criado deu-lhe volta.

Um dos espelhos deslocou-se.

— À direita — murmurou o criado — à direita... segundo o trato...

E colocou no canto direito da primeira prateleira do armário o preciosíssimo cofre...

— Agora, corre por conta dêle — balbuciou ainda..

— A chave eu levo.. direi que não vi o criado particular, que é quem deve vigiar estas coisas.

Assim falando, trancou a porta e guardou a chave. Apagou em seguida o gás e deixou a sala.

Ao sair do palácio, quando enfiava o pé no estribo do cavalo, em que devia voltar para a casa do marquês, despediu-se dos homens que estavam à porta:

— Podem ir dormir... O sr. duque não volta hoje; vai amanhã para Anatópolis. Boa-noite.

Os criados seguiram o conselho do companheiro e, quando o viram desaparecer no escuro do parque, recolheram-se e trancaram as sólidas portas do palácio.

Uma hora depois, só duas pessoas andavam acordadas por êsses lugares: Manuel Paiva e Inácio.

No dia imediato, à noite em que o leitor viu empenhados na sua empresa criminosa os dois homens de serviço do duque de Bragantina, foi Inácio a primeira pessoa que entrou na grande sala do armário.

A claridade pálida das cinco horas invadia o salão e iluminava modestamente as paredes. Estavam três janelas abertas.

Inácio corre para fora, gritando:

— Aqui entrou ladrão! Aqui entrou ladrão!

Dois criados acudiram ao berreiro. Inácio levou-os ao salão:

— Três janelas abertas! — exclamaram, espantados, os dois criados.

— Não é isso só!... Vejam aqui o armário arrombado... furtaram alguma coisa...

— Roubaram! Roubaram!

Mais outros criados se apresentaram.

— É preciso acordar o mordomo — dizia um.

— É preciso chamar o criado particular do senhor duque que passou a noite fora do palácio.

— É preciso! — afirmava fortemente Inácio. — É preciso saber-se o que roubaram e quem foi o ladrão!

— Vamos acordar o mordomo.

— Chamemos o criado particular.

Em poucos instantes, apresentou-se o mordomo assustadíssimo, metido num enxovalhado *robe de chambre* côr de rapé, com os olhos cerrados ainda pelo chumbo da soneira da manhã e a cara amarrotada de quem não se lavou ainda (15).

O mordomo levantara-se para acudir ao chamado insistente de um criado, que o fôra prevenir de que tinham entrado ladrões no palácio.

(15) Em francês, "robe" significa vestido, veste, roupa, beca, toga; "gens de robe" quer dizer: gente togada, magistrados, ministros; "robe de chambre" roupão, penteador, a roupa que se veste ou se usa no quarto ("chambre"). (Nota do "Clube do Livro").

— Oh! Como deixaram abertas as janelas? — gritou êle, dirigindo-se aos criados, mas fixando o olhar em Inácio.

— Eu pensei que elas estivessem fechadas — respondeu Inácio, com a voz um pouco alterada. — Demais, quem costuma fechar êste lado do palácio não sou eu... Quando examinei, as portas estavam encostadas... Esqueci-me de ver os trincos..

A voz de Inácio, comovida pelo mêdo que êle tinha de se ver apertado num interrogatório, foi-lhe útil, porque o mordomo supôs que aquilo fôsse receio.

— Pois você está arranjado, meu amigo.. Devia ter examinado. Está arranjado...

— Mas, sr. mordomo...

— Não sei. Você vai pagar caro o descuido.

— Olhem esta corda!.. — gritou uma pessoa que fôra procurar pelas janelas vestígios dos ladrões. — Olhem a corda!

Todos, inclusive o mordomo e Inácio, correram para a janela.

— Os malandros! — disse sem mais exame o mordomo. — Subiram por esta corda! Que atrevidos!. E vocês não ouviram barulho?

— Nós dormimos lá em baixo... Além disso, os reposteiros não deixam ouvir o barulho que se faz na sala.

— O que dirá o sr. duque?.. — diziam todos, olhando para a corda que desaparecia pela hera da parede.

Aquêlê fato da escalada às janelas e do arrombamento do armário preocupava extraordinariamente o mordomo. Não menos preocupados se achavam os criados, certos de que seriam êles os responsabilizados... Sem saber que resolução tomar, olhavam para a cara do mordomo.

Êste estava lívido.

— Ainda precisamos verificar o que é que os ladrões levaram — disse o mordomo. — Só o criado particular poderá informar-nos... Foram já chamá-lo?

— Sim, senhor — responderam simultâneamente vários criados.

Como para confirmar esta resposta, fêz-se um grande rumor num aposento vizinho, e precipitou-se na sala, arquejante, o criado particular do duque.

Era um pobre velho, de mais de sessenta anos, que estava de longa data ao serviço do duque.

Sempre que êste fazia qualquer viagem, o serviçal retirava-se do palácio e ia passar algum tempo com a família, que residia no arrabalde de Santo Cristo, a alguma distância da mansão.

Como o duque dissera na véspera que, da casa do marquês, seguiria para Anatópolis, o criado particular, apenas o amo saiu com a duquesa para o baile, abandonou o palácio e seguiu para a sua casa.

Nenhum crime havia no procedimento do serviçal. A sua presença na mansão só era necessária quando aí estava o duque.

E se, por um motivo qualquer, como, por exemplo, para guardar as jóias que os duques mandassem da casa do marquês, a fim de não levá-las para Anatópolis; se, por uma circunstância superveniente, êle se tornasse necessário, um criado iria chamá-lo... E um criado apareceu-lhe na porta, conforme fôra previsto.

Infelizmente, o motivo do chamado era muito diverso de quantas hipóteses pudera imaginar o criado particular.

— Entraram ladrões no palácio!.. — foi o grito que o pobre velho ouviu ao acordar.

— Um criado está aí dizendo que houve roubo no palácio! — disse a pessoa que foi ao quarto despertá-lo.

O criado particular saltou da cama, vestiu-se à pressa, desesperou-se com a fraqueza da sua idade, que não lhe permitia maior movimento; passou um pouco d'água no rosto e foi ter com o enviado, que lhe contou a surpreza da manhã.

— Estou perdido! — exclamou o velho. — Estou perdido! Que confiança poderá mais depositar em mim, o sr. duque!...

E, sem despedir-se dos filhos, que o cercavam, fitando-o com olhos espantados, saiu para a rua.

O criado que dera a notícia aflagou carinhosamente os cabelos em desalinho das crianças, cumprimentou a assustada espôsa, dizendo-lhe algumas palavras tranquilizadoras, e saiu em seguimento do velho.

O pobre homem, por um incrível esforço, vencida a pêsua dos anos e corria como um desassisado para a mansão do duque.

Estava encantador o dia... Uma transparente manhã difundiu-se no ar. A perspectiva das ruas afunilava-se distintamente, através da limpidez da atmosfera. As casas conservavam, ainda, fechadas as janelas, como se temessem a inundação da luz. Sôbre os telhados, os gatos arqueavam a espinha nuns demorados espreguiçamentos matutinos. No fundo dos quintais, os galos solfejavam a música risonha dos cacarejos. Das árvores dos jardins, pingava o orvalho das fôlhas. As chaminés ameaçavam sacudir para o céu uns lenços diáfanos de fumaça azulada. O estômago dessa casa acordava primeiro que o resto. Pelos passeios, corriam os criados e criadas, levando nos braços cestos de compras, enfeitados de molhos verdes de couves e franjas de cebolas; pelo céu, corriam pedaços de nuvens com as bordas douradas pelo fogo da aurora.

Uma brisa sem rumo passeava à toa ao longo das paredes.

O criado particular do duque atravessava pelo meio de todo aquêl admirável amanhecer como atravessaria uma tempestade; possuía uma única idéia: chegar ao palácio. Andava sem ver, a não ser o chão que tinha de pisar.

Assim, chegou a uma das portas dos fundos do palácio.

As pessoas, que estavam na mansão, viram-no passar, apressadamente, como se fôsse acudir a alguém, que pedisse socorro. Eram moradores da aldeola e trabalhadores do parque. Reconheceram o criado particular do duque e o acompanharam.

O serviçal subiu de um pulo as escadas do palácio e entrou na sala dos armários, na ocasião mesmo em que o mordomo perguntava por êle.

Entretanto, o boato do roubo espalhava-se, e tôda gente da mansão se agrupava sob as janelas encontradas abertas, ou procurava entrar no palácio para ver com os próprios olhos o arrombamento do móvel.

— Que aconteceu, sr. mordomo? — perguntou o criado particular, logo que respirou.

— Veja êste armário arrombado!

O ancião sentiu que ia cair e agarrou-se ao armário de que se aproximara, trêmulo, mais morto do que vivo.

O silêncio dos circunstantes deixou que se lhe ouvisse um grito surdo:

— Roubaram as jóias!

O mordomo amparou o pobre homem:

— Que diz? — perguntou com susto.

— Roubaram as jóias!... Aqui é que se guardam elas, antes de ir para a burra.. Eu sabia que o duque ia mandar as jóias, como sempre faz, quando vai com a duquesa a alguma reunião de onde tem de seguir para Anatópolis. A culpa é minha, que me retirei do palácio antes de receber o criado que devia chegar com as jóias... Estas palavras pronunciadas a meio pelo criado particular deixaram todos aterrados.

— É uma desgraça! — repetia o mordomo. — É uma desgraça!

— Estou perdido! — clamava o criado particular. — Levaram o colar da sra. duquesa.. Vou verificar que jóias faltam na burra da Coroa (não sabemos se por ter na porta uma placa em forma de brasões se por guardar uma maravilhosa coroa do duque, cravejada de brilhantes, emblema da família Bragantina). Nessa burra, guardava-se o que os duques possuíam em ouro e pedrarias; por um dengue de vaidade fidalga, estas riquezas não se diziam pertencentes ao duque ou à duquesa, mas, simplesmente, à Coroa.

O velho criado, acompanhado pelo mordomo, foi ao gabinete onde estava colocada a burra, e examinou as jóias da Coroa.

O resultado do exame foi desanimador. Faltavam os melhores adereços da duquesa, faltavam diversas condecorações do duque, e, entre as jóias da marquesa d'Etu, que estavam guardadas na burra da Coroa, talvez porque o marquês a considerasse mais segura lá do que na sua, faltava um rico anel de brilhantes.

O criado particular ficou atordoado. Aquilo era uma catástrofe! Quando êle e o mordomo reapareceram na sala dos armários, os criados viram-lhe os olhos rasos de lágrimas.

Entristecia ver-se o pobre homem. Estava desvairado; não sabia para onde voltar-se. Sofria como se visse no remorso do seu descuido uns vigamentos de fôrça.

Ficou prostrado em poucos minutos, como se houvesse passado por uma crise de febre. O mordomo, que resistia melhor ao pêso da responsabilidade, que lhe cabia, teve energia para tomar algumas providências.

Mandou imediatamente um recado ao palácio dos Bragançina, narrando a descoberta do roubo, e pedindo ao marquês d'Etu que mandasse dizer que procedimento devia ter em tais emergências; mandou outro portador ao palácio do marquês, a fim de, no caso de não haver ainda o duque partido para Anatópolis, dar-lhe a notícia do ocorrido.

O primeiro portador chegou ao palácio com o marquês d'Etu, que quisera acompanhá-lo.

O segundo voltou, dizendo que o sr. duque resolvera, por se achar um pouco indisposto, adiar a partida para Anatópolis; estaria em Santo Cristo antes do meio-dia. À vista disso, julgara inútil incomodar o amo com a notícia.

O portador, que fôra ter com o marquês d'Etu, não pudera informá-lo, por não saber das jóias que faltavam. Um terrível pressentimento, porém, avisou o "príncipe dos cortiços" de que êle fôra também vítima dos ladrões.

Mandou aprontar, com a maior brevidade, o carro, e, mal disfarçando a meia toailete da manhã, foi chegar à mansão de Santo Cristo ao mesmo tempo que o portador que o visitara.

A entrada do marquês no palácio do pai foi como a de uma bala na tórre de um couraçado.

Sem encontrar degraus nem dificuldades, o marquês chegou à sala dos armários como que de um salto. Os que lá estavam, assustaram-se com a sua entrada. Passou-lhes, repentinamente, pelo cérebro a idéia de um assalto ao palácio. Não era, felizmente, coisa tão medonha.

Quando, depois de um estrondo, o reposteiro da entrada se ergueu bruscamente, não foi uma horda vandálica que invadiu o salão, foi simplesmente o filho do duque de Bragantina.

— Roubaram-me alguma jóia? — perguntou êle, num brado, caindo sôbre o mordomo como uma onça.

— Sim, sr. marquês — respondeu o mordomo, com a voz tímida e recuando instintivamente.

— Que foi?... — rugiu o marquês. — Que me roubaram?

— Um anel de brilhantes!

— Um anel de brilhantes! — explodiu o fidalgo.

— Sr. marquês!... — ponderou o mordomo. — É cedo talvez para V. Exa. preocupar-se.

— Por quê? Por quê? — interrogou furiosamente o fidalgo.

— Porque eu falo unicamente por suposição.

— Então, como tem a ousadia?!...

— Perdão... mas, suposições bem fundadas.

— Explique-se! Não me enfureça!

— Perdoe-me Vossa Excelência, se o desgosto..

— Diga-me, por que são fundadas?

— São fundadas... porque os srs. duques, quando vão a alguma festa, tencionando depois seguir para Anatópolis, sem

retornar aqui ao palácio, mandam, para as guardarmos, as melhores jóias.

— E o anel?

— O anel de Vossa Excelência é das melhores jóias..

— E o que tem isso?

— A sra. duquesa, tendo-o levado, necessariamente o mandou entre as jóias que vieram, ontem.

— Entre as jóias roubadas!... — bradou o marquês, dolorosamente.

Os criados continuavam enchendo a sala, como que esperando ordens.

O marquês, como se notasse, só então, a presença dêles, voltou-se abruptamente e gritou:

— Que querem vocês aqui?

Os criados, movidos por uma só mola, baixaram um cumprimento e, com gravidade servil, afastaram-se de costas alguns passos, saindo depois todos por um dos lados da sala.

O criado particular do duque, que estivera inertemente encostado a uma janela, fugiu para o seu aposento.

O marquês ficou só com o mordomo, que já completara o vestuário, deixando o *robe de chambre*.

O fidalgo teve, então, um acesso de furor. Começou a trocar largas passadas pelo soalho como um andarilho mecânico a que se tivesse dado corda.

— Roubado! — repetia. — Roubado!

Quando lhe passou o acesso de raiva ambulante, o marquês assumiu um ar de desconsolação:

— Uma jóia de tal preço!.. É possível?!

Depois de ter respeitado por algum tempo o desespêro do marquês, o mordomo perguntou receosamente:

— Que acha V. Exa. que eu devo fazer?

O marquês não deu resposta, imediatamente. Estêve abstracto alguns segundos e, depois, perguntou:

- Que está dizendo?
- V. Exa. ordena que se chame a polícia?
- Ah! Pois ainda não chamou?
- Queria antes aconselhar-me.
- Ora, aconselhar-se!...
- Vou mandar chamar o chefe de polícia.
- Mande!... Mande!... Mande!...

O mordomo retirou-se. O marquês foi até a uma das janelas da sala. O sol acabava de levantar-se e trespassava o arvoredado do parque com largas lâminas de luz vermelha. Na espaçosa sombra, que projetava o palácio, estava muita gente olhando para cima, na direção da corda pendurada ao gancho da janela.

O marquês olhou na mesma direção e descobriu a corda.

— Ah! — disse consigo. — Por ali subiram os miseráveis!

Depois, voltou a vista para os curiosos do parque, e pôs-se a procurar involuntariamente o ladrão no meio daquele povoaréu. Cada cara embasbacada afigurava-se-lhe a de um malfeitor disfarçado.

— Ah! Se o apanho! — murmurou.

E, tendo ouvido passos na sala, saiu da janela.

Era o mordomo.

— O chefe de polícia vem? — perguntou-lhe o marquês.

— Vai chegar num momento.

— Bem, veremos se esta polícia vai providenciar..

— Creio que *descobrirá tudo.

Passado algum tempo, um criado apareceu na sala e anunciou o sr. dr. Lauro Trigueiro, chefe de polícia.

— Diga-lhe que entre — mandou o marquês.

O criado retirou-se.

CAPÍTULO IX

Passou-se a cena violenta do nosso terceiro capítulo e Emília retirou-se para o quartinho, onde dormia, jurando que não se havia de fazer a vontade dos dois perversos.

Caiu na cama prostrada e soluçando. Um cansaço enorme acabrunhava-a, consequência do esforço que provocara a revolução da sua energia, por tanto tempo em letargo.

Sentiu ao mesmo tempo que a aragem da noite lhe fizera mal.

Um calor intenso de febre escaldava-lhe o corpo. Estirou os membros por entre os grosseiros lençóis do leito e ficou a refletir na conversa, que ouvira. Repassou na memória cada uma daquelas frases, e a recordação causava-lhe estremecimentos e provocava mais lágrimas.

No meio da escuridão do cubículo, ouvia-se-lhe o respirar ofegante e os soluços convulsivos.

Quando clareou o dia, ainda não conseguira dormir um só instante.

Amanheceu abatida como uma agonizante.

Fêz falta ao serviço da manhã. A mulher de Januário foi ver o que tinha ela.

— Estou doente — respondeu Emília com voz rouca e fraca.

A pobre mulher apresentava as feições sulcadas como um rosto de caveira. Estava lívida e profundamente acabrunhada. Nos olhos, no entanto, havia uns reflexos vítreos, contrastando com o amortecimento do corpo.

A mulher de Januário não pôde conter um movimento de contrariedade.

Doente Emília, ficava-lhe o pêso do serviço e ela era tão velha.. Ah! Tinha Conceição.. Mas Conceição estava atualmente destinada a outro serviço absolutamente indis-

pensável. O diacho!... Era necessário tirar Emília da cama o quanto antes!

Por isso é que a moléstia da nora preocupava mais a mulher de Januário do que o roubo do palácio.

Conceição nutria uma simpatia especial por aquela mulher a quem a vovó e a Dindinha chamavam de nora... e tratavam como escrava. Achava docemente atrativa a tristeza de Emília. As almas ingênuas agradam-se facilmente das almas tristes. No meio de sua alegria gárrula, involuntária, constante, conservava sempre um sorriso especial para suavizar a tristeza dolorida de Emília.

Demais, além da simpatia tinha motivos de gratidão.

Lembrava-se que, desde muito pequena, sempre recebera afagos daquela mulher. Notava que só era acariciada, quando não havia testemunhas e que, quanto mais ela crescia, tanto mais raras eram as provas de amizade que lhe dava Emília. Contudo, sentia que era a mulher triste a única pessoa que a amava, verdadeiramente.

Quando soube que Emília havia amanhecido indisposta, correu a visitá-la.

A prostração da doente comoveu-a em extremo.

Conceição não pôde conter as lágrimas e sentou-se junto ao leito a contemplar entristecida o semblante de Emília. A atitude da mocinha desgostou cruelmente a enfêrma.

Conceição viu-a voltar-se na cama e apertar o rosto nas dobras de um lençol. Pareceu-lhe que Emília chorava desesperadamente.

Naquela ocasião, Emília e Conceição acharam-se sós no quarto.

A mulher de Januário, atribuindo à fraqueza a doença de Emília, fôra preparar-lhe um caldo.

— Está chorando, mamãe?! — exclamou Conceição, debruçando-se por cima do leito de Emília e cingindo-a entre os braços. — É por minha causa que chora?...

As exclamações de Conceição como que causaram um prazer dulcíssimo a Emília!

A nora de Januário descobriu o rosto e enlaçou com os ossos descarnados dos braços a cinturinha elegante da donzela.

— Não estou chorando, pobre criança! — disse. — Veja que estou rindo.

No semblante cadavérico, havia, realmente, a luz doce de um sorriso, misturando-se às mais ardentes lágrimas em irisações de uma alegria celeste..

Foi um abraço longo...

Emília sentia como um transbordamento do coração, apertando contra o peito aquela mocinha.

Conceição reparou que nunca estivera tão alegre a nora de Januário.

Orgulhava-se, generosamente, de ter causado tanto prazer.

— Já não chora mais? — perguntou, sorrindo, à doente.

— Agora, estou ficando boa... — respondeu Emília, que, depois do abraço, ficara segurando a mão da moça.

Conceição deu uma risadinha graciosa e acariciadora:

— Ah! Está ficando boa com o meu abraço?..

— Foi um santo remédio! — disse, sorrindo, a enfêrma.

Na verdade, era sensível o bem que aquela expansão de amizade fizera a Emília. A voz tornou-se-lhe mais forte e mais clara, um fortalecimento geral percorreu-lhe os músculos.

Quando a mulher de Januário entrou com o caldo no quarto, achou Emília sentada na cama.

— Já está boa, Dindinha! — gritou-lhe Conceição.

— Sim, senhora! Isto sim! — disse a velha com um carinho fingido. — Beba êste caldo e saía a passear, que daqui a pouco está boazinha como eu...

Emília tomou o caldo e, meia hora depois, estava fora da cama, a andar pela casa, um pouco fraca ainda, porém, sentindo-se mais disposta.

Todos a julgaram boa e Emília, mesmo, sentiu-se sem a opressão do peito, que tanto a atormentava, durante a noite. Tirou da cama o filho e foi à cozinha ajudar a velha sogra, que, por uma grande generosidade, tomara a si a parte mais pesada do serviço daquele dia.

Não fôra só Emília que havia passado mal a noite. Januário, apenas, pôde conciliar o sono pela madrugada. Levou a pensar na agressão inesperada da nora.

Lembrou-se das palavras fatídicas de Manuel Paiva, quando dissera que tinha medo das mulheres tristes. Depois, começou a esgaravatar nos recantos do seu velho cérebro uma razão para o procedimento da nora.

De fato. Emília não mostrava grande amor a Conceição. Ao menos, êle nunca a vira fazer-lhe agrados...

Emília não gostava que Conceição a chamasse de mãe, e, afinal de contas, a donzela não passava de uma enjeitada, trazida para casa pela generosidade do seu filho...

A quê vinha a raiva daquela "jararaca" triste, por um negócio que não lhe dizia respeito?...

Dava que pensar..

E Januário pensou tôda a noite; e a madrugada veio surpreendê-lo a pensar, ainda..

Por isso, acordou muito tarde.

Quando abriu os olhos e lembrou-se do acontecimento da véspera, julgou que tivesse sido vítima de um pesadelo. Depois de levantar-se, vendo na gaveta o dinheiro recebido de Paiva, certificou-se de que foram muito reais os repelões que lhe dera a nora.

Ao sair de sua alcovã, mastigava nas desdentadas gengivas um plano de vingança: mandar incontinenti a moça à casa de Paiva...

— Hoje, vosmecê levantou-se muito cedo, meu garôto — disse-lhe a mulher em tom de chacota. — São horas de almôço..

CAPÍTULO X

Entrando no palácio, recolheram-se os duques aos aposentos...

Num espaçoso salão, que abre as janelas para a escadaria do edifício, ficaram o marquês d'Étu, o chefe de polícia, o dr. Jassey e todos os que haviam chegado com o fidalgo de Santo Cristo.

Ao retirar-se, o duque de Bragantina, com certa desatenção ostentosa, atirara-lhes uma única palavra:

— Esperem...

O marquês d'Étu fêz uma interessante careta de desgosto, como achando a pílula amarga.

O dr. Lauro Trigueiro sentiu o rosto crescer de despeito e olhou com uma expressão idiota para os que o cercavam. Aquela palavrinha amarga, de entonação feminina, com um som de desafinado requinte, causou-lhe cólicas. Torceu-se o amor próprio do chefe de polícia, torceu-se a avareza do "príncipe" ..

— É assim que êste homem trata os negócios graves... — murmurou, insofridamente, o dr. Trigueiro, dirigindo-se ao marquês.

— Que quer?! É poderoso!... — respondeu êste, batendo o pé com impaciência.

O dr. Jassey e os outros adivinharam as frases dos despeitados e trocaram entre si uns sorrisos cruéis.

O marquês fuzilou-os com um olhar.

Muito tempo esperaram, reunidos, dizendo pequenas palavras, mascando, surdamente, impaciências. Quando acharam demais, dispersaram-se pelo salão e cada um foi para sua janela contemplar o parque em falta de outra distração.

Os pássaros recreavam-se ao belo sol da manhã, pulando de galho em galho na ramagem dos pés de magnólias, dando

gritos miúdos e batendo, céleres, as pequenas asas pardas; os beija-flôres passavam como agulhas cintilantes, riscando no ar um trilho de faíscas coloridas, ou pairavam, imóveis, violando, lúbricamente, o nectário das rosas (16).

E a gente da sala bocejava, menos o marquês, que se desesperava em silêncio, fungando significativamente, e o dr. Lauro que, descansando os cotovelos num peitoril, meditava, engolfado na estupidez da mais bovina resignação, sôbre as agruras do seu cargo.

Entretanto, a chamado do sr. duque de Bragantina, um homem viera ao palácio pela entrada dos fundos. Barafustara familiarmente até aos íntimos aposentos do duque e fôra encontrá-lo no seu gabinete.

Merece especial descrição êsse compartimento do palácio.

É uma pequena sala de quatro portas, uma em cada parede, das quais duas comunicam com o museu e a biblioteca do duque, e as outras com o quarto de dormir, e uma sala de espera, por onde se passa para as peças interiores do edifício.

De aspecto extravagante, as suas paredes são forradas de um papel côr de bôrra de vinho, semeado de grandes desenhos da mesma côr, porém desmaiados, com uns traços de ouro a êsmo. Sôbre as portas, desdobram-se espessos reposteiros da côr sombria do papel. Há pouca mobília: uma grande mesa de escritório, pesada e firme, descansando em quatro bojudas pernas feitas a tórno, uma cadeira de braços girando em parafuso sôbre uma sólida tripeça, formada por três garras de leão em feixe, duas outras cadeiras comuns, um armário envidraçado e uma longa espreguiçadeira almofadada de peludos coxins com umas depressões marcadas pelo seu uso frequente.

Na mesa, amontoam-se papéis variados, jornais, livros; no meio, está uma escrivanhinha de prata, com a coroa e ini-

(16) Em botânica, chama-se nectário a glândula que segrega o néctar, secreção adocicada, elemento principal com que as abelhas fabricam o mel. (Nota do "Clube do Livro").

ciais do duque, gravadas num medalhão, algumas canetas deitadas no gancho em descanso e um lápis vermelho entre as canetas.

Em cima da pilha de papel, vê-se uma caveira denegrada pela idade; não tem o maxilar inferior e crava a dentuça proeminente no papel sôbre que se acha, rindo-se com as cavernas da face, como uma estátua irônica da Morte. No meio dos papéis da mesa, há um pequeno folheto de capa amarela, do qual se pode apenas ler a metade do título:

“ dos *Divinos*.”

Pouco acima da mesa, há diversos papéis suspensos por uma mãozinha dourada: o primeiro que aparece tem êste curioso e terrível dístico:

A Desmoralizar

seguido de uma lista de nomes. Inimigos do duque.

Em um dos ângulos do gabinete, há dois ganchos. De um dêles, pende uma enorme coleção de jornais de todos os títulos; do outro, ainda, uma coleção de jornais, mas ilustrados com caricaturas. O mais visível apresenta a crítica dos episódios de uma viagem, em que o viajante cai muitas vêzes da cavalgada.

A luz do dia entra maciamente pelo vidro fôsko de uma clarabóia no meio do teto e abre um cone de branda claridade por cima de tudo, desde a caveira tétrica até à espreguiçadeira com os seus coxins macios, deliciosos.

Fora do alcance da luz forte, clareada, apenas, pelos reflexos, que sobem do chão, e pela difusão do dia, circula pelas paredes do gabinete uma fileira de retratos, entre os quais se vê um todo envolvido em crepe finíssimo, através do qual se divisam as lindíssimas feições de uma distinta moça.

Neste aposento, estava constantemente o duque, quando se achava em Santo Cristo. Gostava do seu gabinete. Ali ficava à vontade. Ninguém penetrava naquele recinto senão

o seu criado particular e outro único criado. A própria duquesa havia muitos anos que não visitava o gabinete. Em compensação, algumas fidalgas da intimidade do duque, e consideradas por êle, conseguiam, de vez em quando, espiar o misterioso aposento...

Manuel Paiva, também, ali aparecia frequentemente.

Naquele gabinete, onde o duque ocultava os seus maiores dissabores e os seus inconfessáveis prazeres, afogando-se em eterno crepúsculo, no meio do qual se passam idílios cheios de sorrisos e beijos, cheios de furores, imprecações e ameaças, ouviam-se muitas vêzes diálogos interessantes, travados entre o duque de Bragantina e o seu íntimo Manuel Paiva.

Foi a uma destas entrevistas que compareceu Paiva, chamado pelo duque.

O senhor de Bragantina estava sentado na sua cadeira de parafuso, junto à mesa de escritório do gabinete. Tinha a cabeça descansada na palma da mão e o cotovêlo sôbre a mesa.

Paiva pediu licença por formalidade e foi entrando.

— Sabe para que o chamei? — perguntou o duque, com voz complacente.

— Suponho que sim, sr. duque...

— Deve saber... Lembra-se da sua promessa?

— Perfeitamente... Garanti que hoje começaria e de fato comecei.

— Conseguiu?

— As suas ordens são executadas sempre, sempre, apesar de tudo.

— Adiei a minha ida para Anatópolis, com o fim de vê-lo hoje mesmo — disse o duque, sem olhar para Paiva.

— Ela estará em nossa casa para receber.

— Vou visitá-la à noite.

— Quando queira. As portas estão abertas para V. Exa., a qualquer hora.

Manuel Paiva tinha-se conservado de pé, a alguma distância do duque. O fidalgo falara sem virar-se. À última palavra de Paiva, fêz girar a cadeira sôbre o parafuso e voltou-se de frente para o íntimo.

Paiva, quando já se dispunha a pedir licença para retirar-se, viu-o franzir a testa em rugas horizontais. O duque ia fazer alguma pergunta. Paiva esperou, prevendo alguma coisa grave.

O senhor de Bragantina, depois de um instante de reflexão, dirigiu-lhe um olhar de viés e perguntou, de modo irresistivelmente inquisitivo:

— Que história de roubo é essa que tanto barulho tem feito hoje nesta casa?

— Ouvi dizer que roubaram algumas jóias da Coroa...

— Da burra?

— Creio que não, ali não entra qualquer mão como numa gaveta..

— Já sei... Não seria do armário, onde as jóias ficam, às vêzes?

— Naturalmente.. Não tenho certeza, porque até há pouco estive em casa e, só quando vinha para aqui, me deram a notícia..

O duque soltou uma pequena risada, levantou a cabeça sorrindo, e encarou o íntimo.

O olhar do fidalgo foi como uma sonda até ao fundo da alma de Manuel. O íntimo sentiu um arrepio a correr-lhe pela espinha dorsal, mas afrontou herôicamente o olhar e o sorriso do amo. Dir-se-ia que na pele morena do rosto se **quebravam** êsse sorriso e êsse olhar, como duas lanças numa couraça.

— Então, sr. Manuel.. o senhor não me pode informar.

— Dentro de minuto, posso alcan...

— Já sei.. E se eu lhe disser que você, desde ontem, sabe tudo?

— Desde ontem?... Não compreendo o que V. Exa. quer dizer.

— Eu quero dizer o que disse. Você, desde ontem, sabe tudo..

— Juro que... Nem vi chegar o homem que devia trazer do palácio do sr. marquês de *** as jóias...

Nova risada esperta do duque.

— Não vejo motivos para o sr. duque supor que eu minto.

— Ora... ora... Eu bem sei que você é a criatura mais santa que o céu cobre..

— Lá isto, nem o sr. duque... — aventurou Paiva, entre sorrisos.

O senhor de Bragantina não deu ouvido à insolência açucarada do seu servidor.

— Pois eu digo que o sr. Manuel Paiva, meu veterano confidente de segredos, sabe de tudo, desde ontem, e, mais ainda, sabe onde estão as jóias desaparecidas.

— V. Exa. me chama simplesmente de ladrão.

— Ladrãozinho só — pilheriou o duque.

— Ladrão! — murmurou Paiva, afastando-se ressentido.

— Então, meu Paiva, você pensou que eu não o conheço?

— Se o sr. duque me conhece, por que deposita confiança num ladrão?

— Num ladrãozinho — repetiu o duque, no tom de chacota que assumira. — Depositei confiança em você, porque... Depositei confiança em você, porque.. é preciso que haja gente para tudo...

— O sr. duque fale de mim como de um limpador de esgôto.

— Quase..

— Mas, sr. duque, perdoe-me a pergunta.. Não tenho sido o maior fiel servidor de V. Exa? Não tenho buscado sempre satisfazer vossos desejos? Não me tenho dedicado ao serviço sem olhar perigos? Cegamente, devotadamente...

Não tenho, até, amargado vergonhas por causa de V Exa.? Quem será capaz de prestar-vos os meus serviços com maior perfeição e habilidade?

— Já sei!... Já sei! Mas, a que vem isso?

— São títulos à confiança que mereço... Demais, quando roubei? Que tenho roubado?

— Ora, Manuel, cale êsse bico... Você canta muito bem, mas não me ilude com os trinados... Lembre-se de que eu não o conheço de ontem... Diga-me que sabe tratar com as avezinhas como temível caçador... que o seu emprêgo o expõe a vergonhas e sovas. Diga-me, enfim, que os moleques dão um nome feio à gatinha preciosa do seu ofício... Deite tôdas as cantilenas; mas não me pergunte o que tem roubado!... Você sabe que sou rico e não me enfureço como o marquês, meu filho, porque os ratos dão no saco de farinha. O que você tira eu lho dou de presente... Não brigo.. Mas não quero que se faça de ingênuo... Guarde a ingenuidade para enganar as meninas tôlas... Não a gaste comigo... Quando quiser saber o que tirou contra a vontade do dono, pergunte pelo piano da duquesa, e pergunte pelas jóias de uma mocinha.

— Sr. duque! O senhor está-me cobrindo de insultos...

— Deixe-se de fingimentos, Manuel... Se estas coisas o ofendessem, você não seria o mesmo homem e eu sãberia desde logo que você não servia para o emprêgo.

— Se tem necessidade de mim, aceite-me tal como sou, porém, não me lance em rosto.

Paiva falava queixosamente, mas deixando entrever a ponta de uma ameaça.

— Eu o aceito tal qual é... Não pretendo reformá-lo, acredite. Quero, apenas, mostrar que o conheço profundamente... E, por isso, garanto que você sabe onde estão as jóias..

— Fui eu, então, o ladrão?

— Você o disse..

— Sr. duque, vejo-me forçado a retirar-me do serviço de V. Exa.

— Quem o força?

— A minha honra...

— Palhaço! — exclamou o duque, sorrindo de pouco caso. — Honra de...

— Todos têm sua honra, sr. duque... Não é privilégio dos fidalgos, que, aliás, muitas vezes, fazem dela vestimenta de gala para os dias de festa..

— Manuel, escute com paciência e não teime. Quem se mete n'água tira a roupa. Cada um se prepara conforme põe de parte êsse amor. Todos têm sua honra, é verdade. Mas, há serviços que não se dão bem com ela. A roupa não deixa nadar; a honra impede...

— À vista disso... Sou mil vezes pior do que um limpador de esgotos...

O duque abriu uma gargalhada, que concluíra brilhantemente a argumentação desenvolvida contra o íntimo, e que lhe caiu no rosto como uma bofetada.

Manuel não se indignou, considerou-se, apenas, derrotado pela lógica e não repetiu a palavra de honra.

— Você deixará o meu serviço... para fugir... não por..

— Fugir! — gritou Paiva sèriamente zangado. — Fugir!

— Não me fale alto... Isto não lhe pode servir... A polícia não está longe de nós.

— E eu tenho medo da polícia? Se o sr. duque quiser, denuncie-me!... Entregue-me!

— Baixo...

— Falarei bem alto!

Paiva estava exaltado:

— O sr. duque entrega-me à polícia, mas eu entrego-o ao público, contarei as suas vergonhas... Conheço-as tôdas, como cúmplice. Eu não tenho um nome! O sr. duque não

se acha no meu caso! Não terei escrúpulos por mim. Apontarei uma por uma as suas aventuras; narrarei as caçadas; darei conta das minhas incumbências; lançarei à rua os mistérios do meu ofício como quem faz um despejo. Cairei na lama, mas terei a satisfação de salpicar com o baque a sua coroa de duque... Venha a polícia.. Hão de acorrentar-me os punhos e os tornozelos, mas ninguém me soldará os lábios! Vossa Excelência aponta-me à polícia, eu aponto-lhe as suas misérias íntimas... Fui comparado ao homem dos esgotos. Pois o esgôto não cheira a rosas.. eu arranco-lhe a tampa... Contra a justiça que os duques compram a pêso de ouro, eu oponho sômente uma fôrça: a minha língua!...

Paiva bateu com o dedo numa pontinha de língua que lhe saiu por entre os dentes, ameaçadora como um punhal sangrento:

— O sr. duque faça o que entender — concluiu, pesadamente.

Durante a enxurrada de ameaças de Manuel, o duque guardou uma serenidade enigmática e profunda. Tendo-se voltado para a mesa, pusera-se a coçar o bigode, fitando sem atenção as órbitas vazias da caveira, que lhe ficava em frente.

Quando Paiva se calou, o duque tomou a palavra, sem mostrar ressentimentos, como se as ameaças do íntimo não tivessem sido dirigidas a êle:

— Por mais que você fale, Manuel, por mais que se esforce, não poderá dar-me uma nova amostra do que você vale. Remexa, revolva e expila tudo o que tem de asqueroso nessa cabeça e nesse coração, que eu só direi ao fim: é exatamente o meu Manuel Paiva!... Então, supõe que, quando eu o achei com cara de servir-me, não sabia perfeitamente que você se havia de acreditar poderoso, por conhecer a minha vida secreta? Não pense, entretanto, que eu o julgo estúpido... É muito canalha para sê-lo. A razão das suas ameaças, eu bem sei, é a esperança que você tinha de amedrontar-me com um escândalo... Isto prova que você não me conhece... Você não sabe que um duque de Bragantina não pode ter mê-

do de um laçao? Está vendo aquela lista de nomes ali, na parede? São todos os que se lembram de meter-se no meu caminho... Cada um dêles se conta como um homem esmagado. Pois, se êles não têm força para resistir-me!?. Um criado muito reles é que... Olha, Paiva, no dia em que.. eu mando meter-lhe o machado nas tábuas!

A calma de esfinge com que o duque falava fazia um efeito terrível sôbre Manuel. O íntimo caíra, sùbitamente, da sua alucinação ameaçadora, como quem sentisse na nuca o peso do calcanhar do duque. Por baixo da tez morena, espalhou-se-lhe uma fugitiva palidez de mêdo.

Paiva, que falara numa atitude declamatória, inclinou para o chão a cabeça e curvou-se como se se fôsse pôr de joelhos. Não achou réplica para as palavras do amo.

— Sabe — concluiu o fidalgo, aproximando das sobrançelas o couro cabeludo, num ríctus formidável que êle possuía para os momentos de amedrontar — sabe, Manuel, para que serviram as suas ameaças vis?... Valeram uma denúncia... Confirmou-se a minha suspeita. . O ladrão das jóias... é você!

As últimas palavras do duque foram pronunciadas gravemente, ràpidamente, pesadas como a fórmula de um veredicto; o tom feminino da voz transformou-se-lhe nuns sons enérgicos, agudos, penetrantes.

Paiva reuniu o que lhe restava de coragem, e arriscou:

— Sr. duque, juro...

Não pôde continuar.

O duque levantou-se e cortou-lhe a palavra:

— Siga-me! — disse-lhe, sêco.

Paiva considerou-se perdido. Lembrou-se de confessar o crime, e pedir perdão, lembrou-se de correr pela porta do museu e saltar de uma janela para fugir da mansão. Mas não era possível. Faltavam certas providências que êle não tomara, por não prever tão positiva e inesperada acusação. De-

mais, uma espécie de magnetismo fatal o impossibilitava de fugir.

— Siga-me! — repetiu, enèrgicamente, o duque.

Manuel seguiu-o. E os dois saíram pela porta que dava passagem para a frente do palácio.

No seu gabinete privado, entre aquela caveira secular e aquela espreguiçadeira lasciva; nesse aposento recatado, que era, ao mesmo tempo, gruta sombria e casta de monge, pelo crânio, e alcova perfumosa e brilhante de harém, pelos coxins; ali, à vista de Sócrates e de Epicuro, o duque de Bragantina criou um tribunal por sua conta e condenou Manuel. Veremos a modesta condenação.

Depois de sua longa ausência, reapareceu, por fim, o duque aos que haviam ficado à espera, sem dar-lhes explicações, nem pedir desculpas.

— Graças a Deus!... — disse o marquês d'Etú ao ouvido do chefe do polícia, vendo entrar o pai.

Logo em seguida ao duque apareceu Manuel Paiva.

Todos se espantaram com isso. Que significava a presença daquele indivíduo?

O duque explicou:

— Sr. dr. Lauro — disse êle — dirigindo-se ao chefe de polícia — entrego-lhe êste homem. Tenho sérios motivos para mandar prendê-lo. O senhor há de conhecê-lo em breve. Prenda-o, e cuidemos de verificar quais são os culpados do roubo das jóias.

— Sr. dr. delegado — disse o chefe de polícia, voltando-se para um dos subordinados presentes — queira levar êste homem para a detenção.

— Sr. doutor, mando vir o carro celular...;

— É inútil! É inútil! — interveio o duque com a sua vozinha fina. — Nada de escândalos aqui em casa... Qualquer carro serve.. Garanto-lhes que o prêso não tentará fugir... Êle sabe que, se o fizer, deita tudo a perder... Pode levá-lo em qualquer veículo.

— A vontade do sr. duque será feita — respondeu o delegado, curvando-se como um homem polido e como um laçao.

Encaminhou-se para Manuel Paiva:

— Está prêso! — disse, pousando-lhe a mão no ombro.

Vendo-se prêso, o íntimo do duque de Bragantina não reagiu. Não lhe passara sem reparo o modo singular por que o duque pedira sua prisão. Refletiu que não estava de todo perdido: como o supusera antes.

— Das duas, uma — pensou êle. — Ou o duque, apesar de tôdas as basófiás, tem mêdo da minha língua, ou pretende entrar em negociações comigo, certo como está de que sou eu o ladrão das jóias. Em qualquer dos casos, estou muito bem. Deixemos a coisa correr. Demais, o que lhe reserva a minha conquista da Conceição, há de fazer-lhe pensar em mim... Não há perigo. A menos que o Inácio ou um outro faça alguma asneira comprometedora.

O duque afastou-se de todos que o haviam rodeado, quando entrara na sala, e conversava em voz baixa com o chefe de polícia.

Manuel, em tom de súplica, pediu ao delegado que perguntasse ao duque se permitia que êle fôsse despedir-se da família.

O delegado perguntou. O duque voltou-se para Paiva, fitou-o longamente com um olhar cheio de desafios, e disse:

— Vá...

E falando ao delegado:

— Não o perca de vista. As despedidas hão de ser feitas em sua presença, embora dando-se ao prêso a liberdade de dizer o que quiser.

O delegado e Paiva retiraram-se do palácio.

Em frente à escadaria, já não havia a multidão que ali estivera a tagarelar a propósito do roubo. Pouco a pouco, cada um se fôra para casa ou para o trabalho, jurando consigo mesmo que o ladrão das jóias era um criado qualquer

do palácio, talvez mesmo aquêles que havia dado com o roubo e tanto alarido fizera na descoberta.

A maliciosa mocetona gorda, que não dera crédito à famosa explicação da corda, deixara todos se irem, e ficara perto de uma das colunas do edifício a conversar com um laçao, que vivia namorando-a. Queria ver que valor tinha um palpite que lhe viera, de repente.

— Neste negócio — dissera ela — anda alguém um pouquinho maior do que um criado. Tenho para mim que tôda essa barulhada vai acabar em muito sossêgo ou em muita miséria...

O laçao, encantado pela voz do seu ídolo, nem pensou nas palavras pronunciadas. Logo que a mocetona viu sair Manuel, acompanhado por um delegado, não quis fazer a menor indagação; sacudiu, com desprezo, os ombros e disse entusiasmada ao seu idólatra:

— Então?!.. Bem eu dizia, bem eu dizia!!!

O laçao derretido com aquêles arrebatamentos, revirou uns olhares vagos, de enamorado...

CAPÍTULO XI

O chefe de polícia deu ao duque informações de tudo quanto sabia, inclusive a descoberta de um formão e de um macête forrado de pano, pertencentes a uns operários, que trabalhavam pelas proximidades da mansão. Os operários, não achando as ferramentas, e ouvindo falar de um arrombamento no palácio, vieram ter com o mordomo do duque. Antes mesmo que tivessem contado o furto de que haviam sido vítimas, apareceu um criado e apresentou o formão e o macête, declarando que os havia apanhado no parque, exatamente debaixo das janelas amanhecidas abertas.

Soube assim o senhor de Bragantina da desagradável surpresa de Inácio, encontrando três janelas abertas no salão dos

armários arrombados; das providências do mordomo, do susto do criado particular e a sua subsequente prostração, da chamada do marquês d'Étu, da fúria do "príncipe", da presença do dr. Lauro Trigueiro, das indagações a que procedeu na qualidade de representante da polícia...

Soube mais que dessas indagações o chefe de polícia concluíra a existência de quatro culpados, aos quais não interrogara, por não querer adiantar-se muito na diligência, sem primeiro entender-se com o duque.

— Andou muito bem — aflautinou o fidalgo — seria uma imprudência de sua parte adiantar-se muito em um negócio que só a mim diz respeito...

— Perdão — ousou contestar o chefe de polícia — a V. Exa. e à Lei...

O marquês d'Étu estava frenético, porque o duque, apresentando-se na sala, não fôra imediatamente consolá-lo da desventura de haver perdido um anel de brilhantes daquele valor.

Consolou-se um pouco, vendo que o duque, em seguida à conversação que mantivera em voz baixa com o chefe de polícia, mandou chamar os quatro indivíduos a quem se atribuía a responsabilidade do roubo.

O primeiro, que apareceu, foi o criado fiel a quem tinham sido confiadas as jóias, em casa do marquês de ***. O criado veio tranquilo, como se o houvessem chamado para dar uma ordem. A sua fisionomia calma arredava tôda suspeita de que aquêle homem fôsse cúmplice de um ladrão.

— Sr. duque, sr. dr. chefe de polícia — disse êle, gravemente, com um gesto de homem de sociedade — quando me foram entregues as jóias, dirigi-me incontinenti para aqui. O meu cavalo veio depressa. Reparei bem que ninguém deu atenção à minha carga. Mesmo porque as ruas estavam quase êrmas... Aqui chegando, procurei o sr. criado particular para dar-lhe o cofre. Não o encontrei. À vista disso, tranquei por minha conta as jóias no armário e voltei imediatamente à casa do sr. marquês.

— E o que fêz da chave do armário? — perguntou o dr. Trigueiro.

— Levei-a comigo e hoje, quando aqui cheguei, acompanhando o sr. duque, entreguei-a ao sr. mordomo.

O mordomo, que estava presente, confirmou o fato.

— O que diz o sr. dr. chefe de polícia dêste depoimento? — perguntou o duque, examinando o semblante do funcionário.

— Que diz V. Exa.?

— Digo que é a garantia da inocência dêste homem em todo o negócio.

— Também o digo...

— E acrescento: que patenteia a culpabilidade do meu criado particular...

— Realmente... Conquanto me pareça que o laçao podia ter ido à casa do criado particular, parece-me também que êste não devia faltar à hora do serviço.

— Sim, senhor! Houve incúria excessiva... Há motivos de grave suspeita. Êle há de ser prêso.

— Será!... — reforçou, servilmente o dr. Trigueiro... E será!...

— Agora, ouçamos aquêle marmanjo — disse o duque, olhando para a porta da sala que dava para o interior.

Acabava de aparecer um criado de grande estatura, quase atlético.

Era Inácio. Parou diante do duque, com um estremecimento nervoso a agitar-lhe os dedos. Estava impressionado.

O chefe de polícia, graças ao faro do ofício, começou a desconfiar daquele sujeito.

O duque tomou a palavra:

— Quem foi que ontem fêz o fechamento do lance esquerdo do palácio?

O criado titubeou dois segundos e respondeu com uma voz trêmula:

— Eu..

— E por que deixou abertas as três janelas?

— As janelas estavam cerradas. supus que os trincos estivessem corridos.

— Supôs?... Devia ter verificado...

— Devia! — disse o chefe de polícia.

— Devia!... — gritou o marquês d'Etú, que acompanhava com grande interêsse o interrogatório.

— Suspeito muito dêsse descuido... — falou o senhor de Bragantina.

— Eu também. — concordou o chefe de polícia.

— Também eu! — tornou a gritar o “príncipe dos cortiços”.

— Sr. dr. Lauro — disse o duque — êste criado deve ser detido como suspeito.

— Assim me parece.

— Assim deve ser. — afirmou o marquês d'Etú. — Já disse ao dr. Trigueiro que desconfio de todos; desconfio muito particularmente dêste senhor e do tal criado particular, que nem ânimo tem de apresentar-se.

Em seguida, o chefe de polícia ordenou a prisão de Inácio, confiando-o à guarda do delegado presente e disse que estava livre o primeiro criado já submetido a interrogatório.

Pouco depois de Inácio, apresentou-se o criado Joaquim, encarregado como êle do fechamento do palácio; como, porém, o serviço do lance esquerdo não correrá por sua conta, na véspera, foi inútil interrogá-lo.

Chegou a vez do criado particular.

O velho sexagenário entrou na sala. Tinha os olhos injetados ainda de chôro. O seu andar era trôpego como se houvesse sofrido um acréscimo de dez anos de idade.

Todos os que se achavam no lugar sentiram no peito uma pancada de compaixão.

Ser-se severo com aquêle homem seria uma crueldade!

O criado particular encaminhou-se trêmulo, cambaleante, para o duque.

Ia pedir perdão. Ia declarar-se culpado, arremessar aos pés do amo tôda a sua grande existência de atenções contínuas para com êle; fazer dos seus cabelos brancos tapête para as iras do fidalgo, rastejar no chão, não para que o não punissem, ao contrário, para que o punissem duramente; mas, contanto que o duque de Bragantina perdoasse a ofensa que lhe fizera a sua incúria.

O velho serviçal tinha pelo amo uma veneração, que tocava as raias do amor.

Êste sentimento começara pela gratidão de um coração profunda e infantilmente terno. Fôra recrudescendo com o tempo, e era, então, uma espécie de apaixonamento doentio. A vida que levava, fácil e passiva, concorrera muito para êsse estado de espírito. Desagradar ao duque era coisa que o horrorizava. Imaginem-se as torturas que lhe esmagavam o coração, desde a notícia que recebera pela manhã. Pouco 'se lhe dava que o demitissem, que a falta de pão lhe reduzisse a família à esmola; pouco lhe importava, mesmo, que o mettessem num cárcere. . . Queria, apenas, que o amo não o ficasse odiando pela incúria manifestada.

Era preciso que o duque o perdoasse. Êste pensamento lia-se-lhe nos traços dolorosos do rosto.

— Aí vem o mais culpado — disse o duque ao chefe de polícia, vendo aproximar-se o criado particular. — Não há mais perguntas a fazer, prenda-o e leve-o daqui.

O tom das palavras do senhor de Bragantina não admitia réplicas.

O dr. Lauro Trigueiro desdobrou uma das costumadas zumbaias (17) e marchou ao encontro do infeliz sexagenário:

— Prêso — disse-lhe. — O senhor está prêso!

O velho quis falar, mas um violento soluço atravancou-lhe a voz. Pôde, apenas, dizer doloridamente:

(17) Zumbaia é a cortesia exagerada, grande mesura, salamaleque. (Nota do "Clube do Livro").

— Prêso!

E cobriu os olhos com as mãos.

Nesse momento, o duque perguntava ao mordomo:

— Então, quando se almoça, hoje?

— Esperava, apenas — respondeu o mordomo — que o interrogatório terminasse para anunciar a V. Exa. que o almôço está servido.

O chefe de polícia, apesar da rijeza de seu ofício, sentiu-se comovido à vista do sofrimento do criado particular.

— Venha almoçar, dr. Lauro... — disse-lhe o duque, retirando-se para o interior do palácio.

O sofrimento daquele pobre ancião, incapaz de causar o menor dano, aquela voz ardente, desfazendo-se no pranto que lhe saía por entre os dedos ressequidos da mão com que cobria o rosto, as lágrimas pungentes daquela boa criança de sessenta anos, tudo era digno de uma delicadeza filial, mesmo da parte de um representante da Justiça. Mas o duque acabava de chamá-lo para o almôço...

O dr. Lauro Trigueiro teve pois de entregar ao seu delegado o novo prêso como entregara Inácio.

O delegado retirou-se com os presos e foi encontrar o colega, que por essa ocasião voltava com Manuel Paiva das despedidas que êsse fôra fazer.

Minutos depois, dois carros saíam pelo portão principal da mansão de Santo Cristo.

Um dêles transportava Manuel Paiva e Inácio, guardados por um dos delegados e um policial disfarçado; o outro levava o velho criado particular, vigiado, ou melhor, sustentado pelo segundo delegado, para não cair no tapête do veículo.

Iam para a Casa de Detenção.

Em caminho, Manuel e Inácio trocaram olhares expressivos, enquanto os homens da polícia se distraíam, vendo os basbaques que passavam nos passeios para espiar o interior do carro.

Inácio, que sentira um violento susto ao ver que o ladrão das jóias fôra prêso, percebeu que aquêles olhares significavam que tudo ia bem. Tranquilizou-se.

O carro, levando o pobre sexagenário, parecia mais rodar para um hospital com um doente do que para uma repartição de polícia com um criminoso.

CAPÍTULO XII

Sem novidade passou-se o dia. Depois dos interrogatórios, caiu a brisa do extraordinário e a vida do palácio voltou à calmaria monótona de sua insipidez eterna.

Findo o almoço, o marquês d'Etú e o chefe de polícia deixaram a mansão do senhor de Bragantina.

— Deixo tudo nas poderosas mãos de Vossa Excelência — disse o chefe de polícia, ao despedir-se do duque. — Confesso a minha impotência neste emaranhado negócio. Diante de certas dificuldades, não há remédio senão a gente confessar-se obtusa... Juro-lhe que aquela corda do gancho lança-me num oceano de dúvidas e hipóteses que confundem tôda a perspicácia. Mas, o que para mim é um obstáculo, pode não sê-lo para a argúcia de V Exa... Realmente, entre nós, permitindo a familiaridade, entre nós há a distância que vai do soberbo carvalho para o débil trigo. Desde que Vossa Excelência deseja honrar a polícia, revestindo-se do caráter dela, nada mais tenho a fazer do que curvar-me à imerecida honraria e fico inteiramente sossegado.

Êstes cumprimentos eram a conclusão e a consequência de uma conversa que houvera durante o almôço do duque.

Estavam dois carros na larga avenida da frente do palácio. Um dêles pertencia ao marquês d'Etú, o outro esperava pelo chefe de polícia.

A duquesa fôra informada de tudo o que tivera lugar no palácio; o roubo das jóias não lhe causou maior abalo do que ao duque. Desgostou-a, unicamente, o fato de se achar entre

as jóias roubadas o anel da nora. Apesar disto, ninguém lhe ouvia uma palavra de censura contra os descuidados servidores de seu marido. A perda das jóias não lhe deu que pensar, e a duquesa, comprometendo-se consigo mesma a presentear com algum aderêço de valor à nora, voltou-se para as ligeiras atenções domésticas que a ocupavam.

Quando o Sol resvalava pelas montanhas do ocidente, saiu a fidalga a um dos seus habituais passeios da tarde.

A essa hora, já não se lembrava dos sucessos da manhã.

Outro também não era o alvo dos pensamentos do duque. No seu misterioso gabinete, ruminava uma idéia alegre, juvenil: visitar à noite a casa do Manuel.

Havia tempos que certa formosa imagem se lhe gravara na retina e no cérebro. Era um capricho excepcional.

Passeando, uma vez, pela mansão, vira a brincarem pela relva do parque duas meninas. Andavam pelos catorze anos. Duas avezinhas arrulhantes, graciosas, correndo sôbre a grama, arrancando flôres, para cobrirem o lago de mimosas canoinhas, que o menor vento carregava logo para as criptas escuras de rochedos artificiais, onde mal se viam, como rôscas de serpentes adormecidas, as raízes das árvores que sombreavam as águas.

Depois de muito brincarem, uma delas sentou-se à beira do gramado e cruzou os pés; a outra sentou-se ao lado da companheira.

Conversaram; falaram das canoinhas de pétalas; uma das canoas, até, levava a bordo uma linda aranha microscópica de côr vermelha; esta fôra a de Claudina; a de Conceição levava uma formiga muito preta, que andava à roda com mêdo de cair no lago, agitando dois cabelinhos compridos, que tinha na cabeça. Falaram das nuvens, que formavam bichos nos ares; riram de ver uma nuvem que parecia dois gatos brigando...

Depois de algum tempo, uma das meninas pôs a cabeça no colo da outra.

Não tinham visto o duque que se aproximava, passeando e observando-as.

Uma das donzelinhas enfiou uma palha no ouvido da amiga que estava deitada no seu colo. Esta deu uma grande risada e moveu o corpo nervosamente, rolando no chão.

— Faz cócega, Conceição? — perguntou a que estava sentada.

A que estava deitada, a mais bonita das duas, não respondeu, mas rolou de novo para junto da companheira, como pedindo mais cócegas...

A amiguinha repetiu a brincadeira.

O fio da palha lá foi ao fundo da concha do ouvido a fazer rir a companheira.

Nova risada de criança ressoou no jardim.. Pela segunda vez rolou a alegre menina pela grama.

Nessa ocasião, passava por ela o duque. A que estava sentada, a rir-se da amiga, ficou muito séria. A outra, vendo que o duque olhava para ela, ergueu-se tôda enrubescida e sentou-se depressa, puxando o vestido para cobrir a alvura das meias que o brinquedo descobrira.

O duque de Bragantina prosseguiu, sorrindo; e várias vêzes voltou a cabeça para observar as rolinhas que continuavam a divertir-se no parque, aproveitando as últimas claridades do belo dia.

Desde essa ocasião, uma idéia enroscara-se na espinha dorsal do senhor de Bragantina.

Conversara com seu confidente Paiva; não conseguira tranquilidade.

Era isto que prendia em profundas cogitações o fidalgo de Bragantina no seu gabinete.

Foi-se a tarde. Veio a noite.

A noite adiantou-se. Quando era bem tarde, o duque saiu do seu gabinete. Deixou depois o palácio e foi para o parque.

Ninguém estranhou a saída do duque. Quando tinha motivos ou preocupações, êle costumava expor o crânio aos resfriamentos da noite..

Julgava-se que êle estava preocupado com os seus negócios. Pouco de estranhar, portanto, a saída fora de horas...

Era uma noite olímpica.

As estrêlas mantinham-se no espaço como um turbilhão pasmoso de luminosa poeira, levantada por fumações desconhecidas...

Uma aragem igual e constante passava pelas árvores, produzindo rumor comparável ao de muitos regatos ciciando em côro. Os lagos do parque afetavam um negror profundo, cortado de vez em quando pelo zig-zague sinuoso e brilhante do reflexo dos lampiões, dispersos nas alamêdas como senti-nelas perdidas.

Com tôda a escuridão, a noite estava formosíssima e tinha apreciáveis encantos.

Sentiam-se perfumes, ninguém via as flôres; ouvia-se um chocalhar que fazia sêde, ninguém via a cascata; cantavam grilos, ninguém via insetos.

Reinava a noite em tôda a sua majestade! Sòmente, resistiam-lhe os lampiões, os reflexos do lago, o turbilhão dos astros e uma chusma brincalhona de pirilampos, que cabriolavam no mato como estrêlas fugidas do céu...

O duque errou durante algum tempo pelo parque, embebido em pensamentos que lhe traziam sorrisos à flor do rosto.

Refletia na sua fôrça que o fazia triunfar dos homens e das mulheres.

Era como um rei: rei pelo dinheiro e rei pelo sangue. Não havia conta para aquêles que o rodeavam como miríades de satélites, cada qual mais empenhado em causar-lhe alegria.

Tudo sòmente pelo poder do seu nome! Era bem forte! Contava mais vitórias do que Napoleão. E sòmente havia uma diferença entre o conquistador e êle. É que Napoleão triunfara sôbre a fôrça e o duque triunfara sôbre a fraqueza. Os principais feitos do general se haviam passado no campo das batalhas e os do duque no segrêdo das salas.

Apesar de seus brilhantes precedentes, o fidalgo não estava totalmente satisfeito, seguro dos resultados do cometimento que ia levar a cabo.

Impelido por esta idéia, o duque de Bragantina tomou resolutamente a direção da casa do seu íntimo Manuel Paiva.

De longe, pelo ar, vinham notas de bronze sonolentas como bocejos. Marcavam meia-noite..

CAPÍTULO XIII

Vejamos o que ia pela casa do velho Januário.

Por volta das duas horas da tarde, aparece Claudina, a filha de Paiva e colega de Conceição, convidando a amiga a ir à casa dela. Januário exultou, vendo que Paiva por seu lado trabalhava para facilitar o negócio. Apressou-se em fazer Conceição sair, admirando-se muito de não ser impedido pela resistência de Emília, com o que contava. A nora mudara de modo de pensar... Conceição, muito alegre por haver curado a boa Emília com os seus carinhos, achou muito a propósito um passeio à casa da amiga Claudina.

Não se preocupou mais com a doença da nora de Januário.

E foi-se, rindo de prazer, de mãos dadas com Claudina, prelibando as agradáveis surpresas que lhe reservava o passeio.

Pelo resto do dia, Emília não se sentia tão boa como esperava. Começou a sentir debilidades, sinais de que as melhoras experimentadas haviam sido fictícias.

Não quis entregar-se. A fraqueza progredia e ela resistia com tôdas as energias. Não quis afastar-se do serviço em que auxiliava a velha sogra. Trabalhou. Mas a fraqueza continuava cada vez mais profunda. Reagiu, ainda; mas não pôde com a moléstia.

Ocultou, enquanto lhe foi possível, o mal que a prostrava. Afinal sucumbiu.

— Precisava estar boa por amor da minha Conceição! — murmurou ela, ao voltar para o leito.

Com a recaída de Emília, voltaram os cuidados da mulher de Januário em relação ao pêso do serviço com que se ia ver atrapalhada, caso ela morresse.

Tranquilizou-se, porém, com esta reflexão:

— A Conceição já foi.. O dinheiro está seguro... Teremos quem nos sirva.

À tardinha, a caridosa duquesa, visitando os moradores da aldeola da mansão, foi bater à porta dos velhinhos do beco.

A mulher de Januário correu a buscar um xale novo e veio pressurosa abrir, enquanto o velho marido ia preparar uma roupa mais asseada.

A duquesa entrou sem repugnância no casebre dos velhos, respondendo com generosas palavras às cortesias que lhe dirigiam os moradores do pardieiro, elevando-a à categoria de santa...

— Onde está a senhora Emília? — perguntou, logo que os cumprimentos acabaram.

A duquesa, nas suas visitas periódicas, sempre se interessara pela Emília. Conhecia-a de há muito e não se lembrava de tê-la visto sorrir, senão por triste cortesia, ou em resposta a qualquer coisa amável que se lhe dissesse. Adivinhava que aquela mulher sofrera muito e sofria ainda essa espécie de indiferença dolorida que fica depois dos longos padecimentos morais.

Desejava conhecer o segredo daquela melancolia, para ver se a podia consolar.

Emília tinha, em compensação, uma profunda amizade pela generosa fidalga. Sempre que a duquesa se apresentava, era ela a primeira a ir recebê-la e beijar-lhe as mãos.

A ausência de Emília foi que provocou a pergunta da senhora de Bragantina.

— Ah!... A pobre Emília! Está muito doente, minha boa senhora — respondeu a mulher de Januário. — Levantou-se hoje indisposta, melhorou um pouco durante o dia, mas à tarde recaiu.

— Quero vê-la — disse a duquesa.

— Com licença..

— Qual! Não é preciso arrumar coisa alguma... Sabem que eu não reparo, mesmo porque, com os anos, vai-se ficando cega.. Diga-me onde está Emília..

E, assim falando, a duquesa, que não se sentara ainda, foi-se dirigindo para o interior da casa. A mulher de Januário precedeu-a e foi mostrando o caminho, fechando as portas para ocultar os quartinhos mal arranjados.

Emília estava acomodada em uma pequena alcova, que dava para a sala de jantar. A escuridão do crepúsculo valia de noite na alcova.

— Acenda uma vela — disse baixinho a duquesa a Januário.

Com o brilho da luz, Emília moveu-se na cama onde jazia. Estava com o rosto voltado para a parede.

O cuidado com que todos entraram no quarto fê-la crer que só entrara na alcova a sogra.

Vendo a luz acesa, quis verificar quem era.

De um olhar, reconheceu a duquesa:

— Senhora Duquesa! — disse com visível espanto.

— Como vai a senhora? — perguntou docemente a fidalga penalizada de ver o estado da pobre mulher.

Emília tentou erguer-se para saudar a duquesa, mas o esforço perdeu-se-lhe pelo delgado colchão da enxêrga.

— Não se incomode! — pediu a duquesa, dando a mão à doente.

Emília, com um movimento custoso, tomou aquela mão e cerrou-a contra os lábios. Uma pequena lágrima imperceptível nasceu no canto das pálpebras da duquesa..

A senhora de Bragantina sentiu que as mãos de Emília, sêcas como o pergaminho, queimavam como brasa, e os lábios estavam frios.

O quarto de Emília era um insignificante aposento atulhado de caixas e móveis, mais ou menos inutilizados, aqui uma cadeira sem encosto, ali um banco com três pernas, a um canto uma cômoda macróbia, pilhas de caixas e caixões, recheados de quanto farrapo pode a miséria acumular... As paredes eram simplesmente caiadas; o tempo e a fumaça tinham-nas pintado de negro.

Havia um asseio relativo no lugar. Por uma grande janela, cuja vidraça estava mais ou menos suspensa, calçada por uma garrafa vazia, entrava a viração da noite.

Por um rápido exame, a duquesa reconheceu que Emília estava mal. Depois de sentar-se numa cadeira ao pé da cama, a senhora de Bragantina conversou com a mulher de Januário sobre o mal que acometera a doente pela manhã.

— É necessário chamar um médico — disse, no fim da conversa.

— Não, Senhora!... — disse Emília. — Para quê chamar um médico? Eu não sofro nada.

Depois, acrescentou:

— É só fraqueza. Esta fraqueza.

— Por causa dessa fraqueza mesmo — disse a duquesa. E fez um gesto a Januário para que fôsse ver o médico.

— Chame-o em meu nome — disse.

Januário saiu e foi à casa de um médico que tinha grande clínica nos arredores.

— Então? Não me está parecendo que a tal minha nora vai morrer! — disse êle em caminho. — Tenho visto muita gente assim...

— Desde quando sofre esta fraqueza? — perguntou a senhora de Bragantina a Emília.

— Ih!... É coisa velha... — disse Emília, com uma voz suspirosa e suave. — Há muitos anos que padeço êste abatimento, esta perda progressiva de fôrças.. Hoje, depois do acesso da madrugada, que me prostrou muito... hoje foi o dia que melhor tenho passado, de um certo tempo para

cá.. Passei mesmo muito bem hoje. Acreditei até que estava completamente boa. Não sei por que motivo... aí pela tarde adiante comecei a sentir um cansaço... um cansaço... e não pude mais.. Tanto que desejava conversar com a senhora duquesa.

— Comigo?.. Sôbre o quê?

— Sôbre coisas muito graves.

— Graves?!...

A duquesa pareceu lobrigar uma pontinha erguida do segrêdo da melancolia de Emília.

— São gravíssimas. Eu pretendia dirigir-me a V. Exa. logo que soubesse da sua chegada de Anatópolis. Soube que não tinham partido hoje, mas não me foi possível sair... Deus quis que a caridade de Vossa Excelência a trouxesse ao nosso casebre.

— Vim passear.

— Não quero guardar comigo um segrêdo que pode causar uma desgraça horrível.. A minha fraqueza me faz recear.

A duquesa, até então, interessada por uma curiosidade simplesmente generosa, sentiu-se prêsa de uma necessidade imprescindível de conhecer o segrêdo de Emília.

A sua imaginação desprevenida pôs-se a criar castelos de sangue, mistérios trágicos, crimes ocultos, coisas hediondas de que fôra vítima ou, quem sabe? autora aquela mulher calada e sombria...

A duquesa teve mêdo; mas sentia ao mesmo tempo a vertigem da curiosidade, que a arrastava para aquêlo segrêdo formidável... Além disso, que desgraça era essa que a doente tanto temia? Seria tudo aquilo delírio? Mas não! A en-fôrma apresentava uma firmeza de idéias que não fazia supor que delirasse.

— A senhora revela o segrêdo não é? — perguntou a duquesa, para ver se a resposta da doente destoava das suas primeiras palavras.

— Revelo, Senhora Duquesa — respondeu serenamente Emília — mas, somente, quando aqui não houver pessoas demais...

A mulher de Januário não ouviu o que disse a enferma, ou fêz-se de desentendida.

A duquesa voltou-se para ela e disse:

— Tenha a bondade de retirar-se, porque a senhora Emília precisa falar-me em particular.

— Pois não! Pois não, Senhora Duquesa.. Já que ela não quer que esta pobre velhinha lhe conheça os segredos...

— Estamos, agora, a sós — falou a duquesa, vendo sair a velha. — Pode contar.

Emília fêz um grande esforço e sentou-se na cama.

— Quero falar sentada, sim.

A duquesa amontoou alguns travesseiros, e a doente encostou-se nêles, olhando para a janela. Estêve, por momentos, perdida numa espécie de abstração, sem dar mostras de que lhe fôsse pelo cérebro o menor pensamento tempestuoso.

A duquesa encarava ligeiramente aquela mulher de faces lívidas, escaveiradas, e olhos cheios de um brilho forte, mas calmo como o luar. Parecia-lhe que ia ouvir uma agonizante. A senhora de Bragantina aguardou em silêncio que Emília quisesse começar.

A doente sorriu, como se ouvisse alguma palavra agradável, e perguntou:

— A Senhora Duquesa não ignora talvez que há nesta casa uma linda mocinha, afilhada de meus sogros...

— Sei.. A Conceição? Não? E onde está ela? Não a vi hoje.

— Está fora... Vossa Excelência não simpatiza com ela?... Oh! Aquela menina é uma pérola, tão boazinha!... Tão alegre! Vive sempre a rir... Alegando a gente... Pois não há quem saiba a verdadeira origem dessa criança encantadora..

— Ninguém?!

— Ninguém!... Menos eu e um indivíduo que mora aí na mansão.. Ai! Meu Deus, aquilo não é um homem, é pior do que sapo, é pior do que víbora...

Emília passou a mão pela frente e continuou:

— Ninguém mais sabe: ninguém mais pode saber! É o segredo de uma vergonha... É uma história que arrasta na lama o nome de um miserável.

A duquesa percebeu que Emília se fatigava falando.

— Olhe, a senhora está-se cansando... não fale mais.. quando estiver melhor, a senhora conta...

— Não, Senhora Duquesa... não paro. Vou contar tôda a história... Não me canso, porque o pêso do meu segredo é mil vêzes maior... Quero revelá-lo para ver se durmo, se fico ao menos aliviada. Há mais de catorze anos que esta história me esmaga a vida, dia por dia, hora por hora... Vou contá-la: havia, aqui perto, uma moça, filha de pais remediados, donos de um pequeno sítio fora da cidade. Um dia, passou pelo lugar um grande fidalgo, cuja vinda foi ansiosamente esperada na cidade, e chegou no meio de festas e foguetório... Era um grande fidalgo, brilhantemente acompanhado. Um homem maduro, forte, corado de vida, ardente como um mancebo... Uma jovem da população, uma louquinha sorriu para o fidalgo ao vê-lo passar na cidade... Julgou-se feliz, vendo que não ficara sem ser notado o seu sorriso...

Emília fêz uma pausa e respirou largamente, como quem acaba de escalar um monte. Depois, prosseguiu:

— Essa louquinha era a filha dos donos do sítio. Fôra à cidade por causa da festa.. Não me demorarei nas minudências. Na mesma noite da chegada do fidalgo, a moça teve um sonho horrível... Fôra deitar-se, pensando na atenção que lhe dera o fidalgo. Muita gente lhe dizia que ela era bonita... Aquela atenção parecia confirmada. A vaidade da pobrezinha fôra lisonjeada. Adormeceu... Via, no sonho, os dois olhos do fidalgo, fitando-a como de dia na cidade, fitando-a com uns olhos que pareciam bôcas abertas para devorar.

De súbito, percebeu que suspendiam por fora a vidraça de uma janela do quarto, que dava para o telheiro de uma estrebaria. Por não sei que circunstâncias, as fôlhas da janela estavam abertas.. A noite estava escura como breu, o quarto tinha a luz indecisa de uma lamparina. A moça viu, fora da vidraça, vultos, movendo-se. O mêdo fê-la enregelar-se no leito. De um momento para o outro... a desgraçada via dois homens embuçados em grandes capas negras, chapéus enormes na cabeça, silenciosos como cadáveres, próximos da cama... ameaçadores... Teve mêdo: atirou-se para fora do leito... Os dois homens, rápidos como demônios, agarram-na. Dedos rijos, como tenazes, seguraram-lhe a garganta; os gritos de socorro ficaram estrangulados. . Então, um dos homens, uma espécie de gigante muito barbado, apoderou-se dela e disse ao companheiro:

— “Deixe-a comigo!”...

A infeliz reagiu, bracejou, arcou com o gigante, cravou-lhe os dentes, deu-lhe com as mãos no rosto, segurou-lhe as barbas, tudo em vão.. As dentadas não passaram da lâ do capote, e o gigante agarrou a vítima pelos dois braços, vergou-a, torceu-a como se a fôsse partir!. Foi um sonho horrível!... A moça, antes de poder soltar um grito, viu-se arremessada sôbre o leito de onde fugira... Foi então uma brutalidade!.. A desventurada sentiu faltar-lhe a respiração e, sufocada, mordida, contundida, esmagada, macerada, como se a houvessem arrastado por cima de um chão pedregoso, desfaleceu num estado miserável!... Miserável, Senhora Duquesa!

Nesse ponto da narrativa, Emília inclinou a cabeça para o peito. Uns soluços convulsivos, sem lágrimas, subiram-lhe do peito com uma violência atroz e fervilharam-lhe na garganta, imprimindo fortes estremecimentos a todo o corpo como vascas de dores.

A duquesa, sem poder articular uma palavra, cobriu os olhos com um lenço.

Passaram-se alguns momentos.

— Ai! Meu Deus! — disse Emília, com voz cansada. — Tenho medo de não poder chegar... ao fim... Estou-me sentindo muito mal... Faltam-me fôrças. é esquisito.. parece que estou muito pior.

— Tranquelize-se, minha filha — disse, comovida, a duquesa — tranquilize-se... Não se morre assim...

Um sorriso angelical, que não significava alegria, passou como um relâmpago pelos lábios de Emília...

Já havia acabado a exaltação que a fizera soluçar. Com a serenidade ligeiramente queixosa, que revelara no princípio, a doente recomeçou:

— Dentro de pouco tempo, as coisas encaminharam-se de tal forma, que a vítima daquele horrendo sonho teve de fugir... fugir de casa, corrida de vergonha e de infâmia.. Um cartão, que tinha gravado um nome poderoso e uma coroa ilustre, encontrado, casualmente, pela moça era a sua única esperança. Êste cartão continha uns oferecimentos que fariam corar, se o caso não fôsse extremo.. A pobre fugitiva recorreu àquela imunda salvação... Graças ao cartão, a filha dos proprietários do sítio, a vítima daquele sonho brutal, a mísera criatura, que fugia diante de sua vergonha, fêz uma longa viagem e veio ao palácio de Santo Cristo...

A duquesa estava como que atordoada com a narração de Emília...

— Veio ao palácio de Santo Cristo, porque a coroa do cartão era uma coroa do duque e o nome era o do senhor de Bragantina. Porque era êste senhor o fidalgo viajante que dera muita atenção à mocinha do povo que sorrira... porque o gigante feroz, do sonho, fôra ainda o senhor de Bragantina..

— O duque?!...

— Ah! Minha boa senhora, ela merece o seu perdão, recorreu ao seu marido porque ia ser mãe. Não tinha o direito de afogar um filho em qualquer pântano, suicidando-se.. Veio pedir abrigo.

Houve conciliábulo lá, no arrabalde... Passados tempos, contratava-se o seu casamento com um sujeito de ínfima classe... Era a proteção generosa do duque... O tal sujeito recebeu indiferente a carga, que lhe atiravam, e uma criaturinha recém-nascida, que a mulher criava com muito afeto e cuja procedência lhe ordenaram que não indagasse... Essa criaturinha, improvisada pelo sr. duque de Bragantina, essa excrescência no lar, para um indivíduo que não passava de seu humilde lacaio, essa coisa estranha, essa verruga, era a linda Conceição, que a Senhora Duquesa conhece, e a espôsa, que se dava ao lacaio, era eu!..

— A Conceição! — exclamou a duquesa. — É, portanto, filha..

— Da minha vergonha! — murmurou Emília.

A pobre nora de Januário sentiu um desfalecimento profundo. Ao pronunciar a última palavra escorregou pelo travesseiro e caiu no leito como morta.

A duquesa acudiu assustada; verificou que fôra uma consequência do esforço feito.

— Quer ficar deitada, ou deseja que eu a deixe sentada como estava?

— Rogo-lhe que me sente — respondeu Emília, com a voz balbuciante. — Tenho ainda a dizer alguma coisa... Quero morrer tranquila... Não peço que mande chamar um padre... porque não chegaria a tempo.. E é preciso aproveitar os momentos que me restam. Prevenir a desgraça. prevenir a fatalidade...

A duquesa, que se esquecera das primeiras palavras de Emília, por causa da sua curiosa narrativa, lembrou-se de que tudo o que ouvira não passava de um preâmbulo ao assunto grave.

— Não quero que se chame um padre — continuava a doente — porque seria perder grandes momentos.. Senhora Duquesa, rogo-lhe que me ouça bem... Sou uma pobre agonizante... Vou confiar-lhe a miserável herança... Recomendando-lhe a minha Conceição, a linda bastardinha inocente..

Tenho um filho, o filho do meu infame casamento. É pequenino, mas tem os avós que o adoram... A desamparada é a Conceição. É a filha da minha vergonha, mas tem um grande sangue nas veias... Não! Não é filha de um laçao, que aceita por servilismo uma qualquer sem honra... Nunca admiti que a chamassem minha filha, porque eu era a mulher de um miserável... Conceição é a relíquia da minha pureza despedaçada. Eu a adorei sempre. Agora vou morrer... Não pensava que fôsse tão cedo, mas adivinho que não falta muito. Vou deixar a vida... Não quero que ela me vá cuspir na cova por eu ter sido a autora da sua desgraça. Aproxime-se bem de mim, Senhora Duquesa... A voz me vai... faltando de todo. não perca uma palavra..

Sentia-se a transformação no semblante da doente. Percebia-se-lhe nos olhos alguma coisa de fazer calafrios, como se a morte estivesse a espiar por êles.

— Preciso de ar... levante, ali, a janela...

A duquesa correu à vidraça e suspendeu-a, voltando para junto de Emília.

O ar impregnado de perfumes campestres entrou em turbilhões, fazendo vacilar a luz da vela, que clareava o quarto e agitando os cabelos desgrenhados e secos da infeliz.

— Está melhor o ar — disse Emília, sorrindo tristemente.

Depois, com grande espanto da duquesa, perguntou, cheia de gravidade:

— Conhece Manuel Paiva?

— Conheço, infelizmente, êsse desgraçado...

— Diz bem... Um desgraçado... Êsse homem, que foi cúmplice do duque na minha ruína... Ah! Eu bem o reconheci... Êsse homem acaba de comprar ao meu sogro a honra de minha filha para oferecê-la ao duque...

A duquesa apertou a fronte entre as mãos para que não arrebentasse. O coração palpitava-lhe com uma violência mortal.

— Ah! Senhora Duquesa, é um belo presente para um pai!

— Perdoe-me, pobre senhora! Perdoe-me! — exclamou a duquesa, abraçando e cobrindo de lágrimas a agonizante. Desatinava como se fôsse enlouquecer: — Mas, o duque?!.. — prosseguiu com voz angustiada, sem saber o que falar.

— O duque — disse a doente — o duque ignora... O perigo é enorme... Rogo-lhe que salve minha filha... Ela está em casa de Paiva.. Foi hoje... deixei-a ir, porque, enquanto o duque estiver ausente... Salve-a! Entrego-lhe minha filha! A filha do duque!

— Ah! Meu Deus! Meu Deus! — exclamava a duquesa.

Acabava de ver um tremor agitar os olhos de Emília e a cabeça tombar-lhe para os seios, em tôda a flacidez da inércia.

A mãe de Conceição lançara o derradeiro olhar ao retalho da noite, que se via pela janela aberta, e fitando, saudosamente, uma estrêla inclinara a cabeça ao pêso da morte...

Na estrêla, que viu por último, deixou escrito um adeus para aquêles que, havia catorze anos, não sabiam dela.

CAPÍTULO XIV

A chegada de Conceição à casa de Paiva foi uma festa.

Houve tanta alegria que ninguém acreditaria que o chefe daquela família fôra prêso. É que Manuel dissera à mulher coisás tranquilizadoras.

Cada um cuidava apenas de fazer agrados à companheira de Claudina. As horas correram insensivelmente. Houve um jantar, que surpreendeu a Conceição. Iguarias nunca vistas; vinhos nunca sonhados!

Foi notável o interêsse com que a mulher de Paiva serviu as bebidas à linda hóspede. Conceição, com a sua rusticidade descerimoniosa, foi provando de tudo que lhe davam.

Ao fim do jantar, sentiu-se prêsa de uma sonolência estranha. Quis retirar-se. Todos protestaram, dizendo que ela não iria para casa senão no dia seguinte.

Conceição ficou.

Muito cedo começou a família de Paiva a preparar-se para dormir.

Conceição foi conduzida pela dona da casa ao esplêndido aposento, que lhe era destinado. Um Éden de perfumes e tapeçarias. Clareava-o, brandamente, uma pequena lâmpada de porcelana a desferir luazes rosados para os largos espelhos, que adornavam o quarto nos intervalos de luxuosos móveis de toailete.

Duas grandes janelas, veladas sob alvíssimos panos de renda, pendentes de maçonêtas douradas, davam passagem às aragens frescas, que circulavam por fora. Erguendo-se estas cortinas, viam-se a entrar pelas janelas, debruçados indiscretamente sobre o peitoril, frondosos ramos de jasmineiros, que alastravam de flôres o peitoril e desprendiam aromas, nocivos talvez àquela hora, mas de uma doçura celestial, enervante. Era indescritível a luta silenciosa, mas renhida, dêsses aromas com a perfumaria dos frascos perdidos pelo *boudoir* (18).

Conceição, ao entrar, sentiu-se atordoada por aquela orquestra viva de fragrâncias. Morta de sono, como se achava, não levou grande tempo a reparar nos esplendores do ninho, que lhe entregavam.

Procurou a cama. Era um prodígio de marcenaria que nem de longe recordava o seu leito da casa de Januário.

Conceição não gastou um momento na admiração daquelas rosetas de madeira lavrada, daquele precioso cortinado escapando-se de uma elegante cúpula de cetim azul e derramando a farta torrente de vaporosa gaza por volta da cama.

(18) Em francês, "boudoir" significa camarim, pequeno gabinete de mulher. (Nota do "Clube do Livro").

Depois que a mulher de Paiva a despiu e a adornou sedutoramente com uma impalpável camisola de cambraia côr de neve, a moça deixou-se cair sôbre o colchão fôfo, que lhe fugia sob o corpo ao menor movimento, formando, sempre, um berço cavado muito macio, a desafiar sonhos etéreos: supunha-se balançada numa rêde de nuvens entre as estrêlas.

Conceição revolveu-se durante algum tempo, provando com o corpo a frescura dos lençóis; depois, cedeu ao sono.

Mergulhou, segundo seu hábito, os braços debaixo do travesseiro e ficou imóvel.

Quando a mulher de Paiva voltou ao aposento, trazendo uma xícara de chá com biscoitos, achou Conceição dormindo a sono sôlto. Não a despertou. Demorou sôbre ela um olhar e um sorriso misteriosos e foi-se para o seu quarto, tendo o cuidado de deixar aberta, de uma saleta contígua ao aposento da hóspede, uma porta por onde se entrava do jardim.

A necessidade desta providência era a visita do senhor de Bragantina, que viria à sua entrevista, sem incomodar os que dormiam em outros aposentos.

Quando o relógio, que fazia parte dos adornos do dormitório da moça, tilintou meia-noite no tímpano oculto por trás de uma requebrada "Psique", tôda risonha na sua nudez lustrosa de bronze, nessa hora de caminhadas românticas à cata do ideal vedado, surgiu o duque de Bragantina à porta do ninho de Conceição (19).

Vinha trêmulo. Penetrou no aposento, medroso como um menino perdido no bosque. Os perfumes do ambiente embriagavam-no.

A luz lasciva da lamparina não iluminava coisa alguma distintamente.

Todos os objetos pareciam feitos de nuvens. A meia sombra carregada pelo azul-escuro do papel das paredes au-

(19) Na mitologia grega, Psique é a mulher de Cupido ou do Amor. Simboliza, também, a alma. (Nota do "Clube do Livro").

mentava as proporções do lugar, emprestando-lhe uns ares de imensidade.

Envolvido naquele mundo de coisas familiares, impregnadas, até ao âmagô dos pulmões, de cheiros inebriantes, o duque julgava-se como que suspenso numa alvorada... O seu olhar ia direito a um ponto e absorvia-se todo, sem dar-lhe azo a que sentisse a realidade...

Conceição estava dormindo... Os lençóis cercavam-na como um ninho de *édredon*... (20) Além de pequenina, ela se encolhia com uma timidez infantil. Cabia tôda num beijo.

A respiração, compassada pelo tique-taque do relógio de bronze, fugia-lhe tranquilamente pelas narinas, soando no meio do silêncio da noite como o adejo afastado de um beija-flor. Através da cambraia da camisa, que a cobria como uma lâmina transparente de neve, sentia-se o palpitar da puberdade. Pela gola rendada, saía até à raiz dos pequenos seios um busto fidiano de mármore côr-de-rosa, animado pela circulação ardente que lhe formigava as veias.

A beira daquele abismo de juventude e sedução, o duque cambaleava de vertigem...

Cada passo que dava era um arrependimento e uma vontade de fugir. A posição inocente da mocinha adormecida causava-lhe temor. Tanta candura fazia-lhe medo. Era pavorosa aquela virgindade!

Os cabelos soltos da moça esparramavam-se abundantes pelos travesseiros, emoldurando-lhe em ébano o rosto níveo, vagamente risonho.

Este rosto estava voltado para fora, na beirinha do leito, quase pendente, assim como um fruto que vai cair de maduro. Juntinho dêste semblante, castamente fechado como certas flô-

(20) Em francês, "édredon" significa uma espécie de colchão ou acolchoado cheio de penugem de um ganso do norte da Europa, chamado Eider. "Eiderdun" ("dun" é penugem em sueco) deu edredão, já incorporado, embora como galicismo inútil, à nossa língua. (Nota do "Clube do Livro").

res que se contraem durante a noite, estava a fisionomia esbraseada do fidalgo.

Entretanto, uma pessoa, que penetrara no quarto muito antes do duque e, sentada num dos ângulos da sala, vira-o chegar, sem que o sátiro desse pela sua presença, levantou-se da cadeira que ocupava e aproximou-se silenciosamente dêle.

O êxtase do fidalgo não o deixou perceber a pessoa que viera ficar de pé atrás de si.

No momento em que o duque, sem mais poder conter-se, se aproximou do leito, sentiu um pêso sôbre os ombros e caiu de joelhos.

— Não se levante! — ordenou a voz meio contida, mas ferozmente enérgica.

Aterrado, o duque de Bragantina ergueu a cabeça..

Era a duquesa!

— Não se levante! — repetia ela, nervosamente. — Peça perdão à sua filha!

— Minha filha! — gaguejou o duque, fulminado pela aparição da mulher.

— Sim, sua filha, desgraçado!... A mãe acaba de morrer, miseravelmente, viúva de um de seus lacaios... e me contou tudo!

*

Daí a sete dias, dava-se a liberdade a Manuel Paiva e aos indivíduos suspeitos do crime.

A língua da criadagem murmurava que, no dia seguinte ao da descoberta do crime, o duque se levantara acabrunhado como um doente; que recebera a visita do dr. Lauro Trigueiro; que começara a dizer, então, que as jóias tinham sido encontradas.

Era o caso que o chefe de polícia, visitando Paiva na Casa de Detenção, o ameaçara com energia, dizendo-lhe que o duque o reduziria à última miséria, se não revelasse o lugar

onde estavam escondidas as jóias. O criminoso, exigindo garantias de impunidade, confessou e declarou que o “tesouro da Coroa” estava enterrado num lugar que êle mostraria.

Senhor destas disposições de Paiva, o dr. Trigueiro correu a comunicá-las ao duque.

Encontrou o fidalgo de mau humor como nunca lhe conhecera.

Com as novidades do chefe de polícia, o duque ficou mais irritado. É que o senhor de Bragantina, profundamente abalado com a surprêsa que tivera em casa de Paiva, temia que a permanência dêste em detenção, desse lugar a comentários, os quais, somando-se aos murmúrios necessariamente provocados pelo procedimento da duquesa, levantariam um rumor terrível ao redor do seu nome.

— Participe ao Paiva — disse, rapidamente, o duque ao chefe de polícia — que, daqui a sete dias, êle estará livre e virá desenterrar as jóias... É só o tempo de se buscar provas de culpabilidade ou de inocência... Isto é o que o senhor dirá se, por acaso, algum estranho perguntar por que estiveram presos tão pouco tempo. No fim de contas, não foram as provas que fizeram conhecer-se o criminoso. Foi uma suspeita que ninguém teria o direito de levantar. A polícia fui eu. Depois, o negócio acabou maravilhosamente... Para dar algum colorido característico, eu expulso de meu serviço o criado particular e o Inácio. Ao patife do Paiva, o mais que posso fazer-lhe é deixá-lo no ofício para que algum dia um cacête honesto lhe esmague a nuca, em qualquer esquina do arrabalde... Veja que sou justo...

*

Tempos mais tarde, appareceu na mansão um caixeiro, procurando, afobadamente, Manuel Paiva e apresentando um cartão de visita com o nome de Aleixo de tal.

Mais tarde ainda, numa pequena festa que houvera na aldeola da propriedade, por ocasião do casamento de um laçao

do duque de Bragantina, a noiva, uma mocetona rechonchuda e corada, conversando com as amigas sôbre o roubo das “jóias da Coroa”, remexia os olhos e os ombros, dizendo:

— Era bem o que eu dizia.. Eu jurava que o negócio havia de dar em muita embrulhada ou em muito silêncio. Digam lá vocês se no palácio se toca mais no negócio dos ladrões... Depois da morte da sinhá Emília, que Deus a guarde na sua glória... Coitada, morreu nos braços da Senhora Duquesa, que fugiu da casa de Gertrudes como uma doida!... Só muito depois disso, é que me contaram, em segrêdo, que as jóias tinham sido achadas no quintal do seu Manuel Paiva e que o senhor marquês d’Etu andou muito contente, abraçando os inquilinos dos cortiços, feito maluco... Eu bem dizia, eu bem dizia...

FIM

O MODÉLO DE ANJO

I

Estava aberta a exposição.

O bonito frontispício da Academia de Belas Artes arregalava as janelas, como grandes olhos satisfeitos e, com fome pantagruélica, ia devorando a multidão que se lhe enfiava pelo pórtico. A fachada despia-se de sua melancolia de pedra, e parecia abrir-se num vasto sorriso. E as flâmulas e bandeiras fincadas nas cornijas como que atiravam das suas dobras multicolores punhados de alegria sôbre os que entravam.

Na área semicircular, que existe diante do edifício, apertava-se o povo, arquejante aos calores da mais límpida soa-lheira. Ali suave a impaciência, debatendo-se aos empurrões.

Acabava de ser franqueado ao público o ingresso no edifício.

O Imperador, que assistira à abertura da exposição acompanhado dos visitantes de convite especial, tinha já ido embora, feito a sua visita às salas de trabalhos; chegara a vez de todos. Todos queriam entrar.

Um homem, entretanto, conservava-se à distância e estava parado junto de uma das paredes do conservatório, olhando para o povo.

Distinguia-se pela alvura dos cabelos e das longas barbas, que um sol das três horas varava de cintilações de cascata. Trajava de prêto, calça e sobrecasaca, numa correção excepcional. Apesar de encanecido, êste homem tinha a pele fresca e pouco enrugada. Não podia ser muito idoso. Era simpático e de uma elegância esquisita. A cabeleira ia-lhe aos ombros, em duas ondulações reluzentes; as barbas caíam-lhe

artística e displicentemente abandonadas. Tinha uma das mãos no peito, em atitude napoleônica, e a outra segurando ao longo do corpo uma bengala de junco, castoada de prata. Semeava olhares por aquela multidão, que se sufocava por entrar no templo das artes. Um sorriso vago passava-lhe nos lábios:

— Que entusiasmo! — murmurou — Não me é possível entrar, hoje.

Essas palavras, ditas distraidamente, foram ouvidas pelas pessoas mais próximas, que o viram depois retirar-se, andando, compassadamente, e desaparecer na praça.

O interessante personagem encaminhou-se para a Rua do Ouvidor. No adro de S. Francisco de Paula, um moço, que passava, saudou-o, tirando o chapéu:

— Sr. Comendador!

Pouco mais adiante, um homem parou-lhe em frente. Era Victor Meireles.

O nosso comendador fez um gracioso cumprimento ao pintor, que, sem preâmbulos, perguntou-lhe:

— Então, *caro mio*, como vai a sua *Visão*? (21)

— Apenas, desenhada...

— Olhe, Giacometto, afianço-lhe que vai ficar um quadro sublime... Já se pode ver pelo croquis... (22) Aquêpe pequenino túmulo coberto de rosas, meio na sombra!... O jôrro de luz celeste, que cai da direita, vai dar ao quadro um brilho encantador. As roupinhas transparentes da menina e a túnica abundante e leve do anjo, que arrebatam a criança, através da luz, prestam-se para um conjunto majestoso, não falando nas lindas combinações de reflexos que virão por aí... Oh!... Eu imagino!... O seu quadro vai fazer barulho... Vamos ver aqui no Rio um painel religioso digno da Renascença...

(21) Em italiano, "caro mio" quer dizer meu caro. (Nota do "Clube do Livro").

(22) Em francês, "croquis" significa, debuxo, esbôço. O "Pequeno Vocabulário Ortográfico" da Academia Brasileira de Letras já registra o vocábulo, como adaptação do francês. (Nota do "Clube do Livro").

— Ora, Victor!...

— Qual, ora!... Eu não o conheço e você não me conhece?. Quem ouvir o que eu digo?... Entusiasmo e perseverança, que você terá um triunfo...

— Qual! Não espero grande coisa..

— Verá... E, depois, mande-o à Itália, para experimentar...

— Que homem para dizer coisas bonitas!... Verdade é que você me está animando... Eu hei de trabalhar com gosto, fique certo, olhe... Além do croquis do *schizzo* que você viu... (23) já executei estudos especiais das figuras... Já fiz na tela o desenho do conjunto... Encontrei, porém, uma dificuldade. Falta-me o modelo.. Quero dar ao meu anjo um rosto que seja ao mesmo tempo um reflexo dêste mundo e de outro; um meio termo entre o idealismo do sobrenatural e a realidade terrena; que faça sentir que o anjo é do Céu, mas acha-se na Terra; em suma, a fusão da beleza etérea com a beleza que se apalpa. Quero um rosto que se preste para receber os toques do meu ideal, uma carinha própria...

— Uma carinha de matar a gente — observou, rindo, Victor Meireles. — E não encontrou...

— Não é fácil... Não é fácil...

— Bem o vejo... Na Itália, fôra menos difícil. Há muita mocinha para modelo. Aqui, está-se como num deserto... Muita moça bonita. modelo. nenhum! Ninguém quer ser...

— Eu tenho um... talvez..

— Bonita?

— Admirável.. da cabeça aos pés...

— Que idade?

(23) Em italiano, "schizzo" tem o mesmo sentido do croquis, francês, e significa desenho não terminado. Aqui, o grande Raul Pompéia desejava expressar que o pintor se referia, modestamente, ao croquis do croquis, isto é, ao esboço de um desenho não terminado. (Nota do "Clube do Livro").

- Vinte e três anos.
- É muito... Em todo caso, se ela quiser.
- Pagando-se bem, ela quer.
- Se quiser e servir... Onde mora?
- Rua... n.º...
- Hei de vê-la... Preciso ver tudo.. Ando sequioso como um conquistador.
- Tem motivos...

Algumas palavras mais trocaram os pintores; depois, cada um foi para o seu lado.

O comendador, ou Giacometto, como o chamara Victor Meireles, entrou na Rua do Ouvidor e desceu até à dos Ourives, examinando com interêsse o semblante dos jovens transeuntes.

Pela Rua dos Ourives, dirigiu-se à da Ajuda, e lá entrou em um corredor do lado esquerdo.

II

Entremos. Tem-se primeiro que subir uma escada. No alto da escada, há uma pequena sala de recepção, forrada de azul, bem arranjada, que dá para uma outra sala, muito clara, muito arejada, com janelas para a rua e fisionomia de oficina. Grande mesa ao centro, coberta de pincéis, palhetas, tintas, rolos de tela, frascos de óleo e aguarrás, em grande confusão. Por volta, as paredes encobertas sob uma nuvem de quadros bem acabados, mas sem moldura. Nos cantos, diversos cavalletes com pinturas por concluir, dos quais destacava-se um maior sôbre o qual se via uma grande tela já riscada e com algumas pinceladas a êsmo.. Eis o interior da casa de Carlo Giacometto, um valente pintor, educado em Roma e Milão, que vira o dia na cidade do paganismo formidável e do catolicismo dos Papas, à sombra inspiradora do zimbório de S. Pedro...

Estava no Brasil, havia dois anos, sòmente. O seu coração de artista o trouxera.

Haviam-lhe falado de um grande país, onde o homem se compreende pequeno diante da grandeza esmagadora de tudo o que o cerca. Nesse país, não se sonha o ideal, porque o ideal palpita no céu profundo e azul, nas matas ínvias, na rocha esfolada pelas cachoeiras, e no sol que dá fulgurações a tudo. Ele quisera ver, sim, já que Giacometto era, de fato, um artista!

Tinha maneiras de olhar e movimentos, que pareciam estudados à vista de um ensaiador.

Estava sempre como que apertado num círculo de conveniências artísticas com que se dava perfeitamente. As próprias dobras do vestuário amarrotavam-se-lhe graciosas, tal qual se fôsem corrigidas a dedo. Um artista de periferia até ao âmagô.

Não admira, pois, que ele houvesse feito viagem ao Brasil por amor do belo.

Graças aos auxílios de Júlio Mill, um notável paisagista francês, que aqui viveu obscuramente e na obscuridade morreu, Giacometto estabeleceu-se. Fêz relações com os artistas mais distintos da nossa roda de pintores; arranjou discípulos e encomendas, que lhe davam bastante para levar uma vida sem tocar na pequena fortuna que possuía na Italia.

Até à época da nossa narrativa, Giacometto não tinha executado senão pequenos quadros e retratos, muito aplaudidos pelos conhecedores, mas impróprios para fazerem sensação. O seu êxito devia ser a *Visão*, o belo esboço que conhecemos.

Era encomenda de um rico visconde, que queria ter no seu gabinete a lembrança viva de uma filhinha, que perdera havia tempo. O visconde tomava imenso interesse pelo quadro, e não apertava os cordões de sua generosidade para recomendar o artista.

O motivo do quadro era delicadamente arrebatador, para uma alma como a de Carlo Giacometto. A recompensa era deslumbrante. Tudo convidava.

Carlo atirou-se à empresa com toda a vontade, com todo o fervor, com toda a consciência.

Não era para menos: estava em jôgo a sua reputação em país estrangeiro, a sua glorificação, talvez.

Em pouco tempo, estavam feitas as despesas urgentes: tintas, telas, pincéis novos. E Carlo preparava os croquis, ensaiando-se para a grande execução. O fogo do seu entusiasmo foi vivamente atiçado pelo aplauso dos artistas de renome que examinaram os croquis. Houve até um pintor que lhe pediu antecipadamente o pincel que rematasse o trabalho.

Giacometto começou. Traçou o desenho na tela. Apareceu-lhe, então, um sério embaraço. Faltava um modelo. Para a criança que ali queria pintar, levada para o Céu, possuía excelentes fotografias e as informações do visconde. Mas, o anjo?

Carlo daria à menina a expressão da felicidade sutil de além-túmulo, representada no sorriso indefinível e doce das crianças, quando sonham com flôres e passarinhos nos pequeninos sonos do berço.

A dificuldade era o anjo!

Para o rosto do anjo, convergiam os esforços do pintor. Aí, a sua verdadeira criação. Aí, o momento estético da concepção, por assim dizer; carecia-se de um modelo excepcional. Giacometto saiu à caça.

Apesar dos seus cinquenta e das octogenárias cãs, o pintor desenvolveu uma atividade de fanático.

Percorria as ruas, observando atentamente rótulas e sacadas com uns olhos sedentos. Nem uma só moça lhe escapava. Era como um conquistador de barbas brancas.

Uma vez, andou escandalosamente atrás de uma criadinha. Não pôde falar-lhe, a criadinha desconfiou e apressou o passo para casa. Carlo não insistiu. A mocinha, conquanto bonita, não era exatamente o seu ideal; além disso, não lhe pareceu de um branco muito puro. Não servia...

Em outra ocasião, parou muito à vontade diante de uma jovem senhora, que da sua janela via os bondes, e abanava vagarosamente um leque.

Quando a moça deu com aquêlê sujeito todo elegante de barbas côr-de-espuma ficou admirada, e, retirando-se viva-

mente, atirou-lhe uma risada. Giacometto não percebeu a desfeita. Mas sentiu.. aquela moça aproximava-se bem...

Passou-lhe pelo cérebro o pensamento de apresentar-se à jovem senhora. .

Por que não? O que lhe faltava era simplesmente uma pessoa que se quisesse deixar retratar em uma grande tela. Não se tratava exatamente de um modelo vivo.. Que dúvida haveria?..

Refletindo mais, lembrou-se da dificuldade em que se veria no caso de um exame de perto lhe mostrar que a moça não prestava. Com que cara havia de dizer:

— V Exa. não serve para meu anjo!

Giacometto não desistiu.

Desistir não é desanimar. E o pintor procurava. Visitou os arrabaldes, as ilhas da baía, fêz mesmo algumas vizinhanças.. Entretanto, quando alguém, que sabia da sua empreza, lhe perguntava:

— E o anjo?

— Não achei ainda — respondia.

III

Por êsse tempo, abriu-se a exposição de Belas Artes. Giacometto mandara alguns quadros.

Para ver que figura fazia o seu trabalho, no meio daqueles dos demais expositores, Carlo Giacometto foi visitá-la. No primeiro dia, não pôde entrar. Três dias depois, voltou à carga. Não havia a mesma afluência do primeiro dia. O pintor entrou.

Passou, rapidamente, os olhos pelas pinturas expostas na saleta fronteira à entrada, nessa, onde se via uma estátua de D. Pedro II, muito branco, de espada pendente à esquerda, fitando tranquilo um cavaleiro de bronze, que galopa nos ares ao longe e lhe acena com um rôlo de papel.

Seguiu, depois, pelo corredor que leva à pinacoteca; na porta da primeira sala, à direita, parou.

Tinha avistado um dos seus quadros.

Giacometto foi vê-lo de perto. Entretanto, seus olhos deram com uma grande tela pendurada à esquerda.

Um assunto delicado. Representava uma bela menina de catorze ou quinze anos, braços e ombros nus, debruçada numa janela, tentando quebrar com os dedos o pedúnculo de uma rosa. A janela ou trapeira era do tamanho da moldura, de sorte que a menina parecia inclinar-se para fora do painel. Tinha uma execução magistral êsse trabalho.

Giacometto sentiu-se prêso pelo quadro. Esqueceu, completamente, os sentidos. Era maravilhoso o semblante da menina que quebrava o pedúnculo e ria para o espectador!

O pintor consultou o catálogo que lhe haviam oferecido na porta do edifício.

Rezava assim:

— 64. Cópia do natural. Trabalho do sr. F. C. — Rua da Ajuda, n.º... Que felicidade! F. C. era um pintor seu vizinho que o tinha em muita consideração e se mostrava seu amigo.

Giacometto contemplou por mais algum tempo o belo quadro, e, depois, esquecendo completamente a exposição, retirou-se apressado.

Um conhecido, que o viu andando muito precipitado, perguntou-lhe:

— Aonde vai tão depressa, comendador?

— Já tenho o anjo! — respondeu êle, ignorando se falava a uma pessoa que soubesse do caso.

Em poucos minutos, chegava à Rua da Ajuda e batia à porta de F. C.

Veio recebê-lo uma espécie de criada, raquítica, sem sangue e sem carne, metida em uma saia cheia de rugas verticais, que se lhe escapava dos ossudos quadris, como de dois cabides. Parecia hem moça. Tinha, porém, o rosto escalavrado, o que lhe duplicava a idade.

— O sr. F. C. está em casa? — perguntou Giacometto.

— Sim, senhor.

— Quero falar-lhe.

— Entre.

E a magra porteira, retirando-se para um lado, deu caminho ao pintor.

Giacometto encaminhou-se logo para o estúdio de F. C. e foi surpreendê-lo em seu trabalho.

— Oh! Meu grande Giacometto! Que significa esta visita? Você custa tanto a aparecer!

— Sabe? Venho aqui por causa do meu anjo...

— É exato... Com certeza os do Céu não custaram tanto trabalho a quem os fêz... Mas em que posso eu servi-lo?..

— Vai dar-me o modêlo.

— Como?!

— É muito simples... Quem é o autor do quadro 64 da exposição?

— Oh!... Mas você não é homem de copiar.

— Sei... Sei... O que eu quero não é o seu lindo quadro; é o precioso modêlo que lhe serviu... Deve ser uma perfeição. É impossível achar-se coisa que mais satisfaça. É quase o meu sonho... Com algum fulgor mais na fisionomia... está feito o meu anjo... Diga-me quem foi o seu modêlo. Juro-lhe que qualquer despesa que haja de fazer não me amedronta.

Um sorriso amargo, inexplicável, aflorou no rosto de F. C.

— Ah, meu caro Giacometto, eu vou apresentar-lhe o meu modêlo... É a minha sobrinha, uma órfã que minha mulher acolheu. Está comigo há meses. Talvez você a tenha visto.

— Nunca! — protestou alto Carlo. — O meu anjo não passaria despercebido!

— Pobre anjo!

— Não o compreendo...

— Vai compreender... Espere um pouco..

F. C. afastou-se da tela, diante da qual conversava com Giacometto, e, oferecendo-lhe uma cadeira, desapareceu no interior da casa.

Instantes após, voltava, empurrando delicadamente pelos ombros a mesma criatura que recebera o nosso comendador.

— Aqui está o modêlo... — disse em tom de tristeza.

— O modêlo? — perguntou Giacometto, de um modo estranho.

F. C. confirmou com a cabeça.

A pobre mocinha curvava a cabeça com um acanhamento doloroso.

Esta cena foi de efeito fulminante para Carlo Giacometto. O coitado fixava na moça um olhar de alucinado.

— Ah! Meu bom Carlo, as bexigas podem arruinar um modêlo.

O artista da *Visão* deixou pender a cabeça e cobriu o rosto com a mão. Parecia um condenado.

As lágrimas corriam-lhe por entre os dedos e iam ocultar-se na longa barba.

*

No dia seguinte, o visconde, que fizera a Giacometto encomenda da *Visão*, recebeu uma cartinha:

“Meu caro Sr. Visconde. Com profundo pesar, declaro a V. Exa. que não me é possível de modo algum satisfazer a vossa honrosa incumbência etc... — Carlo Giacometto”

O visconde recorreu a outro pintor.

(“Gazeta de Notícias”).

TRÊS CAPÍTULOS DE “PANDORA”

COMO NASCEU, VIVEU E MORREU A MINHA INSPIRAÇÃO

(Página arrancada do livro de lembranças de um Esculápio)

I

Eu ia vê-la naquele dia. O dia dos seus anos! Devia estar esplêndida. Ia completar o seu décimo-sétimo ano de um viver de alegrias.

O meu presente era simples: uma gravatinha de fita azul; mas havia de agradar-lhe. Era o meu coração quem o dava. Ela o sabia. Sabia, também, que o coração de um estudante não é rico. Dá pouco, mesmo quando dá bem.. Ela desculparia. Que noite ia eu passar! Dançaríamos muitas vêzes juntos, a começar da “segunda quadrilha”...

Preparei-me. Empomadei-me; escovei-me; perfumei-me; mirei-me; etc. etc. Conclusão: estava *chic*. Mas eram cinco horas e eu não queria chegar antes das sete. Fazer-me um pouco desejado. que é que tem?. Todavia, faltava bastante tempo!.. Em que poderia ocupar-me, a fim de passar essas duas longuíssimas horas? Que fazer?...

Impaciência e dúvida: dois tormentos a me angustiarem...

Eu passeava pelo meu quarto, deitando vagamente uns olhares pelos meus desconjuntados móveis: aquelas minhas cadeiras, lembrando a careta de choramingas a entortar o queixo; a mesa, gemendo sob um mundo de livros desencapados e

sebentos; a minha toalete, quero dizer, um velho compêndio de anatomia com uns frascos por cima e um espelho pequeno pregado na parede; a minha cama com a coberta a escorregar lânguidamente para o chão... Continuava a passear.

Olhei ainda uma vez para o espelho e sorri, vendo lá dentro a minha gentil figura, partida em quatro por duas rachaduras cruzadas no vidro... Que fazer?...

Debrucei-me na janela. Em baixo, a rua, a atividade prosaica das cidades de alguma importância; idas e vindas e mais vindas do que idas, por causa da hora, que era a de jantar (por tocar nisto... eu não tinha ainda jantado; era o que me cumpria fazer; mas o meu plano era economizar um jantar, vingando-me, à noite, nos *buffets* da menina...) Meus olhos corriam pela rua como andorinhas brincalhonas. Depois de percorrerem o quarto, andaram de novo pela rua em busca de resposta à minha pergunta: — Que fazer?...

Por fim, foram esbarrar no frontispício da Igreja de... Começaram a subir... Brincaram nas janelas; contaram quantos vidros havia; examinaram os enfeites de arquitetura... Subiram mais, percorreram os sinos, o zimbório e foram pou-sar no paraíso.

Estavam quase no céu. Daqui para ali, menos de um passo. Os olhos lá foram. Mergulharam-se erradios no azul... Que fazer?...

Ora... enfim! Estava achada a resposta! Por que não veio ela mais cedo, não o posso explicar... Os meus olhos estavam no céu. Era por uma tarde encantadora. Que côr a do firmamento nesta hora! Que abóbada incomparável a cobrir a rua!... Depois, aquelas nuvens, mimosas, desfiando-se nos ares, como brancas meadas de lã nuns dedos sedutores... O Sol a descambar, batendo de través na poeira levantada do chão pelos carros. Que magníficas cortinas desdobrava pelas janelas das habitações, velando-as como que de douradas gazas!

No horizonte, por sôbre a última linha de telhados e chaminés fumegantes, como se ostentavam aquelas colinas de um azulado branco, feitas vapôres tênues! Como se recortavam

sem fazer uma só volta que não fôsse demorada e graciosa como as curvas de um esbelto corpozinho de donzela!

Oh! Do quarto para fora, tudo o que se prendia aos céus por um raio de luz ou por uma ponta de vaporoso véu, tudo respirava a poesia... Eu achara a resposta. Que fazer? Versos!... Feliz achado!... Um soneto ou alguns alexandrinos... qualquer coisa que me desse claro testemunho do meu amor. O laço de fita com que eu ia mimosear o meu anjo era azul... Ótimo! Sôbre o laço, um soneto!..

Ouro sôbre azul! Com certeza, não dançaríamos sômente (eu e ela), trocaríamos o primeiro beijo! Não êsse beijo insípido que se dá ao sabor da brisa, entregando-se-o nas pontas dos dedos, mas um ósculo açucarado de lábios ardentes. Sôbre a macieza de uma face. Um ideal realizado. Uma coisa assim como o contacto com um jambo que houvesse roubado o veludo ao pêsego.

— Bravo! Já estou quase deitando verso de improvisol — exclamei eu, notando a minha exaltação. — Venha papel! Venha pena! Cérebro, sonante como o teu companheiro, o coração! Não brigueis desta vez como é do vosso costume... Somai-vos um com o outro e vertei nesta fôlha de papel alguma coisa que não horrorize a Petrarca.. Espírito de Dante, eu te evoco! Vem com aquêlo fogo que em ti acendia a tua celeste Beatriz! Dirceu, corre também em meu socorro! Poetas, antigos e modernos, acorrei todos! Musas, vinde com êles! Transportai-me nesses êxtases que vos deram a imortalidade na memória dos homens!... Nascera-me a inspiração! Ia metrificar alguma coisa que devia maravilhar os críticos... (à parte a modéstia, isto que escrevo não é para o público). Mas, eu me sentia um pouco acima de mim mesmo... Sem dúvida, era essa sensação mística, a qual experimentam tôdas essas cabeças de gênio, um momento antes de dar à luz qualquer produção sublime..

Molhei a pena, com um movimento nervoso. A minha impaciência (confesso-a) não era então para chegar à casa do meu "bem", era para gravar no papel aquilo que me ardia no crânio.

Molhei a pena.

Oh! Desgraça! A infame pena, que trouxe na ponta um pingo de tinta, trêmulo, ameaçador... Desviei-a violentamente... Foi a minha perdição..

Olhei triste para o meu punho esquerdo... Estava descansando sôbre a fôlha de papel, quando o pingo... Maldição! Ainda, havia pouco, tão alvo, luzidio como porcelana!.. Agora, como uma feia nódoa a circular, negra. negra, de quase uma polegada de diâmetro e ainda a infiltrar-se pelo linho, a tomar cada vez mais vulto!..

Pobre camisa!... Estragada!... Mas, pobre de mim!... Esse pingo era uma catástrofe. Aquela camisa era a única. Única! Triste verdade, cujas consequências me desesperaram.

— Adeus, meu anjo! — disse eu, sem poder engolir um soluço.

Já não me era possível ir vê-la. Nem um companheiro morava comigo. Se morasse, talvez o mal fôsse remediável. Mas, não! Não havia esperança!... Comprar outra?.. Onde? Era um domingo... Com que dinheiro?. Era um fim de mês. Não havia esperança.

Aquêlê beijo, que sonhei num instante de ebriedade, desfez-se-me no espírito como a má impressão de um R. Não era só isto. A minha ausência seria notada pela menina. Que pensaria ela? Talvez que eu, por mesquinho, quis poupar-me a despesa de oferecer-lhe qualquer coisa...

— Mesquinho, nunca! — gritei eu. — E o meu presente, a gravatinha de fita azul de muito dinheiro?!

Dúvidas me atormentavam:

— Um baile leva a uma casa tantos pelintras.. quem sabe se ela não se agradaria de alguns dêsses belos, esquecendo-se de mim? E teria razão. A abelha, se aqui não encontra mel, vai buscá-lo acolá...

Momentos dolorosos os que passei nessa tarde! Depois de todos os pensamentos que me assaltaram brutalmente, a primeira reflexão foi a de lembrar-me do meu sonêto...

— Sonêto, para onde tu foste?

Mais êste golpe: — a minha inspiração morrera. Eu não sentia mais a exaltação auspiciosa de alguns minutos antes. Tudo perdido! Fôra-se tudo!

Eu a vi e jurá-lo-ei, se me não acreditarem, eu vi essa corja do Parnaso, Poetas e Musas, fugirem-me do quarto! Eu vi as sirigaitas de saias arregaçadas a correr, e os idiotas irem-lhes após, sobraçando liras, como os traquinas das escolas públicas, quando disparam pelas ruas de lousa no so-vaco...

Nessa mesma tarde, fui à janela outra vez. Estava aflito e superexcitado. Parece-me, até, que tinha os olhos úmidos. Pus-me a contemplar os transeuntes. Cada um que passava, afastando-se para os lados da morada do objeto dos meus devaneios, parecia um convidado do baile. Tortura!

Em seguida, avistei a maldita tôrre, por onde os meus olhos haviam subido ao céu que me inspirara a negregada lembrança de poetar.

Era o fim. A desgraça de que fôra vítima fêz-me esquecer o jantar, que positivamente era só o que eu devia perder, indo à festa. Não comi e não reparei nisso. Tornou-se inútil "vingar-me" da minha economia. Se nesse particular não perdi, no resto ganhei.

A minha querida (soube-o depois) nem perguntou por mim na festa. Estêve alegre. Encontrou quem lhe agradasse (um sujeitinho com quem vai casar). Melhor. Já estou consolado da desgraça, um mal que me veio para bem. Livrou-me de uma levianazinha.

O aborrecimento que hoje me causam os mesmos objetos, que tanto me entusiasmaram naquela tarde, veio matar umas pequenas veleidades poéticas que ainda restavam...

Estou descrente...

Agora, acabou-se... Só estudo; *ergo*, ganhei.. Estou na expectativa de um fim de ano esplêndido..

Mais uma palavra. A gravatinha de fita azul... guardo-a. É um talismã...

II

COMÉRCIO DE FLÔRES

— Flôres! Quem quer flôres?

Tôdas as noites ali, principalmente as invernosas, quando são mais belas as flôres, tôdas as noites à porta do teatro.

A alegria passara. Cavalheiros brilhantes de alvos peitinhos pontuados de pedras rútilas, senhoras graves, coradas de sangue feliz e rico; as beldades brejeiras, de uma em uma, picando o espaço com os finíssimos borzeguins feéricos, deixando na areia do átrio vestígios mínimos como os pés das corças; outras em atropêlo, tossindo risos de dodivanas, permutando palavras confusas de estranhos idiomas, confusas e quentes como um hálito de uma alcova, como o rápido fulgor das cabeleiras louras que se agitam na passagem, felizes, felizes e louras como a madureza dos trigos e a opulência das messes.

Quando a chuva caía, eram ainda alegres.

— Flôres! Quem quer flôres quando chove?

Como são belas as flôres quando chove!...

E elas passavam, as mulheres louras, agasalhadas nas mantilhas espessas, veludas, que lembravam as friorentas ovelhas despidas.

— Quem quer flôres?

Tão rápidas e a fugir do inverno, que não lhe compravam sequer um ramallete! Entretanto, a pequenina mostrava, no tabuleiro de fôlha de dois fundos, que lindas coisas! As violetas, pèrpetuamente murchas como o sorriso dos pobres, mas que vão tão bem à mão de luvas claras, com o segrêdo artístico dos contrastes... Quando não tinha, para os menos contemplativos, as rubras rosas como gargalhadas prêsas,

vivas, rocejadas da chuva, luzindo ao lampião de gás, como de um orvalho de topázios, bebendo a frescura d'água, no tabuleiro verde do flandres; vivas, à noite, como se guardassem nas pétalas todo o esplendor de um dia.

Ninguém comprava. Apenas, o tentador, o mau!... Aquêlé elegante dissimulador, que olhava, falando para outra banda, e torcia o bigode. Comprava tudo, mas que lhe fôsse vender em sua casa... De que maneira ter às mãos tantas flôres se as comprasse ali?

Quem sabe, tem a miséria um encanto próprio. Talvez fôsse a menina sedutora, de algum sabor amargo, novo. Ah! O tentador, o mau! Voltava, sempre, como um pêndulo que tonteia!

Era bela a vendedorazinha. Quinze anos. Miúda, como de onze, feita porém como as mulheres em ponto.

Nas faces, três sinais sanguíneos. Bela, dêsse capricho de formosura que parece uma ironia da necessidade, redonda como as camélias dobradas, que às vêzes vendia; diríamos nutrida, se não fôsse a fome. Tinha os dedos roídos da agulha.

À tarde, uma senhora dava-lhe flôres para vender.

— Quem quer flôres?

Ninguém comprava; tinha a mãe doente, um incêndio de febre na testa, delírios, desmaios. Ninguém comprava! Quando voltou a casa, tinha morrido a enfêrma.

E ela não teve uma flor para enfeitar a morta; o tentador comprara tôdas.

III

O CULTO

Acabara o bom rei, ante o reinado de uma agonia.

Houve, talvez, na pátria um movimento de desafôgo. Aquela mão pálida, que cedo se havia de imobilizar na estreiteza de um esquite, era forte ainda para estender sôbre os arsenais inquietos um galho de oliveira, e era impotente con-

tra os ódios e as ambições armadas aquêlo gêsto que parecia acenar de além-túmulo, das regiões da eterna concórdia.

Rolem, avante, agora, o Danúbio e o Reno, caudais de guerra. Os homens de coração guardam a memória do soberano, que aproveitou a exaltação para ensinar o programa da paz como o melhor futuro, para ouvir a queixa dos oprimidos da conquista, para exemplificar, de cima, a constância no sofrimento, que governou bastante — quem pode prever? — para incluir na história dos sábios reinados uma agonia coroada.

Sentia-se esta meditação saudosa na cerimônia, no pequeno templo.

Não eram exéquias de um rei guerreiro, de rumorosa glória. Rememorava-se um príncipe que o foi para a bondade apenas, um pensamento modesto que, menos que à metrópole sequiosa do futuro e de domínio, devia ferir o patriotismo da remota colônia, suavizada da ausência e da nostalgia.

E, com as cabeças louras que entravam, fronte pensativas, lembrando gravuras ideais, olhos azuis que vinham como uma invasão do céu, de mistura com os cânticos e a vocalização plangente do órgão, reconhecia-se a Alemanha rude dos combates e do equilíbrio europeus — a serena Alemanha da metafísica, da música.

(De "Autores e Livros" — Correio da Manhã).

PAISAGEM

(Fragmentos)

.....
"A natureza revelou-se ainda sombria.

Na outra manhã, choveu cedo. Não era chuva de correr. Naquelas alturas, está-se, talvez, muito perto do céu, para que a chuva se possa formar inteiramente. Em vez do aguaceiro, é quase a própria nuvem que molha. Dir-se-ia que era o mesmo nevoeiro da última noite, que se espessara mais e se coagulara, enchendo o espaço de uma grossa polpa de umidade.

Ao redor, tudo tinha desaparecido em névoas alvacentas. Às dez horas do dia, reinava, apenas, no ar, um clarão fraco como uma simples demora da alvorada. As telhas em torno da casa lacrimejavam com um barulho monótono de adormentar. As fôlhas do arvoredado gotejavam igualmente, as mais altas sobre as mais baixas, produzindo de dentro das árvores um murmúrio contínuo de crepitação branda. Sob a minha janela, que ficava exatamente por cima da porta da entrada, o pingar das goteiras levantava do alpendre de zinco um rumor de tambores ao longe.

Por volta do meio-dia, a chuva cessou, ficando o nevoeiro, somente.

O nevoeiro à noite é triste.

De dia, é triste do mesmo modo, mas junta a essa tristeza uma impressão de tédio, que acabrunha.

Apenas passou a chuva, começou a mover-se o panorama branco e a dilacerar-se. Abriam-se imensas fendas oblíquas

na névoa, através das quais se via, por momentos, verdejar o fundo distante do vale. Imediatamente, por cima, uma avançada de colunas vacilantes, que vinham de pé como fantasmas colossais em marcha, nova impressão de nevoeiro precipitava-se por cobrir os claros surgidos.

As vezes, nas alternativas dessa luta fantástica, sucedia abrir-se uma boca-de-cena, rasgadamente, verdadeiro efeito de ribalta, e um túnel profundo perfurava aquela imensidão da lívida vista de colinas, com as lombadas de barro úmido e de verdura molhada. Então, havia moles de vapor suspensas, acabando em retalhos esfarrapados, compridos, irrequietos, que se torciam como raízes vivas arrancadas, buscando um apoio a que se prendessem de novo.

As vezes, o nevoeiro cavava-se do lado do céu e a casa parecia dentro, ao fundo de imenso poço de porcelana vagamente translúcida, cujos bordos superiores se delimitavam contra um disco de claridade fulgurante, que brilhava ao alto denunciando o Sol, lá em cima.

Havia momentos em que os vapores pareciam repentinamente mais densos, mais pesados e precipitavam-se, violentamente, para as baixadas do vale, esgarçando-se violentamente pela ramaria das árvores e das moitas. Outras vezes, inesperadamente, um pano de brumas ameaçava adelgaçar-se em transparências, e todo um lado do panorama sobre uma colina se apresentava em vago esboço, como uma miragem de frondes copas e esbeltos cajueiros. O perfil das árvores, nessa transparência, formava-se, desmanchava-se com uma mobilidade palpitante de visão sonhada, como um sonho de paisagem, como uma esquivança incerta de aparição.

O nevoeiro do mau tempo tem uma grande diferença do nevoeiro seco das selvas. Ao primeiro, sente-se-lhe a profundidade óptica, que naufraga na espessura lívida da fumarada; existe a perspectiva sonora. Ao fundo dos bosques, há o canto dos pássaros, que enche o espaço, mas que se distribui certo e harmonioso, com uma oportunidade de orquestra, cantando mais forte os pássaros mais próximos, cantando mais branda-

mente os que mais longe cantam, até que os que gorjeiam no horizonte não nos mandam mais que um murmúrio zumbido, vastíssimo, igual, como rumor de colmeia.

Desta sorte, a topografia acusa-se. Fitando o gorjeio da passarada, analisando-lhe a intensidade diferente, sente-se a distância abismar-se dentro da brancura misteriosa da névoa; sente-se o campo fugir; sente-se a colina fronteira, e a outra além; sente-se baixarem, crescerem em relêvo os acidentes da região, delineados sôbre o plano sem limites da sonoridade.

O nevoeiro chuvoso fecha-nos de todo, como uma parede. É cego e surdo. Dentro, aí, não há pássaros. Todos os cânticos da selva parecem afogados no dilúvio das grossas nuvens.

Agora, prestando muita atenção, percebo um pássaro que canta, um pássaro em gaiola, sem dúvida, em alguma choupana. Único? Não. Ouço, também, à distância, o grito de ferro de uma araponga. Um beija-flor chega violentamente, nascido da cerração, e vem com um zumbido de besouro voejar por entre as madressilvas do terraço. A peitica melancólica solta a tempos iguais o seu pio agourento.

Êstes raros sinais de vida, através da neblina, vão cessando, gradualmente. Também o movimento das névoas se inicia, porque a chuva recomeça. E, num vasto silêncio fúnebre, sôbre o qual se destaca, apenas, o rebater das goteiras no zinco do alpendre, todo o quadro universal do nevoeiro, na sua monotonia infinita, é igual e diáfano.

Não sei que penetrante analogia me impressiona no espetáculo das névoas flutuantes, que vão sem rumo e sem forma pelo ar; que se conglobam, que se dispersam; que se derramam de cima como a dissolução do céu sôbre a terra; que se elevam da relva como se o solo fumegasse; que tombam em silencioso desmoronamento e que se erigem, súbito, em fabulosos castelos como por efeito de uma sugestão de sonho; que se equilibram em tôrre e se rojam depois no chão, larvejando, retorcendo-se em convulsões de réptil; que vivem, materialmente, e sem nenhuma propriedade da matéria; silenciosas,

impalpáveis, ilimitadas como sombras apenas, nem isso! — que seria demasiado concreto — como a pura transparência, como deveriam avultar os espíritos, se tomassem corpo e se nos afigurassem, contudo, na imagem indefinida da materialidade; como formas, se é possível dizer, de abstrações com um aspecto inexprimível de representação psicológica, a ponto de se não saber decididamente se existe de fato na natureza, ou se apenas as sonhamos em nosso coração; espécie de cena moral da tristeza no mundo, tristeza difusa, sentimento disperso, ou antes matéria cósmica de sentimento sombrio que ainda há de existir, ou que tem já existido.

Tristeza! Foi a analogia entre esta cena do nevoeiro e certo estado de tristeza do coração o que me impressionou, o estado do meu coração que tão bem me dispõe a compreender a névoa do meu sentimento, a identificar-me por simpatia com a névoa das alturas.

A névoa é difusa. Não se lhe distingue a linha nítida de uma significação, o perfil ideal de um aspecto que se definia. Assim é o perfil de melancolia que me abate. Névoas do coração.

À semelhança desse estado d'alma, abstração de abstrações, é que eu sinto o nevoeiro.

O nevoeiro é o sonho triste da natureza, o qual a torna vaga e visionária durante o dia, como pelas noites de luar, que a aeriza, que a torna irreal, que a dissolve tôda no aspecto indistinto de uma miragem vazia.

Não há mais formas; há, quando muito, intenções de formas. O universo inteiro tem volvido à nebulosa primitiva e tenta renascer, às vêzes. Então, vão-se criando arvoredos e montes, que surgem, que ressurgem, que se mostram, que se dissolvem! O mundo cria-se lá dentro na obscuridade, e quer nascer por tentativas, como a gênese receosa de um deus inexperiente e tímido. E nada se distingue existindo, nada existe.

Assim é o aniquilamento da alma, o desânimo da consciência em que as tristezas nos deixam.

Triste psicologia da montanha! Bem sei o que vale êste retiro sob a glória capitosa de um dia límpido. Quero, porém, a montanha, assim, no seu nevoeiro, a monja da eminência na sua túnica branca. A vida aqui deve ter essa feição.

A glória da luz é contraditória aqui. Para se a harmonizar com a solidão é preciso que nos pese n'alma a compreensão moral do nevoeiro. Solidão, soledade!

A contrição é naturalmente a alma dos solitários. O nevoeiro é o ambiente da contrição. Bem fizeram os religiosos, outrora, erguendo pelas alturas melancólicas os seus mosteiros, entre as perpétuas névoas e os gritos das águias invisíveis."

(*"Revista Brasileira"*).

DE MADRUGADA

(*Microscópico*)

I

“Tap, um lindo perdigueiro malhado, era o cão pertencente a um vizinho, e o meu vizinho um esquisito, dêsses homens que fazem não se sabe o quê, e vivem não se sabe como, isto é, cosendo o manto das aparências ricas com as misérias íntimas. Viu-se-lhe a família a rir, a rir nas festas, enfaixada nas sêdas, e não se via se chorava, quando a chitinha doméstica substituía os tecidos faustosos. O meu vizinho Ricardo, êsse o seu nome, por seu lado, era alegre, de uma alegria frenética, nervosa, isto é, em sociedade. Concentrado em seu gabinete, era um abstrato meditador, e um meditador triste.

II

Tap não o abandonava nessas horas de melancolia; o generoso cão entrava no quarto do dono e, pé ante pé, ia enrodilhar-se junto da poltrona de Ricardo. Punha-se a fitá-lo imóvel e interrogador. A melancolia do dono parecia influir na existência do pobre animal.

Tap ia perdendo visivelmente o curvilineado elegante das formas e começavam a emergir-lhe na pele umas saliências ósseas de mau desenho.

Era uma pena, ver-se aquêlê homem e aquêlê cão, cruzando às vêzes um olhar môrno e cheio de tristeza, isolados na meia sombra do quarto. Felizmente, ninguém surpreendia tais cenas.

III

Esta noite, um rumor despertou-me. Era a minha pêndula, que dava horas. Não me foi possível contar as pancadas. Saltei do leito e com um fósforo iluminei o mostrador do relógio. Eram quatro horas. Boa hora de levantar-se para quem gosta de o fazer bem cedo. Contrariei com o esforço a preguiça da madrugada, que me entorpecia, e preparei-me para um passeio. Devia ser agradável. Ao menos, divertido. À hora em que o Rio de Janeiro salta n'água na Guanabara para os seus mergulhos higiênicos, sempre se tem o que ver.

IV

Saí.

V

Uma hora mais tarde, minha curiosidade de passeante foi atraída por uma coisa extraordinária.

Eu costeava o cais da praia d. . . . Num ponto em que o pequeno muro de cimento faz uma entrada para o mar, num remanso, onde as algas apodrecem e dormem as ondas, vi uma sombra a saltar do chão para o muro e do muro para o chão, de um modo aflitivo, soltando como que gemidos, espiando para o mar, tentando pular e com medo. A luz do dia que chegava e as estrêlas, que fugiam, deixaram-me enxergar. A sombra era um cão: o perdigueiro malhado de meu vizinho. Uma pancada forte senti no peito.

VI

Encaminhei-me depressa para o local. Antes de lá chegar, vi o cão atirar-se para o lado do mar e sumir-se.

Corri. No ponto em que estivera Tap, eu inclinei-me. Descansei os antebraços no cimento do cais e examinei o mar.

Fazê-lo e recuar foi coisa de um segundo. Lá em baixo, boiava um cadáver de costas para cima, com os braços abertos. Perto dêle, o perdigueiro debatia-se, tentando puxá-lo.

VII

Entretanto, brilhava a aurora, vermelha como uma chaga, derramando nas ondas as côres da tragédia.

Eu vi sôbre o parapeito do cais um objeto branco. Era um envelope.

Fugi.”

(“*Gazetinha*”, n.º 32).

próxima edição do

CLUBE DO LIVRO

constituirá, no gênero, um verdadeiro acontecimento editorial, com a empolgante obra de J. Riss

O POÇO

páginas de legítimo "suspense", revelam-se como autêntica obra-prima no setor literário correspondente e são prefaciadas pelo escritor Jacob Penteadó.

AGUARDEM

O POÇO

O LANÇAMENTO DE MAIO DO CLUBE DO LIVRO

LIVROS DO 2.º SEMESTRE DE 1961

Julho: CONTOS FLUMINENSES — III — Machado de Assis.
Agosto: AS AVENTURAS DE HUCKLEBERRY FINN — I — Mark Twain.
Setembro: AS AVENTURAS DE HUCKLEBERRY FINN — II — Mark Twain.
Outubro: O CAPITÃO JAGUNÇO — Paulo Dantas.
Novembro: A FEITICEIRA — Massimo D'Azeglio.
Dezembro: A LOURA HUBERTA — Alexandre Dumas.

LIVROS DE 1962

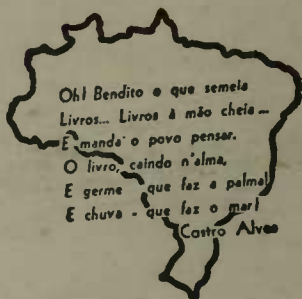
Janeiro: TEMPO DAS ÁGUAS, Afonso Schmidt.
Fevereiro: A MÁSCARA, N. Calopine.
Março: A PROVINCIANA, Vicente Ruggieri.
Abril: AS JÓIAS DA COROA, Raul Pompéia.
Maio: O POÇO, J. Riss.
Junho: ÁFRICA SEM LUZ, Maria Archer.
Julho: HISTÓRIAS SEM DATA, Machado de Assis.
Agosto: O ÚLTIMO DOS MOICANOS — I — J. Fenimore Cooper
Setembro: O ÚLTIMO DOS MOICANOS — II — J. Fenimore Cooper
Outubro: UM NOME NA AREIA, Maria Isabel Germano
Novembro: A TERCEIRA MULHER, H. Sienkiewicz (Prêmio Nobel)
Dezembro: A PRINCESA DE CLÉVES, M. de La Fayette

VIAGEM À REGIÃO DO
Cláudio de Souza, Muio;
Oscar Wilde; Junho: ASSIS
Julho: CASA VELHA,
Agosto: PORT-TARASCON
tombro: UM ANO EM FLO
Outubro: O SERTANEJO,
Novembro: O SERTANEJO
car; Dezembro: O REI D
Edmundo About.

1953 — Janeiro: DEDO N
Schmidt; Fevereiro: OS FU
Doyle — Março: O MAN
Anatole France; — Abril:
— Ranulpho Prata —
Walter Scott — Junho: I
Scott; — Julho: A MÃO E
de Assis — Agosto: SENH
Tolstoi; — Setembro: A I
E M. de Vogué; — Outubr
GLÓRIA, José de Alencar
RES E VIAGENS DE
Joaquim Paço D'Arcos; —
VIO FANTASMA, R. L. S

1954 — Janeiro: SÃO I
AMORES — Ilustrado
Fevereiro: O 61.º SEGUN
Março: HISTÓRIA DE
Feillet. — Abril: O REI D
Nelly Cordes — Maio: O
I — Charles Dickens; Jun
— II — Charles Dickens;
CIO, Machado de Assis; A
Turguenieff; Setembro: O
TE, O. Oppenheim; Outubr
ANTIGO, Cláudio de Souza
JEM DE LUÍS XIV, P. de
AS AVENTURAS DE TO
Twain.

1955 — Janeiro: MISTÉRIO
Afonso Schmidt; Fevereiro
MENTE, Flavia Steno;
QUE COMPROU LONDRES
FILOMENA BORGES, Alu
VIDA E AVENTURAS DE
SOÉ I (Completo), Defoe;
AVENTURAS DE ROBI
(Completo), Defoe; Julho
MEIA NOITE, Machado de
GEM AOS IMPÉRIOS DO
Grano de Bergerac; Sete
Hansum (Prêmio Nobel);
NOS TRÓPICOS, Cecílio C
O INIMIGO DA SOMBR
Dezembro: O PRÍNCIPE
Stevenson.



Oh! Bendito o que semeia
Livros... Livros à mão cheia...
É manda' o povo pensar.
O livro, caindo n'alma,
É germe - que faz a palma!
É chuva - que faz o mar!

Castro Alves